Adolfo Bezerra de Menezes

A Loucura sob Novo Prisma

(Estudo Psíquico-Fisiológico)

FEESP
Federação Espírita do Estado São Paulo



Camille Pissarro
Paisagem de Chaponval

Conteúdo resumido

Tem sua primeira edição em 1920, pela tipografia Bohemias. Estudo de caráter psíquico-filosófico aprofunda a pesquisa espírita, comprovando o pensamento como função específica do espírito, sendo a loucura resultado, em alguns casos, da ação fluídica de espíritos desencarnados sobre o espírito encarnado.

Sumário

Apresentação

As "Edições FEESP" têm a indizível satisfação de apresentar mais uma edição da obra "A Loucura sob novo Prisma", de autoria do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro.

Escrita no último quartel do século passado, esta obra é de inquestionável atualidade, enfocando, em seu texto, interessantes explicações sobre a loucura, detendo-se prolongadamente na análise da loucura sem lesão cerebral, quando ela ocorre devido à interferência de Espíritos menos esclarecidos, mais conhecida por obsessão ou possessão espiritual.

Por isso ele afirma a certa altura do livro: pelos meios espíritas, que nos dão a ciência da loucura por obsessão, é que podemos fazer, com segurança, o diagnóstico diferencial desta espécie, ainda desconhecida da Medicina, que a confunde com a loucura por lesão cerebral. E, uma vez feito aquele diagnóstico, cumpre aplicar-se à obsessão um tratamento especial, como é de lógica rigorosa. Esse tratamento é misto, isto é, moral e terapêutico, principalmente moral. No princípio, enquanto os fluidos maléficos do obsessor não têm produzido lesão cerebral, deve-se procurar elevar os sentimentos do obsediado, incutindo-lhe na alma a paciência, a resignação e o perdão para seu perseguidor, e o desejo humilde de obtê-lo, se em outra existência foi ele o ofensor.

Temos a certeza plena de que "A Loucura sob novo Prisma" representará mais um contributo das "Edições FEESP", para que as bibliotecas espíritas e de pessoas leigas interessadas na matéria não fiquem desprovidas de subsídios tão valiosos, escrito por um médico que, no século passado, destacou-se pelos seus elevados dotes morais e pelo seu acendrado amor ao próximo. Bezerra de Menezes escreveu

com amplo conhecimento de causa, pois, como espírita que era, compreendia a ação que os Espíritos desencarnados exercem sobre os encarnados, chegando ao ponto de fazer com que as obsessões espirituais se apresentem com todos os caracteres de verdadeira loucura.

A Editora

Introdução

Levados pelo princípio, que julgam ser uma lei natural, de que toda perturbação do estado fisiológico do ser humano procede invariavelmente de uma lesão orgânica, os homens da ciência têm até hoje, como verdade incontroversa, que a alienação mental, conhecida pelo nome de - loucura -, é efeito de um estado patológico do cérebro, órgão do pensamento, para uns; glândula secretora do pensamento, para outros.

Nem os primeiros, nem os segundos explicam sua maneira de compreender a ação do cérebro, quer em relação à função, em geral, quer em relação à sua perturbação, no caso da loucura.

Neste ligeiro trabalho, proponho-me, além de mais, a preencher essa lacuna, demonstrando, com fatos de rigorosa observação: 1.°, que o pensamento é pura função da alma ou Espírito, e, portanto, que suas perturbações, em tese, não dependem de lesão do cérebro, embora possam elas concorrer para o caso, pela razão de ser o cérebro instrumento das manifestações, dos produtos da faculdade pensante.

Efetivamente, mesmo quando a alma esteja no pleno exercício daquela faculdade, uma vez que o cérebro padeça de lesão orgânica que o torne instrumento incapaz da boa transmissão, dar-se-á o caso da loucura, como dar-se-á o da cegueira, quando o olho, instrumento da visão, sofrer lesão, que tolha a passagem do raio luminoso.

Este caso de lesão cerebral explica a loucura, a que chamarei - científica - porque é a conhecida pela Ciência, mas eu demonstrarei, 2.°, que a loucura, perfeitamente caracterizada, pode-se dar - e dá-se, mesmo, em larga escala, sem a mínima lesão cerebral, o que prova que o cérebro não é órgão do pensamento, e, menos que tudo, seu gerador ou secretor; e prova mais que, assim como o mau estado do instrumento de transmissão determina o que chamamos - alienação mental -, embora em perfeito estado se ache a fonte do pensamento, assim, por igual, o mau estado desta determina a alienação, embora esteja são o instrumento da transmissão.

Toda a questão se resume em provar-se, fundamentalmente, que há loucos cujo cérebro não apresenta lesão orgânica de qualidade alguma.

Feito isto, fica perfeitamente claro que a loucura não é um caso patológico invariável em sua natureza, mas um fenômeno mórbido de duplo caráter: material e imaterial.

Quando é conseqüente da afecção do cérebro, que lhe perturba a transmissão, fazendo-a desordenadamente, tem o caráter material ou orgânico.

Quando resulta de algo que afeta a faculdade pensante, origem natural do pensamento, que, por isso, emana viciado da fonte, tem o caráter imaterial e fluídico, que demonstrarei; 3.°, podendo ser, também, resultante da ação fluídica de Espíritos inimigos sobre a alma ou Espírito encarnado no corpo.

Em oposição à denominação de loucura científica, com que designei a que representa o primeiro caráter, designaria esta segunda espécie pela denominação de - loucura por obsessão, isto é, por ação fluídica de influências estranhas, inteligentes.

Da primeira espécie, não me ocuparei senão acidentalmente, pois que nada poderei acrescentar aos trabalhos importantíssimos que a seu respeito têm produzido os maiores vultos da medicina oficial, em todos os tempos e países.

Meu estudo limitar-se-á à segunda espécie, ainda não reconhecida, nem estudada no mundo científico.

Sobre este importante assunto, cuja simples enunciação já deve ter feito muita gente atirar longe o pobre livro, eu farei meditado estudo, no empenho de tornar patente a causa do mal - a sintomatologia necessária ao diagnóstico, quer do mal (obsessão), quer da diferenciação entre as duas espécies de loucura - e, finalmente, os meios curativos da nova espécie ou obsessão.

Dividirei, pois, este livro em três partes.

Na l.º tratarei do pensamento em seu princípio causal e em suas manifestações.

Na 2.º tratarei das relações do nosso Espírito com os Espíritos livres do espaço; donde a loucura por obsessão.

Na 3.º direi sobre esta loucura, como caso patológico, determinando-lhe a causa - apreciando-lhe os sintomas; colhendo os elementos para seu diagnóstico diferencial; e prescrevendo os meios com que se deve tentar a cura do terrível mal.

Empreendendo tão grandioso trabalho, não me iludo com a presunção de que lhe posso dar feliz sucesso.

Ninguém conhece meu obscuro nome - e obras de tanta monta requerem nomes aureolados, e não de modesto médico, qual sou.

Tenho, entretanto, a presunção de poder assegurar, a quem o ler, que, de par com a fraqueza intelectual na exibição e na apreciação dos fatos que servem de base ao meu pequeno edifício, encontrará a indobrez de caráter do homem que se preza - e que se aviltaria a seus próprios olhos, se tentasse iludir com falsidades a quem o ler de boa fé.

Os fatos citados, neste livro, são aí expostos com suas cores naturais, escrupulosamente conservadas - e só não se imporão à crença dos que deles tomarem conhecimento, porque o observador foi um ninguém.

Max

Ao Leitor

Até hoje, a Ciência só conhece a loucura que resulta, de um modo permanente, da perturbação do pensamento, com sua sede no cérebro.

Podem variar causas e formas, mas o estado patológico do indivíduo é sempre o mesmo: a loucura caracterizada pela perturbação mental e pela sede no cérebro.

Sem que o cérebro sofra, não pode haver, para a Ciência, o fenômeno psíquico-patológico da loucura.

Esta é a doutrina corrente - esta é a lei invariável para a Ciência.

Entretanto, o célebre alienista Esquirol atesta a existência de casos, por ele observados, de loucura sem a mínima lesão cerebral - e essa afirmação do ilustre sábio é robustecida pela observação de outros não menos considerados no mundo científico.

Está, pois, verificado que há loucura com e sem lesão cerebral; e, portanto, que há dois casos bem distintos de loucura - ou que há loucura de duas espécies.

É intuitivo que, dependendo o pensamento do cérebro, como órgão produtor, segundo uns; como órgão transmissor, segundo outros; mas órgão essencial, segundo todos, é evidente que um caso de loucura, com lesão daquele órgão, não pode ser o mesmo que o de loucura sem lesão dele.

Se a variedade das causas pode conformar-se com unidade da espécie mórbida, o mesmo não se dá com variedade de condições da sede ou do órgão essencial.

Assim, havendo casos de naturezas diferentes, e de rigor que constituam espécies distintas.

Estas espécies se determinam pela presença ou ausência da lesão cerebral.

A alienação que resulta da alteração do órgão do pensamento, não é a mesma coisa que aquela em que o órgão em questão se acha em seu perfeito estado fisiológico.

Mas, como é isto, se o cérebro é órgão do pensamento?

Coincidindo a loucura ou alienação mental com qualquer estado patológico do cérebro, o fato é da mais simples compreensão. O olho doente produz necessariamente a perturbação da visão.

A loucura, porém, ou alienação mental, coincidindo com o mais perfeito estado fisiológico do cérebro, isto, sim, não é fácil de entrar na compreensão humana. O olho perfeitamente são não se compadece com a perturbação da visão.

Sendo assim - e em face da lei: órgão são, função perfeita; órgão doente, função perturbada - é óbvio que a Ciência explica a loucura com lesão do cérebro, mas não a loucura sem tal lesão.

A questão não pode, por muito tempo, ficar insolúvel, principalmente afetando, como afeta, a parte mais sensível da natureza humana.

A loucura apaga a luz da razão e reduz o homem à triste condição animal.

Importa, pois, empenhar todas as forças intelectuais da Humanidade na solução do problema de máxima importância para ela.

Eu vou - mais confiante na luz que baixa do Alto sobre todo aquele que procura a verdade e o bem de boa vontade, do que nas pequeninas forças da minha obscura mentalidade - eu vou tentar o máximo esforço no intuito de resolver o problema da loucura em sua nova face, isto é, da loucura sem lesão cerebral.

Compreende-se quanto importa a prática diferençar uma espécie da outra, para não confundi-las no mesmo tratamento, sendo elas de naturezas diferentes.

Meu plano é determinar a natureza especial da loucura sem lesão cerebral, estabelecer as bases de um diagnóstico diferencial de uma para outra espécie, e oferecer os meios curativos deste gênero desconhecido de loucura.

Para a determinação da natureza da nova espécie de loucura, é indispensável resolver as seguintes questões preliminares:

1.º: Existe a alma? Qual a sua natureza?

2.º: Como se relaciona a alma com o corpo?

3.º: Qual a origem do pensamento?

4.º: Quais as relações do pensamento com o cérebro?

Dividirei este trabalho em duas partes: uma filosófica, que compreenderá a solução destas quatro questões - donde a explicação da loucura sem lesão do cérebro; outra, científica, que compreende o diagnóstico e o tratamento, precedidos de um estudo da natureza do gênero especial de loucura, com que ora me ocupo.

"Cave ne cadas."

Capítulo I

Existe no homem um princípio espiritual?

Ninguém pode recusar o estudo desta questão, do mais palpitante interesse para o ser humano.

Nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas ações tomarão bem diferente orientação conforme for ela resolvida pela afirmativa ou pela negativa; pela existência da alma ou pelo exclusivismo da matéria, na constituição do nosso ser.

Saber, com efeito, se acabamos com a morte ou se sobrevivemos à decomposição do corpo, não é coisa de simples curiosidade, visto como, num caso, não temos que prestar contas de nossas obras na vida, e, noutro, pesa-nos a responsabilidade de cada uma delas.

Se o homem é meteoro, que brilha por um momento e some-se, para sempre, no turbilhão universal, por que contrariar seus gostos, suas inclinações, suas paixões, por mais selvagens que sejam, uma vez que ali está o nada, em que vai desaparecer?

Se, porém, é imortal, é livre e, conseguintemente, responsável, quanto não lucrará em conhecer-se a si mesmo, para prevenir-se contra futuras tempestades?

Também, por isso, esta questão deve ser resolvida com precisão e clareza, porque é a pedra fundamental do edifício da vida terrestre e de todas as vidas.

Dividiremos, pois, este capítulo em dois parágrafos: um, para o estudo especulativo; outro, para o estudo experimental da magna questão; um para a demonstração racional, corroborada pela autoridade dos maiores vultos da Humanidade; outro, para a experiência, que fala aos sentidos, e que é, em nosso tempo, o grande método científico.

Demonstração racional e de autoridade da existência da alma

Incontestavelmente o homem não é puro animal.

Há, entre a nossa espécie e as espécies animais, tão perfeita diferença, como entre os animais e os vegetais.

Jean Louis Armande de Quatrefages de Bréau, uma das mais respeitáveis competências do nosso século, tão convencido foi dessa distinção, que dividiu toda a criação do nosso planeta em quatro reinos: mineral, vegetal, animal e hominal.

Sendo tão superior, ao ponto de dominar todos os seres criados, só por obcecação se pode admitir que o homem se confunda com os seres que lhe são inferiores: surgir à vida e se extinguir com ela.

Os grandes vultos, que arrancam à Natureza seus mais recônditos segredos, que com as lâmpadas de sua inteligência iluminam o mundo, que deixam na Terra memória eterna de sua gloriosa passagem, acabarão como vil inseto, reduzir-se-ão a nada?

Toda a nossa natureza se revolta contra semelhante pensamento, e a razão e a consciência repelem-no, escandalizadas.

E por que tal instintiva e espontânea revolta no nosso ser, se efetivamente temos que acabar como o cavalo de nossa montaria? É porque o homem traz consigo o gérmen da verdade, o conhecimento inato de seu destino - destino superior, que imprime alto cunho à natureza hominal, que repele tudo o que tende a apagar aquela impressão.

E o que seria esse sentimento íntimo sem objetivo, quando a todas as nossas disposições naturais correspondem necessariamente objetos correlativos, fora de nós, como sejam: os sons para a nossa disposição natural de ouvir, o aroma para a de cheirar, a luz para a de ver, etc.? Que tal sentimento é natural, não se pode pôr em dúvida, pois é universal - e ninguém acreditará que seja concepção humana aquilo

que está no coração, e que fala à razão e à consciência de todos os homens.

E todo o que se compara a qualquer das espécies animais, reconhece a verdade daquele sentimento inato-espontâneo.

O mais adiantado dos seres animais, se possui o que quer que seja de inteligente, que parece elevar-se ao raciocínio, não o pode cultivar como o homem. Pode, trabalhando com perseverante paciência, aprender alguma coisa, que não é natural à sua espécie, mas isso que aprende, e que guarda à força de hábito, não é capaz de transmitir aos de sua raça - a animal algum.

Vemo-los praticar obras tão admiráveis como não as faz o homem; mas não é obra de sua inteligência, é função natural, tanto que todos os da sua espécie as fazem, e nenhum pode fazê-las melhor que outro - e todos as fazem hoje tão bem como as fizeram desde o princípio -, fá-las-ão até ao fim dos tempos. É coisa análoga às nossas funções orgânicas, que são as mesmas em todos os homens, e cujo curso natural nenhum tem o poder de alterar.

Não se diga, pois, que o bruto possui faculdades equivalentes às dos homens, pois as suas são, individualmente, imperfectível, ao passo que as nossas são, individualmente, e essencialmente, perfectíveis.

O homem é, por sua natureza, por condição essencial de seu ser, eminentemente perfectível, e, pois, como ter por destino desaparecer no nada?

Haverá quem ponha em dúvida aquele característico da nossa espécie, diante do incessante progresso realizado por ela, desde os tempos primitivos?

E, pois, se a natureza humana é perfectível, o que quer dizer: submissa à lei do progresso para a perfeição, como realizar sua missão, se a morte nos reduzir ao nada?

Quererão que a perfeição, último e mais alto grau da perfectibilidade, seja um simples adorno para a vida - e que seja conseguida nos curtos momentos da vida? Ridícula extravagância!

Demais, a lei do progresso é, como todas as leis naturais, de caráter universal - e o que observamos é acabarem os homens em infinita variedade de graus de progresso, desde o boçal até o sábio, desde o bandido até o justo.

Ou a lei não é igual, ou com a morte não acaba o ser humano, que vai além, e por modo ainda não geralmente conhecido, realizar seu destino, o destino do ser perfectível até a perfeição.

Isto, sim; não somente coloca a perfeição humana em altura digna da obra-prima de Deus, como explica a morte de homens em condições rudimentares de progresso.

O simples bom-senso repele a coexistência da lei do progresso humano e da redução do ser humano ao nada, no fim da vida terrestre.

Só um louco pode erguer um monumento sem igual, como é o homem, para ter o gosto de arrasá-lo, mal o tenha concluído!

E tanto o destino humano se acha fora desta vida corporal, que nossa natureza aspira a algo que não nos pode ser dado nela.

Foi esta eterna e universal intuição da alma humana que levou um dos mais profundos pensadores, Malebranche, a traduzi-la nesta sublime frase: Sors tua mortalis, non est mortale quod optas.

Como explicar-se o fato de o ser mortal aspirar ao imortal? Só admitindo-se que a natureza, a nossa natureza nos mente, o que é mais inaceitável do que a falsa apreciação de certos homens.

Repetimos: se esta aparição que brota, espontânea, de nosso ser, não é realizável, é uma mentira de nossa natureza.

Este sentimento inato em todos os homens, a que podemos chamar "a intuição natural" do futuro excelso que nos foi posto e nos chama a todos, Platão explicou-o pela preexistência.

"Antes de virmos a esta vida, já tivemos outras, e no tempo intermediário, que passamos no mundo dos Espíritos, adquirimos o conhecimento das grandezas a que somos destinados; donde essa reminiscência, a que chamamos intuição de um futuro, que mal entrevemos, envoltos no véu da carne."

Por isto, o divino filósofo ensinava que "aprender é recordar".

O que, porém, mais arrasta à convicção de que não acabamos com a morte - de que existe em nós um princípio imortal - inalterável ou indecomponível, e, portanto, imaterial, que constitui a essência de nosso ser, é o fenômeno da memória.

Moleschott, um dos chefes da escola materialista, apoiando-se nos trabalhos de Thompson, de Vierodt, de Lehumann, que, por sua vez, se apoiaram nos de Cuvier e de Flaurens, sustenta, como axioma científico, o movimento incessante da matéria e as transformações resultantes daquele movimento, que se operam em nosso organismo.

Diz o sábio químico que os fatos justificam plenamente a crença de que nosso corpo renova sua substância sucessivamente, em períodos de 20 a 30 dias.

Não queremos tanto; aceitamos a opinião de outros, que dão, para a renovação de todo o organismo humano, inclusive os ossos, o tempo de sete anos.

Se é assim, e a ninguém é dado contestá-lo, temos que, de sete em sete anos, mudamos completamente de corpo - e, portanto, que, se somos exclusivamente matéria, mudamos de ser tantas vezes, na vida, quantos sete anos tivermos vivido.

Ou não há lógica para o materialista, ou esta conclusão, deduzida de seus próprios princípios, é inatacável.

Quem vive 49 anos, perde sete vezes sua personalidade, constitui sete pessoas diferentes, se o homem é exclusivamente matéria!

Uma doutrina que debita monstruosidades destas, pode manter-se ante o bom-senso, e até mesmo ante o senso comum?

Não há, pois, como conciliar o fato científico com o princípio materialista. Qual deve ceder?

E como o ser novo pode guardar memória dos fatos que se passaram com o ser extinto?

A memória do passado não se explica senão pela permanência do ser, que foi presente aos fatos ora lembrados, e, se hoje nos lembramos de fatos da nossa infância, é porque somos hoje o mesmo ser que éramos naquele tempo.

Se, porém, somos exclusivamente matéria - e se esta é substituída por outra de sete em sete anos, como sermos hoje o mesmo ser que fomos na infância - como nos lembrarmos hoje de fatos daquele tempo?

Dai ao homem a essência imutável, imaterial, e mudai quantas vezes quiserdes seu corpo material, que o ser essencial, guardará a memória dos tempos passados.

Sem isto, jamais podereis seriamente explicar o fenômeno da memória - e este fenômeno é prova irresistível e esmagadora de que o homem não é somente corpo, matéria - de que existe nele um princípio imaterial, isto a que chamamos - alma ou Espírito.

Não é preciso mais para convencer a quem estiver de boa fé; quanto aos outros... ainda que vejam, negam!

*

O § 1.° do capítulo que nos tem ocupado não foi esgotado com a ligeira prova racional. Falta, ainda, a prova de autoridade.

Vem da mais remota antigüidade a crença universal de ter o homem dupla natureza, embora não fossem bem definidas sua condição e relações.

Foi Sócrates quem traçou o círculo da Filosofia, que até ali compreendia todos os ramos dos conhecimentos humanos, dando-lhe por objeto o estudo da alma, cuja existência prova cabalmente.

Seu discípulo, o imortal Platão, levou mais longe suas indagações: afirmou a existência do mundo dos Espíritos e a preexistência da alma, por onde explicava as idéias inatas, dizendo no seu Fedon: que aprender é recordar o que a alma já sabe de passadas existências.

Aristóteles, que, com aqueles dois vultos, formou a mais elevada expressão da sabedoria antiga, acreditava na existência da alma.

E todas as escolas filosóficas dos tempos passados, se divergiam quanto à compreensão dos fenômenos do entendimento, eram acordes quanto à existência do elemento espiritual, diretor da máquina orgânica do homem.

Os sensualistas, por exemplo, e designadamente Leucipo e Epicuro, acreditavam na alma, embora sua doutrina - de procederem da sensação todas as nossas idéias - destruísse o que afirmavam.

Zenon bem pouco diferia de Epicuro, mas sempre sustentou o princípio anímico.

Os cínicos e os estóicos não destoaram da geral opinião, e a escola de Alexandria, que fecha o ciclo da Filosofia antiga, e que produziu gênios, como Plotino, Orígenes, Porfírio e Jâmblico, não só era essencialmente espiritualista, como até sustentava as idéias de Platão: da preexistência e da pluralidade de vidas corporais.

Em resumo, aí fica estampado o modo de pensar da antigüidade, tanto no Oriente, como no Ocidente, pois dos Arianos procedeu à ciência dos Egípcios, e destes a da Grécia, que foi a fonte onde beberam os povos da Europa.

Entre a antigüidade espiritualista e o moderno espiritualismo, deu-se, é verdade, um notável eclipse, devido à filosofia de São Tomás, firmada nos princípios da Igreja Romana, que levantou a fé pan-viva contra a razão: o condenado racionalismo.

A revolta contra essa imposição da Igreja foi ao extremo de suprimir a alma, de que se constituiu principal motor o célebre Bacon, criando a ciência indutiva, em que beberam o veneno do materialismo Hobbes, Gassendi e Locke, os primeiros que hastearam, no mundo, a bandeira da negação materialista.

Felizmente a revolta teve quem a combatesse e colocasse, em terreno digno do homem livre e esclarecido, o princípio comprometido pela ambição de domínio da Igreja Romana.

Descartes, com seu método quase positivista, restabeleceu os princípios da existência e da imortalidade da alma, concluindo que, se é incontestável a existência do corpo, mais o é a do pensamento, pura emanação da alma.

Contra Bacon, Descartes; contra os sectários da doutrina do filósofo inglês, os discípulos da escola fundada por Descartes: Bossuet, Fénelon, Malebranche, etc.

Sobre os escombros da antigüidade surgiu, pois, a escola materialista; mas, prestes, ergueu-se a combatê-la o espiritualismo cristão.

Entre os dois campos, levantou-se o grande vulto de Leibnïtz, pretendendo realizar a conciliação dos dois princípios, pela supressão dos exageros de uma e de outra parte; mas a morte não lhe permitiu concluir a obra, que foi adotada, mutatis mutandis, pelos chefes do ecletismo: Tomás Reid e Emmanuel Kant.

A sombra das novas idéias, trabalharam pela restauração do espiritualismo abalado os Jouffroy, os Cousin, os Villemain e muitos outros grandes vultos.

O ecletismo arrancou a Humanidade à obsessão do materialismo de Bacon e da teologia de São Tomás, e deu à questão da imaterialidade na alma o mais assinalado triunfo.

O materialismo, que, por momentos, se julgou senhor do campo, recolheu-se, corrido da Filosofia, e foi assentar sua tenda no terreno da Ciência, ainda mal esclarecida.

Perscrutou a organização do Universo e do corpo humano, e fez desses dois pontos seus formidáveis baluartes.

Acompanhemo-lo aí.

"O Universo, isto é, o turbilhão infinito de todos os seres é matéria; pois o homem não poda admitir a existência de que não lhe é apreciável pelos órgãos (sentidos) que o põem em relação com o mundo exterior."

Eis a base essencial do sistema que vamos analisar.

Quem deu ao homem o direito de afirmar que só pode existir o que é acessível aos sentidos? Dada que seja razoável tal concepção, que prova positiva já foi descoberta de sua realidade?

A pedra fundamental do materialismo não passa, pois, de uma hipótese gratuita, a que seus fanáticos adoradores julgam dar força invencível, acrescentando ao grande postulado este soberbo complemento: "A matéria é inseparável da força, e é por esta união que se explica a evolução e a transformação dos seres, constituindo o movimento incessante e a harmonia universal".

A força! Mas que é a força?

Admites a matéria, porque é apreciada por nossos sentidos; qual deles tem a propriedade de apreciar a força?

Se, a despeito disto, afirmais a existência da força, estais em contradição com vós mesmos, não admitindo senão o que é acessível aos sentidos; e, portanto, ruem os fundamentos do vosso sistema.

Suponhamos, porém, que esta incongruência não alui, por seus fundamentos, o vosso edifício; dizei-nos:

Quem lhe dá o cunho aprimorado, a sublime harmonia de suas peças, o equilíbrio admirável, para cuja estabilidade concorre variadíssimos sistemas de leis, que jamais se entrechocam?

Quem produziu e mantém esta incomparável estrutura, que a ciência dos homens nem de longe poderá imitar?

A força e a matéria, respondeis; mas, então, a vossa força e matéria possuem uma ciência e um poder infinito!

Será assim? Reparai bem.

Se é, se esse vosso poder, criador e mantenedor do Universo, é o princípio original, a causa primária de todas as coisas, dele procedem às leis eternas e imutáveis, em virtude das quais tudo é e tudo se regula no Universo.

A matéria, pois, foi quem criou todos os seres e lhes pôs as leis que os regem.

Mas tudo é matéria, só existe matéria; logo, tudo é sujeito - e, conseguintemente, é sujeita a própria matéria às leis que dela procedem.

E, pois, se tudo procede da matéria, e tudo é, e tudo se regula por leis postas por ela, aí temos: que o criador é sujeito à sua criatura, que a matéria criou as leis, a que ela mesma, em sua infinita variedade, é submissa!

Já vedes que o vosso sistema leva ao mais ridículo absurdo!

Separai, porém, a força da matéria, ou, antes, considerai a matéria trabalhada pela força, mas força que lhe é dada por um poder estranho e superior, dotado de onisciência e onipotência.

Em virtude dessa força, inerente à matéria, não por lhe ser própria, mas por disposição do superior poder, todo o mundo físico evolve, e se transforma, segundo as leis postas por aquele absoluto poder.

Aqui, o criador e regedor de todos os seres do Universo está fora de sua criação, que rege por sua suprema vontade, manifestada em suas leis eternas e imutáveis, como o artista se distingue de sua obra, que modela e transforma em belíssima estátua.

Aí, no vosso plano, o artista é a própria estátua, modelada e transformada por leis de sua criação, a que é passivamente submissa.

Comparai os dois planos - e, lógica e racionalmente e sem a obsessão do espírito de sistema, confessai que o primeiro é uma grandeza, e que o segundo é uma miséria.

Assim, pois, o materialismo não explica o Universo, em seu equilíbrio harmônico e inalterável, senão obliterando a razão; ao passo que o espiritualismo o explica de um modo condigno de sua excelsa magnitude.

O estudo atento da Natureza atesta, portanto, como a luz do dia atesta a presença do Sol no nosso horizonte, a existência de um ser onisciente e onipotente, que não é matéria, nem se confunde com o universo material; prova de que nem tudo o que é pode ser acessível aos nossos sentidos - e que não é somente por estes que temos a ciência de tudo o que é.

Passemos ao exame do homem, sob o ponto de vista das teses materialistas.

Já demonstramos, na 1.º parte deste capítulo, que há no homem um princípio imaterial: a alma.

Pouco, então, nos cumpre dizer em contestação da doutrina que não admite senão matéria.

Sempre adstrito a esta doutrina, e precisando remover dificuldade de explicar, por sua lei, certos fenômenos humanos, de que o essencial é o pensamento, o materialista recorre a subterfúgios, e eleva às alturas de axioma que "o cérebro é que segrega o pensamento, como o fígado segrega a bílis".

Infeliz comparação, que solapa pela base a doutrina em cujo apoio é invocada!

O pensamento está no caso da força ligada à matéria; não pode ser apreciado por nenhum dos nossos sentidos, e, conseguintemente, rechaça a lei fundamental do materialismo.

Suponhamos, porém, que assim não é - e que há meios de po-lo em harmonia com aquela lei, embora custe tanto quanto conservar gelo em cima de uma chapa incandescente.

O fígado segrega a bílis muito naturalmente, pois órgão secretor e substância segregada são, igualmente, de natureza material - da mesma natureza.

Que relação tem isto com o fato de segregar o cérebro, órgão material, o pensamento, que é imaterial?

Demais, uma secreção requer substância, de que seja extraída - e se a bílis é extraída ou segregada do sangue, onde descobrirá o cérebro a substância de que possa extrair o pensamento?

Será, também, do sangue? Sãs capazes de afirmá-lo!

Cabanis julgou cortar a dificuldade por esta tergiversação, que nada o abona:

"As impressões chegam, isoladas, ao cérebro, e este, operando sobre elas, emite-as sob a forma de idéias."

O cérebro extrai, pois, ou segrega o pensamento das impressões; mas o cérebro é órgão material, e as impressões não são substâncias materiais.

Melhor andou Broussais em seu testamento:

"Desde que conheci, pela cirurgia, que o pus acumulado na superfície do cérebro destruía nossas faculdades, e que estas se restabeleciam logo que era ele evacuado, não pude deixar de reconhecer que elas são atos do cérebro, embora não saiba o que é o cérebro e o que é a vida."

Broussais não refletiu numa coisa, e é que, ao invés de o cérebro ser agente do pensamento, por instrumento de sua manifestação; fica racionalmente explicado o fato da interrupção, pela interrupção da ação do instrumento - fato que tanto o impressionou.

Nunca houve quem negasse a necessidade do cérebro na manifestação do pensamento; a questão é ser agente ou instrumento, o que está hoje fora de contestação.

E tanto é assim, ao contrário do que afirmam Moleschott, Vogt, Cabanis e Broussais, que o eminente Longet diz:

"Vêem-se crianças raquíticas assombrarem pela precocidade de sua inteligência, e velhos, bem velhos, conservarem intactos o juízo, a memória e o fogo do gênio."

E o professor Lordat escreveu um notável tratado sobre a insenectude do senso íntimo nos velhos.

A procedência original do pensamento de um órgão material é tão repugnante, que não vale a pena combatê-la; máxime quando a doutrina espiritualista, que dá ao cérebro a simples função de órgão transmissor, satisfaz perfeitamente a razão; dando ao ser pensante - a alma - a faculdade de pensar, isto é, de elaborar o pensamento.

Em última análise:

O criador da excelsa máquina do Universo precisa ser superior a todas as maravilhas, que a fazem pasmosa; precisa ser inteligente, poderoso e livre, como nenhum homem o pode ser; precisa ser, pois, único na posse da inteligência e da força infinitas.

A matéria, que, em todas as suas manifestações, se mostra sujeita às próprias forças humanas, não possui àquelas propriedades.

Nem o selvagem atribuirá ao relógio a sua autoria!

Mais que selvagem é, pois, atribuir à máquina do Universo sua própria criação!

A despeito, portanto, do materialismo, continua e continuará, sempre triunfante, a idéia do mundo imaterial, a par do material - a idéia de Deus e da alma, que são sua consubstanciação.

Antes de darmos o remate a este parágrafo do capítulo II do nosso trabalho, não será tempo perdido dizermos duas palavras sobre o positivismo, que não aceita, e porventura mais imperradamente que o

materialismo, a existência do imaterial - e, conseguintemente, de Deus e da alma humana.

Saint Simon era espiritualista de vistas muito mais largas do que o geral dos filósofos do século XVIII.

Dentre seus discípulos, porém, saiu um ambicioso de renome, Augusto Comte, que imaginou o sistema positivista.

O positivismo é, em sua essência, o método de Bacon, restabelecido para corrigir os excessos, que se permitiam os filósofos.

Ninguém deixará de aplaudir um tentame de opor barreira a desvarios na aquisição de nossos conhecimentos, e de estabelecer um critério para as indagações científicas.

O que, porém, ninguém aplaudirá, é opor-se à licença uma restrição tão meticulosa, que chega a ser repulsiva.

Comte fechou a inteligência e a razão no estreito círculo da observação e da experiência, só admitindo o que pode ser provado pela experiência material.

Entretanto, confessava que alguma coisa existe inapreciável aos sentidos, donde seu misticismo religioso, que Huxley qualifica de - Catolicismo sem Cristianismo.

Eis, pois, a crise original do positivismo: não aceitar senão o provado materialmente, ao mesmo tempo em que admite algo fora disso!

Os discípulos do inventor desse incongruente sistema dividiram-se em duas sub-escolas: a dos que mantiveram a pura doutrina do mestre, e a dos que, logicamente, caíram no materialismo, de que o positivismo é a larga porta ou o plano inclinado.

Um dos mais notáveis, Littré, dedicou toda a vida à sustentação da doutrina do mestre, guardando restrita neutralidade (nominal) entre o materialismo e o espiritualismo.

Nominal, dissemos, porque, se ele admite o elemento material, só aceita para a coordenação da Ciência aquilo que dão os sentidos pela experiência.

O Universo contém um número infinito de seres; mas, para o positivista, ele não compreende senão os que se revelam pela experiência material.

É um modo singular de fazer a Ciência.

Robinet escreveu:

"O caráter essencial da mentalidade positivista é afastar toda a imaginação na explicação ias coisas, e não proceder senão por meio de provas reais e por observação; é limitar-se a observar relações naturais, a fim de prevê-las, para modificá-las em nossa vantagem, quando for possível, ou suportá-las, quando não for possível modificá-las."

Sendo assim, jamais o positivismo constituirá uma ciência, visto que não inquire senão das relações entre fenômenos, sem cogitar de suas causas. Nem mesmo constituirá um sistema um método científico, desde que despreza as relações de causa e efeito. Nunca passará de um registro de fatos verificados, sem classificação nem dedução.

E mais um meio de restringir que de ampliar o conhecimento da verdade.

O próprio Littré recomenda absoluta abstenção de toda questão relativa à essência das coisas, exprimindo-se assim:

"Não conhecendo nem a origem nem o fim das coisas, o positivismo não tem razão para negar nem para afirmar que existe alguma coisa além dessa origem e desse fim."

E, pois, o positivista não pode cogitar de problemas que escapam à ação de seu método.

A esse respeito diz Delanne:

É possível este equilíbrio recomendado por Littré?

"Quando as leis da Natureza manifestam um admirável encadeamento entre os fenômenos, é possível limitar-se ao estreito

círculo dos fatos conhecidos, sem se procurar uma causa, qualquer que ela seja?"

Não; não é natural parar-se em meio do caminho, e dizer-se: - Não passemos daqui.

A invencível curiosidade humana nos impele a transpor os limites, mesmo que no-lo proíbam, e, voluntariamente ou não, o homem de ciência é chamado a pronunciar-se num ou noutro sentido.

O próprio Littré, que recomenda a abstenção, é o primeiro que a quebra, como o têm feito seus discípulos e companheiros.

Eles se manifestam francamente materialistas, como o prova a seguinte passagem do mestre, no prefácio do Leblais sobre o materialismo:

"O físico reconhece que a matéria pesa; a psicologista, que a substância nervosa pensa; sem que, nem um nem outro, tenham a pretensão de explicar por que uma pesa e a outra pensa."

Afirmar que o psicologista reconhece que a substância nervosa pensa, não é destruir a recomendação de Littré, acima transcrita? Entretanto, esta afirmação é do próprio Littré!

E que prova lhe deram, os psicologistas, de que a substância nervosa pensa?

Ninguém, jamais, o conseguiu provar, principalmente a um positivista, cuja senha é: afastar toda a imaginação na explicação das coisas. E, pois, Littré renegou seu programa e seu método, aceitando a tese materialista na fé dos padrinhos.

É que estreitíssimos são os laços que unem as duas escolas.

O positivismo, embora proclame sua isenção, aceita sem reservas os princípios fundamentais do materialismo, e nega uma gota de água ao espiritualismo.

Littré não aceita somente a substância nervosa pensante; examinando o Universo e as leis que o regem, diz que ela tem em si

mesma sua própria causa; princípio fundamental do mais puro materialismo.

Como logrou o ilustre filósofo este conhecimento pelo método positivista? Não há quem o possa descobrir.

O positivismo é, pois, consciente ou inconscientemente, materialista.

E, uma vez que demonstramos que o materialismo não prevalece contra a verdade da existência do mundo imaterial, é ocioso repetir argumentos para casos idênticos.

A questão em relação ao positivismo é esta:

Se se limitam ao seu programa de não afirmar nem negar o que lhes escapa à experiência material, nada têm com a alma, que está fora do círculo de suas indagações.

Se, porém, abandonam aquele programa e abraçam, sem as suas rigorosas experimentações, as teses materialistas, como as citadas, está dito o que deveremos dizer-lhes.

Nem os conhecimentos químicos de Moleschott, nem a inteligência de Buchner, de Carlos Vogt, de Luys podem abalar o princípio da existência da alma, provado racionalmente e atestado pelas legiões dos maiores vultos de todo o mundo, em iodos os tempos.

Não é, pois, tal princípio um produto de imaginação, pois emana da razão e da consciência universais, de um modo tão veemente, e firma-se na crença da Humanidade: vox populi.

Até aqui, temo-lo tratado racionalmente - pela autoridade dos sábios de todos os tempos - e pela destruição do castelo materialista, que pretende assentar sobre suas ruínas.

Cabe-nos, agora, a tarefa de provar experimentalmente a verdade de seu ser, o que será o trabalho do § 2.° do presente capítulo.

Demonstração experimental da existência da alma

As provas diretas da existência, no homem, de um princípio distinto do corpo, podem ser divididos em duas ordens: a das que resultam da dedução, e a das que afetam os sentidos.

As primeiras são um meio termo entre as racionais e as verdadeiramente experimentais, e consistem nas manifestações anímicas, por anestesia e por sono magnético.

Anestesia e sonambulismo, pois que produzem idênticos efeitos, devem operar do mesmo modo sobre o organismo; e assim é.

Os meios químicos, empregados como anestésicos, produzem o sono, que traz a inconsciência e o esquecimento, atuando sobre o aparelho nervoso do sentimento, cuja ação suspendem; donde a insensibilidade produzida pelo éter, pelo clorofórmio, etc.

O sonambulismo hipnótico atua, por força da vontade, sobre o mesmo aparelho nervoso, produzindo o mesmo efeito do sono e da paralisia, como o clorofórmio; donde a inconsciência, o esquecimento, a insensibilidade.

Os mesmos fenômenos, pelo mesmo modo produzidos, resultam do sonambulismo magnético.

Em cada um dos três processos, o corpo cai em colapso, ao passo que o indivíduo, apesar de não se achar em seus sentidos, está vivo, e goza a faculdade de ver, perto ou longe, de descrever tudo o que vê, e de falar, até, de coisas que não conhece.

Se o homem fosse exclusivamente matéria, e se o maquinismo humano se compusesse exclusivamente de órgãos materiais, desde que se desse a suspensão da vida de relação, impossíveis seriam manifestações daquela ordem.

A matéria dorme; logo, dorme o homem!

Entretanto, não somente os anestesiados, como os sonambulizados, hipnóticos ou magnéticos, dão mais brilhantes manifestações daquela ordem de fenômenos, do que no estado ordinário.

A matéria dorme; não, porém, o homem!

É prova dedutiva do fato experimental, de que o homem não é só matéria, de que há nele outro elemento, cuja atividade subsiste enquanto se suspende a dos órgãos corporais, e de que esse elemento, desprendido da matéria corpórea, estende a vista infinitamente além do espaço, além da que pode alcançar a do corpo.

Ora, o alongamento de nossa intelectualidade, nos três casos de inação do corpo, de que falamos, coisa é de que não se pode duvidar, em vista de fatos provados; logo, aquelas três ordens de experiências demonstram, à saciedade, a existência, do homem, do princípio distinto do corpo, e tão distinto que, enquanto este cai em colapso, ele ostenta mais nitidamente a pujança de suas faculdades especiais.

Quereis as provas? Ei-las:

O venerando Velpeau, em relatório apresentado à Academia de Ciências de Paris, no ano de 1842, refere o seguinte:

Tratava-se de uma senhora que o sábio professor cloroformizou, para operar de um câncer no seio.

Efetuava a operação, quando foi surpreendido por dizer-Ihe a mulher, em completo sono anestésico, o que se passava em casa de uma sua amiga, bem distante do lugar da operação.

E subiu de ponto sua estupefação, quando soube da dama, a quem se referira a operada, que era real o que ela relatara.

A respeitabilidade do professor Velpeau garante a veracidade do fato, tanto mais que era ele adversário intransigente do Magnetismo e de tudo o que se lhe pudesse referir.

No Hipnotismo, nome com que a ciência hodierna envernizou o Magnetismo, para poder aceitá-lo, sem cantar a palinódia, dá-se, como já foi dito, o fenômeno da paralisia da sensibilidade física, de par com

a inconsciência e com a clarividência, observada por Velpeau na anestesia.

O célebre médico inglês Braid refere, baseado em inúmeras experiências, que os hipnotizados, não doentes, escrevem, desenham e descobrem objetos ocultos, tendo os olhos fechados, e ouvem a longa distância, chegando a predizer fatos.

O Dr. Bremaud, tão respeitável pelo saber como pelo caráter, refere o seguinte caso:

Um de seus parentes, em sono hipnótico, resolveu facilmente um problema de trigonometria que, despertado, lhe foi impossível resolver.

As experiências de Braid, de Donato, de Bernheim e, ultimamente, de Charcot, confirmam aquele fato por outros não menos surpreendentes.

Aqui, temos mais que no caso de Velpeau, porque temos a manifestação de conhecimentos, ou de capacidade, que a pessoa não possui no estado normal.

Este fato é inexplicável aos homens que acreditam no exclusivismo de nossa composição material, tanto como aos que, embora admitindo a alma, entendem que é ela criada, ao mesmo tempo em que o corpo, para esta vida única.

Este fato só pode ser explicado pela dupla natureza do ser humano: corporal e espiritual - e pela preexistência da alma.

Com efeito; o parente de Bremaud não vê como a operada de Velpeau, fatos que se dão na ocasião; ele resolve um problema, que exige ciência de que é ignorante. Como é isto?

A menos que se dê ao Hipnotismo o poder de plantar ciência em cérebros vazios dela, só pelo princípio espírita da preexistência da alma poder-se-á explicar semelhante fato, impossível em qualquer outra hipótese.

Aquele Espírito (alma) conhecia, de passadas existências, a trigonometria - e, por lei das reencarnações dos Espíritos, seu conhecimento ficou latente, como todos os que, na nova existência, não são cultivados. Latente, mas nunca perdido para o Espírito, que, deixada esta vida, os tira de seu seio.

Desprendido, pois, por momentos, da matéria que lhe servia de véu, o Espírito enfrentou uma questão que lhe era conhecida, e facilmente a resolveu.

Voltando, porém, ao corpo, corrido novamente o véu, o esquecimento do passado trouxe-Ihe a impossibilidade de resolver a questão, agora desconhecida.

E, pois, evidente que este fato tem, como forçada dedução, a prova real da existência e da preexistência da alma.

O sonambulismo magnético, ou, vulgarmente, o sonambulismo, afirma tanto quanto a anestesia e o hipnotismo a dualidade do ser humano.

Voltaire confessou que, dormindo, isto é, em sonambulismo natural, corrigiu um dos cantos de La Henriade, que muito sobrelevou os que compôs acordado.

Massillon compôs, dormindo, muitos dos seus monumentais sermões.

E Burdach refere que, no dia 17 de Junho de 1882, dormindo à sesta, sonhou que o sono não passa da supressão do antagonismo muscular, entre a distensão e a retração.

Contente com a luz que este pensamento lhe parecia derramar sobre os fenômenos vitais, despertou; porém, súbito, aquela luz desapareceu, par ser aquele pensamento alheio às suas idéias.

"Entretanto, tornou-se ele, diz o sábio, o gérmen de minhas futuras concepções."

Os casos de Voltaire e de Massillon poderão ser atribuídos ao hábito; o de Burdach, porém, nunca; porque o sábio fisiologista confessa que estava fora do círculo de suas idéias.

Este fato, pois, revela, como uma experiência material, a existência, no homem, de um princípio, que não dorme enquanto dorme o corpo, e que, desprendido do corpo, vê mais claro e mais longe; recorda conhecimentos de outras eras, que jazem latentes, no ser misto, na presente existência.

O que, porém, é mais significativo, em nosso caso, é o fato referido por Esquirol: de um farmacêutico que se levantava todas as noites, em estado sonambúlico, para aviar as receitas que lhe ficavam do dia.

Para verificar se o fazia automaticamente ou por força do hábito, um médico meteu, entre as receitas que ficaram por aviar, a seguinte:

Sublimado corrosivo... 2 oitavas

Água destilada... 4 onças

Para tomar de uma vez.

O farmacêutico, como de costume, foi ao trabalho, que executou sem embaraço, até que chegou àquela receita.

Leu-a muitas vezes, e, por fim, monologou em voz alta, de ouvida pelo doutor, oculto.

"É impossível que não se tenha enganado!

"Dois grãos já eram demais, quanto mais 2 oitavas!

"Duas oitavas são quase 150 grãos. É mais do que o necessário para envenenar vinte pessoas!

"O doutor enganou-se, e eu não preparo isto."

Eis o que corta todas as dúvidas, porque, nem de leve, pode ser atribuído ao hábito, e, pelo contrário, dá testemunho irrecusável de que o Espírito, sem o concurso da matéria, raciocina, compara e resolve.

O que aí fica exposto, parece-nos prova cabal de que existe no homem a dualidade reconhecida de todos os tempos, cujos elementos são de naturezas diferentes, por lei suprema unidos e harmonizados,

em suas funções, para a vida terrena, e, por esta, para o progresso do ser imortal.

Corpo e alma, ou Espírito e matéria, entram para a constituição humana, cada um com seu contingente de meios.

O corpo entra com os elementos necessários à vida num ambiente material.

O Espírito entra com os que devem vivificar o corpo, para dar vida comum e transitória, haurir o néctar da vida espiritual, eterna e eternamente perfectível.

Da união resulta uma modificação das propriedades do corpo, como das faculdades da alma, e esta modificação e conseqüente distinção parecem-nos patentes, no raso de Esquirol.

Entretanto, a cegueira materialista contesta estas coisas tão claras, atribuindo ao cérebro o que se passa na anestesia, no hipnotismo e no sonambulismo.

Enquanto o sono paralisa os sentimentos, dizem, as funções presididas pelo grande simpático continuam em seu exercício.

Pelo mesmo modo, deduzem, as funções do cérebro continuam em exercício, e é ele que faz tudo o que se atribui ao princípio anímico, nos casos de anestesia, de hipnotismo e de sonambulismo.

Podíamos, com os fatos de Velpeau, de Bremaud e de Esquirol, rebater a estólida pretensão que deu azo a Debay para imaginar a teoria vesânica da ramificação do nervo óptico, pela qual se fazem órgãos da visão o epigastro e os dedos.

Podíamos com o que temos exposto, varrer da liça a ação cerebral, como órgão gerador do pensamento, e destruir por seus fundamentos a ridícula teoria, contra a qual se levantam o bom-senso e a Ciência.

Preferimos, porém, bater o adversário, de reduto em reduto até fazê-lo render-se à discrição.

O doutor Charpignon refere um fato que esmaga as pretensões do materialismo em desespero.

"Certa noite, uma sonâmbula a serviço do doutor, em suas indagações científicas, achando-se em sono magnético, pediu para ir visitar sua irmã, em Blois, cujo caminho lhe era conhecido.

"De repente, exclamou: Aonde vai, Sr. Jeanneau?

"Onde vos achais? perguntou o doutor.

"Em Meung, onde encontro o Sr. Jeanneau em trajes domingueiros, sem dúvida para visitar algum castelão.

"Uma das pessoas presentes conhecia Jeanneau, e escreveu-lhe imediatamente, pedindo-lhe que lhe dissesse se realmente passeava àquela hora.

"A resposta confirmou, em todos os pontos, o que a moça vira de Orleans."

Raciocinemos.

Primeiramente, a teoria de Debay cai por terra, pois, nem pelos olhos, quanto mais pelos dedos e pelo epigastro, pode-se, de Orleans, ver uma pessoa em Meung, a léguas de distância.

Debay imaginou sua teoria para os casos de verem, os sonâmbulos, com os olhos fechados, mas numa distância de se poder ver. Nunca, porém, cogitou de casos como o de Charpignon.

A Ciência marchou, e eis que se prova hoje que os sonâmbulos vêem a léguas de distância, verificando-se o fenômeno até mesmo entre antípodas, do que resulta despedaçar-se de encontro à rocha da verdade mais um argumento do materialismo.

E perguntaremos aos que se valem de qualquer pau podre, para se baterem contra os que sustentam a existência da alma, como explicar-se a transposição dos sentidos, isto é, a desnecessidade dos órgãos dos sentidos, para termos as impressões que, naturalmente, por eles é que recebemos?

Como explicar-se este fato de ver-se com os olhos fechados e a distância que, nem com eles abertos, nem com eles auxiliados, poder-se-ia ver?

É o cérebro, é a matéria, que vão a muitas léguas ver o que aí se passa?

Dizem que é a força visual, que aumenta pelo sonambulismo.

Aceitemos; mas, qualquer que seja o grau de aumento da força visual, jamais se poderá fazê-la trazer à retina a impressão de um objeto, por exemplo, que está além de uma parede.

O sonambulismo, assim como tem o poder de aumentar descomunalmente a força visual, terá também o de suprimir as leis da óptica, que requerem, como essencial, a relação do objeto com a retina, pelo raio luminoso?

Se não lhe cabe tão estupendo poder, saiba Debay que o médium de Charpignon viu de Orleans a Meung através da parede do gabinete onde o sábio trabalhava, e, portanto, em condições de serem impossíveis as leis da óptica.

É, pois, se o fato se deu em tais condições, é porque, não o órgão visual, mas um outro, para o qual as leis que regem o fenômeno material da vista nenhum poder têm, foi o que o determinou; é porque esse outro é de natureza a desprender-se do corpo, no estado sonambúlico, como no sono natural, e ir ao longe, no espaço, espraiar sua vista imaterial, espiritual; é porque quem vê não são os olhos, mas, sim, a alma, e a alma, desprendida do corpo, não precisa deles para ver.

Tão irracional é, portanto, explicar a visão, nas condições expostas, pelos órgãos do corpo, e em contravenção com as leis naturais, reconhecidas pela Ciência, quanto é conforme com a razão e com a Ciência explicá-la pela ação direta do principio vidente, parcial e momentaneamente independente dos órgãos materiais, que a põe em relação com o mundo externo, nas condições ordinárias.

Ainda, com isto, não se rende o materialismo, e diz:

O cérebro é uma pilha de fluido nervoso, o qual tem as propriedades dos fluidos elétrico, calorífico e luminoso, e, por isso,

sob o impulso da vontade rompe os espaços e vai, ao longe, receber as impressões que transmite ao cérebro.

Foi, pois, não o cérebro em si mesmo, que viajou de Orleans a Meung, mas, sim, o fluido nervoso, que possui a propriedade de transferir-se ou prolongar-se, como um raio luminoso.

Esquecem-se os sustentadores desta sublime descoberta de que o fluido nervoso não é livre, como o elétrico, o calórico, e a luz; mas que, mesmo no corpo humano, ele existe enclausurado nos canalículos que constituem a rede nervosa.

Como, então, poderão tais canalículos prolongar-se de Orleans a Meung? Douta ignorância!

Desenganem-se. Os fatos citados só podem ser explicados pela ação da alma.

Se considerarmos a homem composto de corpo e alma, tendo cada um suas qualidades especiais, que se modificam pelo fato da união, tudo será claro, até à evidência.

A alma é que vê, ouve, cheira, gosta e apalpa, isto é, a alma é que recebe as impressões que vêm do exterior e se condensam no cérebro; achando-se, porém, encenada no corpo, não as pode receber diretamente, e sim por intermédio dos órgãos corporais.

Enquanto subsiste o enclausuramento, ela não pode dispensar o concurso do corpo, para isto dotado dos convenientes aparelhos. Eis por que é essencial à visão a integridade do olho e do nervo óptico.

Desde, porém, que se desprende, mesmo temporariamente, do invólucro carnal, como acontece nos sonos, desde que vive a vida própria, sem restrições às suas faculdades, exerce-as sem dependência dos respectivos órgãos: vê, sem olhos.

É por isto que o sonâmbulo vê com olhos fechados, e vê a léguas e léguas de distância.

Os materialistas hão de confessar que, teoria por teoria, esta é mais racional e conforme com a Ciência e com os fatos.

Explica por que é indispensável o aparelho material, no estado normal, e por que é desnecessário, no sonambúlico.

Explica a visão ao longe, sem precisar derrogar as leis conhecidas da Ciência, fazendo os órgãos saírem à procura das impressões.

Com efeito; no caso de Charpignon, a doutrina materialista inverte toda a ciência fisiológica, fazendo o fluido nervoso, por fora do aparelho visual, ir a Blois.

A Doutrina Espírita explica, enfim, a segunda vista, de acordo com a verdade, como vamos ver, passando às provas experimentais da existência da alma, pelo concurso dos sentidos.

*

A verdadeira expressão da luta, entre materialistas e espiritualistas, não é propriamente determinar se existe a alma; pois os sustentadores do puro materialismo nos fazem a graça de admitir uma como alma, resultante das energias materiais e semelhante à força vital que se esgota e desaparece com a morte.

A verdadeira expressão do que realmente separa os dois campos, é: se a alma sobrevive ao corpo, com a consciência de sua individualidade e a memória de quem foi e do que fez na vida corpórea.

Aqui, não há questão de palavras. Sim ou não; e está decidida a sorte das duas escolas.

Se se provar que um indivíduo, a cujo enterro assistimos, se manifestou e comunicou suas impressões de além-túmulo, arrasado está, com isto, o castelo do materialismo, e firmado em rocha viva o do espiritualismo.

E, pois, a questão que temos trazido até aqui, apoiando-nos na razão, na consciência, na autoridade e na Ciência, toca ao termo fatal,

ao ponto de não poder mais ser envolvida em sofismas e tergiversações.

Entremos na prova decisiva, dividindo o estudo especial, em três partes: 1.ª - Tradição popular; 2.ª - Fatos autenticados pelos maiores vultos da Ciência; 3.ª - Fatos de nossa própria observação.

1.ª - Tradição popular

Em todos os tempos e em todos os países, vigorou sempre, no seio da massa popular, a crença de que as almas dos mortos vêm falar aos vivos.

Se tem algum valor o provérbio: vox populi, vox Dei - e não deixa de ter, pois é inegável que o povo possui uma intuição que surpreende os sinceros; se tem algum valor aquele provérbio, não pode ser posta em dúvida a manifestação dos mortos.

Como, porém, a Ciência não se firma em conjeturas, desçamos aos fatos que dêem vida à crença popular.

Na Bíblia, encontram-se provas autênticas da manifestação das almas que se foram desta vida.

São autênticas, porque a autoridade do escritor sagrado não permite que se lhe atribua intenção de enganar com falsos propósitos.

E são insuspeitas, porque o patriarca era infenso àquelas práticas, ao ponto de ameaçar com morte aos que provocassem tais comunicações.

Assim, pois, têm o maior valor moral os fatos que vamos referir.

O primeiro é este mesmo ato de Moisés, condenando a evocação dos mortos. (1)

(1) Moisés proibiu que os adivinhos e feiticeiros evocassem os mortos, visto que só os profetas o podiam fazer. (N. E.)

Se o fato não se desse ou não passasse de coisa imaginaria, seria ridículo figurar aquela proibição em livro tão respeitável, escrito pelo maior vulto da antigüidade sagrada.

Tal proibição é, portanto, a mais irrecusável prova da verdade do fato. (2)

(2) Fato que, dessa forma, não pode ser negado pelos adeptos de qualquer ramo do Cristianismo. (N. E.)

Dir-se-á que a prática era real; mas que era bruxaria - e que foi por isso que Moisés a proibiu. Os mortos não acudiam aos chamados.

Aceitemos a declinatória, mesmo porque, além de gratuita, vai ser reduzida a pó pelo segundo fato, este:

Saul recorreu à profetisa de Endor, para falar à alma de Samuel, e, diz a Bíblia, a alma acudiu ao chamado e revelou ao rei seu próximo fim.

Aqui, não há para onde fugir; ou é falso o que atesta o venerando escritor, ou Samuel sobreviveu à morte do corpo, tanto que falou a Saul.

Está no mesmo caso e conduz às mesmas deduções o que se encontra no livro de Tobias:

O moço foi longe da casa paterna, e teve encontro com um mancebo, que o acompanhou e o livrou de ser devorado por um peixe, cujo fel mandou guardar, para curar a cegueira do pai.

De volta a casa, produziu a cura, e, oferecendo-lhe a família, agradecida, metade de sua fortuna, fez-lhe sentir que a Deus devia o benefício, e declarou ter sido Ananias, filho de Azarias. Dizendo isso, desapareceu da vista de todos.

Passando destas tradições escritas e autenticadas pelo autor da Bíblia, façamos obra com outras inéditas, que poderão ser autenticadas.

No Brasil e em Portugal, de cujos usos e costumes temos maior conhecimento, encontra-se, espalhada por todas as camadas sociais, a

crença nas almas do outro mundo, firmada em fatos presenciados por pessoas respeitáveis.

Em Portugal, as Lendas e Narrativas do ilustre Alexandre Herculano as atestam. No Brasil, quase não há uma família, dizia o erudito Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, que não tenha um fato a referir da aparição de mortos.

Daremos aqui alguns dos muitos que conhecemos.

D. Maria Cândida de Lacerda Machado, senhora tão distinta pela inteligência como por virtudes, que viveu na boa sociedade do Rio de Janeiro, tinha em S. Paulo, estudando na Faculdade de Direito, o filho de seu primeiro matrimônio.

Um dia, recebeu carta do moço, que se achava de perfeita saúde, e, na noite desse mesmo dia, ao apagar a vela para dormir, ouviu distintamente o som da queda de pesado castiçal de prata, pousado sobre uma mesa, a alguma distância da cama.

Acreditando que gatos ou ratos lançaram abaixo o estimado objeto, acordou o marido, que, acendendo a vela, viu, com ela, o castiçal em seu lugar.

- Foi sonho - disse ele. - Não, que eu estava acordada, respondeu à senhora.

E, depois de longa discussão, apagaram de novo a vela e voltaram à cama.

Imediatamente fere-lhes os ouvidos o som da queda do castiçal; ao que acudiu o homem, dizendo: - Agora, sim: garanto que caiu.

Acesa a vela, foram surpreendidos com a presença do castiçal no seu lugar!

Muito tempo levaram em conjeturar, até que resolveram repousar.

Deu-se, então, um fato singular para a senhora, ainda acordada, enquanto o marido já dormia.

Uma mão deslizou doce e amavelmente pela testa de D. Maria, e, tomando-lhe os bastos e longos cabelos, soltos, correu por eles até as pontas.

- É meu filho, que me vem dar sinal de ter morrido! - exclamou a angustiada senhora. - Reconheci-lhe a mão, fazendo, com meus cabelos, o que sempre foi seu gosto. É ele!

E não houve como dissuadi-la daquela idéia, nem durante o resto da noite, que levou a prantear o filho, nem no dia seguinte, quando famílias amigas acudiam a convencê-la de que era infundado seu juízo à vista da carta que dava o moço de perfeita saúde.

Entre os que foram visitá-la, figuraram os Drs. Mariano José Machado e Joaquim Pinto Neto Machado, respeitáveis médicos, que nos deram a notícia do fato, no mesmo dia.

Dois ou três dias depois, chegou o vapor de Santos, única via célere, de então, entre a Corte e a província de S. Paulo, e, por ele, veio à notícia da morte do jovem, colhido por uma enfermidade, exatamente no dia em que foi aqui recebida sua carta.

Análogo a este fato é o que se deu, na província do Ceará, com o coronel Luís Torres, então capitão e geralmente conhecido por capitão Lucas.

Achava-se comandando o destacamento na cidade do Crato, 80 léguas distantes da Capital, e, uma noite, dormindo em rede, foi acordado por lhe abalarem sensivelmente, não havendo no quarto, fechado, quem o pudesse fazer.

Ao despertar, soou-lhe aos ouvidos a voz flébil de sua irmã predileta que se achava na Capital, e a voz articulou estas simples palavras: - "Luquinhas (era como o tratava), adeus!"

Não dormiu mais, acreditando na morte da irmã, e do fato fez referência aos amigos da cidade, que, em poucos dias, deixou, por ter sido rendido no comando.

Efetivamente, naquela noite falecera a querida irmã do capitão, o qual foi o próprio a referir-nos o fato.

Ainda um outro, para prova da verdade da tradição.

Manuel Seve, moço de espírito elevado e nosso companheiro de estudos experimentais sobre Espiritismo, faleceu na Capital Federal, no dia 15 de Julho de 1895, pelas seis horas da tarde.

Era natural do Maranhão, onde tinha a família paterna.

Poucos dias depois da morte, manifestou-se ao capitão do Exército Manuel Raimundo de Sousa, dizendo-lhe que dera à família, imediatamente, sinal de seu passamento; o que nos comunicou e a outros amigos, o capitão Raimundo.

Pelo vapor do Norte, recebeu o padre Seve, irmão do morto e seu hóspede, enquanto vivo, uma carta do pai, que lhe referia o seguinte:

No dia 15, cerca das onze horas da noite, achando-se toda a família agasalhada, foi subitamente despertada pelos gritos de uma jovem, irmã querida de Manuel Seve, que dizia ter visto um homem penetrar em seu quarto, onde ainda se achava, pois ela ainda o via.

Rodeada dos seus, cobrou ânimo e, enfrentando o insolente, que ousara entrar em seu aposento reservado, soltou um brado de espanto, declarando que o homem era seu irmão Manuel, o qual desapareceu de sua vista, tão depressa foi reconhecido.

Foi um tumulto na casa, chorando todos, na persuasão de que aquilo fora sinal de que o amado Manuel tinha morrido, ou antes, que o caro amigo viera, ele mesmo, trazer o sinal de sua morte.

Só o velho pai, incrédulo, viu o fato por um prisma sem dúvida mais aterrador para seu coração.

Para ele, aquilo era efeito de alucinação. A amada filha estava alucinada.

Procurou, como pôde, acalmar a tempestade, tranqüilizando a própria moça, que conciliou o sono e, dormindo, sonhou; e no sonho viu o irmão estendido num sofá, no meio da sala, tendo à cabeceira

uma mesa, sobre a qual um crucifixo e duas velas, estando o corpo coberto por um lençol.

Ora, isto, que era o quadro real do que se deu aqui, e nós presenciamos, não abalou a crença do velho pai, que, à hora do costume, foi para seu emprego, onde, depois do meio-dia, lhe foi entregue um telegrama do filho padre, dando-lhe a triste nova.

O que aí fica narrado é o transunto da carta do velho Seve ao filho padre, a quem pedia explicação de tão estupendo acontecimento.

O estupendo sucesso foi narrado nos jornais desta Capital, invocando-se o testemunho do padre, que não o deu, por que e padre; mas que, também, não desmentiu o fato, porque não podia abafar a verdade.

É, pois, um fato tão autenticado quanto é possível exigir-se, o da aparição da alma de Seve no Maranhão, na mesma noite de seu desprendimento aqui na Capital.

A comunicação feita ao capitão e a apresentação à irmã, completam-se no sentido de fazerem patente a verdade do sucesso.

Centenas equivalentes poderíamos dar aqui; os três, porém, que demos, nos parecem suficientes.

2.ª Fatos autenticados pelos maiores vultos da ciência

Já sabemos que nos cabe, agora, avaliar as experiências dos grandes luminares da Ciência sobre a sobrevivência da alma, com a consciência de sua individualidade.

Saibam, pois, de uma vez por todas, que somente ao Espiritismo pediremos a chave do pavoroso mistério que tem feito recuar os mais robustos talentos ante a idéia de se preocuparem com assuntos do mundo invisível, com a vida das almas.

Pouco se nos dá que esta nossa franca e destemida declaração nos acarrete o escárnio de uns e a excomunhão de outros, quando nosso

fim é o descobrimento da verdade, que sempre custou caro aos argonautas da Ciência.

Perscrutemos, pois, os segredos do Espiritismo, com a coragem dos Crookes, dos Wallace, dos Varley, dos Zoellner, dos Victor Hugo, dos Sardou, dos Flammarion e de inúmeros outros sábios.

William Crookes submeteu a exame experimental as manifestações espíritas, no intuito de demonstrar a falsidade delas. (1)

(1) Convidamos o leitor a ler a obra - Fatos Espíritas, de autoria de Crookes. (N. E.)

Suas vistas e seu procedimento acham-se estampados neste trecho do seu livro:

"Em presença de tais fenômenos (espíritas), os passos do observador devem ser guiados por uma inteligência tão fria e tão desapaixonada, como são os instrumentos de que se serve."

"Por este modo tão correto, tenho apreciado fatos extraordinários", diz ele, sem temer o ridículo:

"Tendo-me convencido da verdade desses fatos, seria uma covardia moral recusar-lhes meu testemunho."

Que fatos são os de que fala o sábio?

O leitor pode conhecê-los, manuseando seu livro, minuciosa exposição das experiências que fez e a que deu o título de "Estudos sobre o novo Espiritualismo".

Entretanto, apraz-nos transcrever alguns trechos dessa importante obra impugnada de modo a provocar o riso de Faraday, Babinet e Chevreuil.

"Uma questão importante, diz o observador, se impõe à nossa atenção: saber se esses movimentos e ruídos são dirigidos por alguma inteligência." E continua:

"Desde o princípio de minhas pesquisas, eu demonstrei que a força produtora de tais fenômenos não era cega, mas, sim, uma Inteligência que, se não os dirigia, lhes era associada.

"E assim que, a meu pedido, as pancadas se davam no número exigido, fortes ou fracas, e nos lugares designados.

"Por um vocabulário de sinais, previamente combinados, foram-me dadas respostas a questões por mim levantadas, e me foram feitas várias comunicações."

Crookes fez outras bem importantes considerações, procurando demonstrar que a desconhecida Inteligência ora era inferior à do médium, ora em completa oposição aos seus desejos, chegando a mandar reconsiderar as questões que lhe propunha, quando não eram razoáveis.

Conta ele que, durante uma sessão com Home, uma prancheta que estava sobre a mesa, a pouca distância das mãos daquele médium, encaminhou-se espontaneamente para ele, para dar uma comunicação.

"Eu lia o alfabeto e, quando chegava à letra necessária à composição do nome que a força invisível queria dizer, a prancheta suspendia-se de um lado e batia.

"As pancadas eram tão claras, tão precisas, e a prancheta estava tão evidentemente sob a inteligência de um poder invisível, que lhe dirigia os movimentos, que eu exclamei: A Inteligência que dirige esta prancheta pode mudar o caráter de seus movimentos e dar-me, por meio de pancadas em minha mão, uma mensagem pelo alfabeto de Morse?

"Tenho toda a razão para assegurar que aquele alfabeto era completamente desconhecido de todos os presentes, e eu mesmo mal o conhecia.

"Assim que fiz a pergunta, mudou o caráter do movimento da prancheta, e começou a mensagem pedida.

"As letras me foram dadas com a rapidez de eu não poder apanhar todas as palavras, pelo que foi perdida a mensagem; mas eu tinha colhido quantum satis para reconhecer que dirigia a prancheta um bom mestre do sistema de Morse."

Continuando, refere o sábio o seguinte fato:

"Uma dama escrevia automaticamente, e eu quis verificar se ela o fazia inconscientemente.

"A prancheta de que ela se servia, afirmava, pelos sinais conhecidos, que, embora posta em movimento pela mão da dama, a Inteligência que a dirigia era de um ser invisível, que se servia do cérebro da dama, como de um instrumento de música, dando assim manifestação a seus músculos.

"Eu disse, então, a essa Inteligência: Vedes o que está nesta sala? Sim, respondeu. Vedes este jornal e podeis lê-lo?

E logo pus o dedo sobre um exemplar do Times, que estava na mesa, atrás de mim. Sim, respondeu novamente.

"Dizei-me, pois, a palavra que está debaixo do meu dedo.

"Quando fiz esta experiência, evitei propositadamente olhar para o jornal, e à dama era impossível vê-lo, porque estava encoberto por meu corpo.

"A prancheta começou a mover-se lentamente, com dificuldade, mas escreveu a palavra - honra -, exatamente a que meu dedo cobria."

Como, depois desta experiência, atribuir-se aquele fenômeno à força psíquica?

Como? Se ninguém ali sabia qual a palavra que estava debaixo do dedo.

Preste o leitor atenção a este fato, e, em consciência, decida se pode ter sido produzido pela força psíquica do médium ou de alguém presente, todos completamente ignorantes do que estava oculto pelo dedo, ou se não é de rigor que tenha sido ele produzido por Inteligência estranha, invisível, como se qualificou ela mesma, para a qual a matéria é transparente.

Ora, provada a existência de uma Inteligência invisível, que falta para tomá-la por um Espírito?

E o que nos vai dar o próprio Crookes.

A escrita direta desfaz toda a dúvida sobre a existência de Inteligências invisíveis, estranhas à influência do mundo visível.

Sobre ela, escreveu Crookes:

"A escrita direta é a expressão empregada para designar o que é produzido sem a intervenção do homem.

"Eu obtive muitas vezes palavras e comunicações escritas em papel marcado com o meu sinete nas mais rigorosas condições de fiscalização.

"Ouvi, no escuro, o ruído do lápis sobre o papel.

"Eram tão rigorosas as precauções por mim tomadas, que meu espírito ficou convencido, como se eu tivesse visto formarem-se os caracteres.

"Como o espaço não me permite entrar em todos os pormenores, limitar-me-ei a citar os casos em que meus olhos e ouvidos foram testemunhas da operação.

"O primeiro foi numa sessão, no escuro; porém o resultado não foi menos satisfatório.

"Eu estava sentado ao pé da médium, Srta. Fox, e não havia presentes senão minha mulher e uma parenta. Com as mãos, eu segurava as da médium, e, sob os meus, tinha seus pés. Havia papel sobre a mesa, e eu tinha um lápis entre meus dedos.

"Uma perfeita mão luminosa desceu do teto, e, depois de ter, por segundos, adejado em torno de mim, tirou-me o lápis, escreveu rapidamente no papel, depôs o lápis e se elevou até se perder na escuridão."

Crookes refere ainda os seguintes casos, que dão nova expressão às suas experiências:

"Durante uma sessão com Home, em minha casa e de dia, eu vi agitarem-se as cortinas de uma janela que ficava a dois e meio metros de Home. Uma sombra, semelhante a forma humana, foi vista por

todos, em pé, agitando as cortinas com a mão. Enquanto a observávamos, dissipou-se, e as cortinas cessaram de mover-se."

Passemos ao segundo caso:

"Uma figura fantástica avançou de um canto da sala; foi tomar um harmônio e o tocou.

"Esta figura foi visível por muitos minutos, a todos que viam, ao mesmo tempo, noutro ponto, o médium Home.

"O fantasma aproximou-se de uma dama, sentada fora do círculo dos assistentes, e desapareceu logo que ela deu um grito de medo."

Como se vê, a Inteligência que produzia os fenômenos observados e descritos por Crookes vai-se afastando tanto da imaginária força psíquica, quanto caminha veloz, para confundir-se com os Espíritos ou almas dos que morreram.

Continuemos e teremos prova cabal de não ser ela outra coisa.

Leiamos o que observou o ilustre sábio sobre a materialização daquela Inteligência, fenômeno surpreendente, embora já por outros observados, e que e devido à condensação do corpo fluídico, que reveste os Espíritos.

"A sessão foi em casa de Luxmore, e o gabinete, onde ficou a médium, era separado da sala em que estavam os assistentes, por um reposteiro.

"Satisfeita a necessidade de inspecionar-se a câmara e de examinarem-se as fechaduras, entrou a médium para o gabinete.

"Pouco tempo depois, apareceu Katie, o Espírito materializado, ao pé do reposteiro; mas retirou-se, dizendo que sua médium não estava bem disposta, e por isso não podia, sem perigo para ela, cair em sono que desse para ela se manifestar.

"Eu estava a poucos passos do reposteiro, atrás do qual estava sentada a Srta. Cook, a médium, e pude bem ouvir seus gemidos e queixumes.

"Suas fadigas continuaram por todo o tempo da sessão, e, uma vez, achando-se diante de mim a forma de Katie, ouvi distintamente um gemido de Cook.

"Entretanto, a prova positiva de que os gemidos vinham do gabinete, onde se achava Cook, embora Katie estivesse fora, era coisa muito séria, para ser baseada em suposições."

Eis aí a Inteligência invisível manifestada por um Espírito visível, que fala que anda, e que (vê-lo-emos) é tangível como qualquer pessoa viva, tendo a propriedade de desfazer-se rapidamente, como o fumo.

O prosseguimento destas extraordinárias experiências levou o sábio a dizer:

"Sou feliz por poder assegurar que obtive, enfim, a prova absoluta do que avancei na precedente carta.

"Como obter aquela prova?

"Por enquanto não falarei da maior parte das provas que me forneceu Katie, nas numerosas ocasiões em que Cook se prestou às sessões, em minha casa, e não descreverei senão as que recentemente colhi.

"Havia já algum tempo que eu experimentava com uma lâmpada de óleo fosforado, no intuito de fazer visíveis alguns fenômenos misteriosos do gabinete, tendo para isto boas razões, que Katie partilhava.

"A 12 de Março, em uma sessão, em minha casa, e depois de Katie ter passado por entre nós, e de nos haver dirigido a palavra por algum tempo, vimo-la retirar-se para detrás do reposteiro que nos separava de Cook.

"Pouco depois, chamou-me, para dizer-me: Entre e levante a cabeça da minha médium, que está pendida para o chão.

"Katie estava, então, diante de mim, com seu constante vestido branco e o infalível turbante.

"Imediatamente dirigi-me para Cook, afastando-se Katie, para me dar passagem.

"Realmente, Cook tinha escorregado um pouco do sofá, e sua cabeça, pendente, estava em penosa posição.

"Ergui-a e coloquei-a em posição cômoda, tendo, apesar da escuridão, a viva satisfação de verificar que ela não estava vestida como Katie, mas, sim, com seu vestido habitual de veludo, e, mais, que se achava em profunda letargia.

"Não eram decorridos cinco segundos entre o momento em que vi Katie de vestido branco e me achei com Cook e acomodei-a no sofá.

"Voltando ao meu posto de observação, apareceu-me Katie e disse-me que lhe era, talvez, possível apresentar-se-me conjuntamente com sua médium.

"O gás foi quase apagado, e ela me pediu a lâmpada de óleo fosforado, a cuja luz se me apresentou por alguns segundos, entregando-me e dizendo: Agora entre e venha ver minha médium.

"Segui-a de perto, e, à luz da lâmpada, vi Cook deitada no sofá, como a tinha deixado; mas, olhando em torno de mim, não vi Katie, a quem chamei, sem resposta.

"Voltei para o meu lugar, onde Katie me disse que não tinha saído de junto de mim.

"Perguntou-me então se não poderia ensaiar uma experiência, e, tomando-me a lâmpada, foi para junto de Cook, pedindo-me que não a observasse.

"No fim de alguns minutos, entregou-me a lâmpada, dizendo que não conseguira resultado, que esgotaria todo o fluido da médium; mas que, posteriormente, conseguiria seu intento.

"Meu filho, rapaz de 14 anos, que estava sentado defronte de mim, em posição de ver o que se passava no reposteiro, disse-me que viu distintamente a lâmpada flutuando no ar, por cima de Cook,

derramando luz sobre ela, deitada no sofá, mas que não vira quem a suspendia.

"Passo à sessão em casa de Hachney.

"Nunca aparecera Katie tão perfeitamente.

"Durante umas duas horas, passeou na sala, conversando familiarmente com as pessoas presentes.

"Muitas vezes tomou-me o braço, e a sensação que me deu foi a de uma pessoa viva, que se apoiasse em mim, e não a de um visitante do outro mundo.

"Aquela sensação foi tão forte que tive ímpetos de fazer uma nova e curiosa experiência. Refleti, porém, que, se era um Espírito, era em todo o caso uma senhora, e pedi-lhe permissão para tomá-la em meus braços, a fim de verificar as interessantes observações que alguém havia recentemente feito referido vagamente.

"Graciosamente foi-me dada à licença, de que me servi convenientemente, como homem bem-educado.

"M. Valkman ficará contente em saber que pude confirmar sua asserção, de ser o fantasma, que, aliás, nenhuma resistência opôs ao exame, um ser tão natural como Cook.

"Katie disse-me, então, que se julgava com força para mostrar-se juntamente com sua médium.

"Diminuí a luz, tomei a lâmpada e penetrei onde se achava a médium.

"Tinha, porém, previamente pedido a um dos meus amigos presentes, hábil estenógrafo, que grafasse tudo que eu falasse no quarto, porque eu sabia a importância que se liga às primeiras impressões, e não queria confiar somente em minha memória.

"Entrei cautelosamente e procurei, tateando, a médium, que descobri sentada no chão.

"Deixei penetrar ar na lâmpada, e via moça vestida de veludo preto, como no princípio da sessão, parecendo completamente insensível.

"Elevando a lâmpada, olhei em torno e vi Katie por detrás e bem junto de Cook, vestida de roupas curtas e flutuantes, como se apresentara naquela sessão.

"Segurando uma das mãos de Cook, movi a lâmpada de modo a iluminar todo o corpo de Katie e a bem reconhecer que era realmente ela, a que eu tive em meus braços, e não uma criação de cérebro doentio.

"Ela não falou; mas, com a cabeça, fez sinal de compreender-me."

Pelo que se conhece, hoje, sobre as propriedades do perispírito, poder-se-ia supor que foi um desdobramento da médium que produziu a dupla aparição; prossigamos, porém, e reconheceremos a verdade da manifestação tangível de um Espírito.

"Antes de terminar - é Crookes quem fala - desejo fazer conhecer algumas diferenças que observei entre Katie e Cook.

"O talhe da primeira é variável. Em minha casa, vi-o 1,5 cm maior que o de Cook; ontem, porém, tendo os pés descalços, era apenas maior um centímetro.

"Ontem, à noite, Katie esteve com o pescoço nu, e mostrava uma pele macia ao tato, enquanto Cook tem uma cicatriz bem visível, que torna a pele áspera.

"As orelhas de Katie são muito mais longas e seu rosto mais comprido.

"A cor de Katie é clara. Cook é morena.

"Há sensíveis diferenças nos modos das duas, até quanto a se exprimirem."

Diante da minuciosa exposição do sábio observador, desaparecem as suspeitas de serem as duas a mesma pessoa, quer por dolo da médium, quer por desdobramento (bicorporeidade) dela.

Os desdobramentos são fenômenos hoje conhecidos da Ciência, e seu característico é que a imagem em nada pode diferir do corpo material, quanto aos sinais físicos.

Seriam as provas da aparição daquele Espírito, tão minuciosa, escrupulosa e cientificamente colhidas, pura ilusão do respeitável sábio? (1)

(1) Posteriormente, muitos outros sábios realizaram experiências semelhantes. (N. E.)

Além de que todas as suas experiências foram feitas em presença de muitas pessoas tão respeitáveis quão competentes, aí vem sua última carta desfazer qualquer vacilação.

Crookes refere aí como conseguiu, por indicação de Katie, e em presença de todos, tirarem fotografias do Espírito e da sua médium, juntas.

Durante esse trabalho, os assistentes tiveram ocasião de ver, bem distintos, o Espírito e sua médium Katie e Cook.

"Tenho a mais absoluta certeza de que Cook e Katie duas pessoas distintas, ao menos quanto ao corpo.

"Quando chegou o momento de deixar-nos, eu pedi Katie o favor de ser o último que a visse.

"Ela chamou, um por um, todos os presentes, aos quais dirigiu palavras afetuosas e conselhos.

"Terminadas as despedidas, convidou-me a segui-la ao quarto da médium, para permanecer com ela até ao fim.

"Depois de ter corrido o reposteiro, conversou comigo por algum tempo, e foi ter com Cook, inanimada.

"- Desperta, disse, que é chegada a hora de deixar-te.

"Cook ergueu-se, banhada em lágrimas, e suplicando-lhe que se demorasse por mais tempo.

"- Não posso minha querida; está completa a minha missão. Deus te abençoe.

"Conversou com Cook até que as lágrimas desta lhe tolheram a voz.

"Fazendo como me havia recomendado, eu corri a sustentar Cook, que ia cair convulsivamente, e, olhando em torno, não vi mais Katie, com seu vestido branco."

É preciso admitir que se possa conversar com a própria sombra, para ter a idéia de que Katie era desdobramento de Cook.

É preciso admitir que Crookes e seu respeitável auditório foram tomados, ao mesmo tempo, de insânia, ou que homens da maior responsabilidade combinaram-se para darem por verdade uma mentira, miserável embuste, para ter-se o pensamento de que o médium e o Espírito são a mesma pessoa.

Seriam as experiências insubsistentes, sem o rigor das observações científicas? A resposta está na obra de Crookes.

Por mais que choquem as crenças gerais, os fatos atestados por Crookes, o nome e a alta competência do observador se impõem aos mais refratários.

E, como os fenômenos observados por Crookes dão testemunho irrecusável de um Espírito sob a forma corporal, e que a tomava e deixava, instantaneamente, à vista de todos, pode-se dizer, materialmente provado, que há Espíritos, que o Espírito é imortal, e que o ser humano, cuja essência é o Espírito, não acaba na morte, conservando sempre a consciência de sua individualidade.

É verdade que Dassier, emperrado materialista, obrigado a confessar que viu aparições espirituais, arma sofisma à sua própria consciência, imaginando que o Espírito é a figura do homem material, que ainda subsiste depois da morte, por não se ter ainda de todo extinguido o fluido vital!!!

É necessário decidido propósito de repelir a luz, para formular tais e quejandas hipóteses.

Se o fluido vital ainda subsiste, subsistir deve a matéria vitalizada: - o corpo; portanto, não pode verificar-se a morte.

Além de que uma figura ou imagem, que fala, que raciocina, que toma na mão uma lâmpada, que dá conselhos, que faz, em suma, o que fez Katie, não é coisa mais estupenda do que admitir no homem uma parte que morre e outra que é imortal, duas substâncias distintas?

Para todo homem sensato, confessar Dassier que viu aparições, é confessar verdadeiros os fatos citados por Crookes.

Esta confissão, de tão insuspeita origem, vale pela mais robusta prova que possam dar os processos positivistas.

O fato é tão real que um materialista da intransigência de Dassier não lhe pôde negar seu testemunho!

Com o que temos longamente exposto, fica plenamente elucidada nossa tese. Não será, porém, ocioso corroborar as experiências de Crookes com as de outros sábios.

Aos estudos de Varley, ajuntaremos os de Wallace, por ele próprio publicados em uma notável carta dirigida ao Times, para explicar como e por que se fez espírita.

O venerando sábio, que disputava a Darwin a descoberta da lei do transformismo, escreveu:

"Como tenha sido increpado, por muitos dos vossos correspondentes, como um homem de Ciência, que acredita no Espiritismo, peço licença para dizer-vos em que fundamentos assenta minha crença.

"Comecei minhas pesquisas, há quase oito anos, por uma feliz circunstância que me facilitou experimentar, em minha casa e em larga escala, com a assistência de pessoas da maior confiança, sendo, então, muito menos freqüentes e acessíveis os maravilhosos fenômenos.

"Tive a satisfação de provocar, por numerosas e rigorosas provas, movimentos inexplicáveis por causas físicas conhecidas ou por imaginações.

"Familiarizado, assim, com aqueles fenômenos, cuja realidade não pode ser posta em dúvida, tive ocasião de compará-los com as manifestações dos médiuns de profissão, e de reconhecer que existe, entre uns e outros, perfeita identidade de causa.

"Pude, igualmente, obter, pela mais paciente observação, as mais curiosas e seguras provas da realidade, cujas minúcias exigiriam volumes. Ser-me-á, porém, permitido descrevê-las ligeiramente, a fim de mostrar como se pode evitar a fraude.

"Uma dama, que nunca vira fenômenos espíritas, pediu-me, e à minha irmã, para acompanhá-la a um médium afamado.

"Obtivemos uma sessão em pleno dia.

"Depois de grande número de pancadas e movimentos, coisa muito comum, nossa amiga perguntou se era possível evocar-se uma pessoa com quem desejava falar.

"A resposta afirmativa, a dama começou a ler as letras do alfabeto impresso, enquanto eu tomava as que eram dirigidas para formarem o nome.

"Nem eu nem minha irmã sabíamos o nome do homem evocado: nem sequer conhecíamos os dos parentes mortos.

"Também ela nunca tinha visto o médium.

"As letras que tomei, foram: Y, R, N, E, H, N, O, S, P, M, O, H, T.

"Logo que foram designadas as três primeiras, a dama exclamou: isto não significa coisa alguma. É melhor começar de novo!

"Justamente naquele momento, as pancadas designaram o E, e veio-me ao pensamento, por já ter lido um fato semelhante, o que podia ser; e disse: Continue, que suponho saber o que significa isto.

"Quando a dama acabou de proclamar as letras, eu lhe apresentei o papel em que as tinha tomado; ela, porém, não lhes descobriu sentido.

"Operei, então, uma divisão pelo primeiro H; e pedi-lhe que lesse cada seção de trás para diante.

"Apareceu-lhe assim, com grande espanto seu, o nome de Henry Thompson, seu filho morto, que ela evocara.

"Esta experiência, cuja exata descrição garanto, foi e é, a meu ver, a completa refutação a todas as explicações até hoje dadas a respeito dos meios empregados para indicar por pancadas os nomes dos mortos..."

Este fato, garantido por um homem da estatura moral e científica de Wallace, e escudado nas observações análogas de Robert Chambers, do professor William Gregory, do professor Hare, do Dr. Guilly de Malvern e do juiz Edmonds, a não ser repelido por mentiroso, é de convencer os mais refratários. Continuemos.

O barão Guldenstubbé publicou, em 1857, um livro curioso, intitulado A realidade dos Espíritos e o fenômeno maravilhoso de sua escrita direta.

Conta o Autor como foi levado a fazer experiências.

Andava à procura de provas palpáveis, ao mesmo tempo que inteligentes, do mundo dos Espíritos, para demonstrar, por meio irrecusável, a existência da alma.

Colocou papel e lápis numa caixa, que fechou à chave, e a ninguém comunicou esse ensaio.

Para maior segurança, guardou consigo a chave.

Esperou em vão doze dias; porém, ao décimo terceiro dia foi surpreendido pelo aparecimento de alguns caracteres.

Repetiu a experiência, dez vezes no mesmo dia, para convencer-se de que não fora vítima de ilusões.

Deu parte a seu amigo, conde d'Ourches, de sua maravilhosa descoberta, e, juntos, fizeram repetidas tentativas, obtendo o conde uma comunicação de sua mãe, morta havia cerca de vinte anos, cuja letra foi reconhecida.

Oxon, o sábio professor que experimentou por cinco anos, sobre a escrita direta, exprime-se nestes termos, em sua obra - Coisas do outro mundo:

"Há cinco anos sou familiarizado com os fenômenos de psicografia, que tenho observado por médiuns conhecidos e por damas e cavalheiros de força medianímica.

"No curso de minhas observações, vi psicografias obtidas em caixas fechadas (escrita direta), sobre o papel escrupulosamente marcado e colocado em lugar especial, donde não pudesse ser removido, papel metido em envelopes fechados, e em ardósias dobradas.

"Vi escritas produzidas quase instantaneamente; e essas experiências me provaram que todas eram sempre obtidas pelo mesmo processo.

"Ao passo que se vê, algumas vezes, o lápis correr como se fora guiado por invisível mão, vê-se, outras vezes, aparecer a escrita, sem intervenção de lápis."

E o caso observado por Crookes, de uma luminosa mão arrancar-lhe o lápis e escrever à sua vista.

Zoellner, o sábio alemão, firmando suas asseverações no testemunho de pessoas respeitáveis, como os professores Fechner, Weber e Schreibner, as expõe assim:

"Na noite de 16 de Novembro de 1876, coloquei numa sala, onde o médium Slade nunca tinha entrado, uma mesa e quatro cadeiras.

"Eu e o professor Braune, Fechner e Slade sentamo-nos ao redor da mesa, e, desde que fizemos uma cadeia pela ligação de nossas mãos, deram-se pancadas na mesa.

"Tinha eu comprado uma ardósia, e Slade colocou-a numa borda da mesa, tendo em cima um lápis.

"Notamos que este não se moveu.

"Limpou-se a ardósia, e Slade colocou-a, com dois lápis, sobre a cabeça do professor Braune.

"Ouvimos o ruído do lápis na lousa, e, quando esta foi retirada, verificou-se que tinha muitas linhas escritas.

"Inopinadamente, um móvel que estava a distância de Slade e lhe ficava pelas costas, pôs-se em movimento e afastou-se alguns pés da parede.

"Uma segunda sessão se realizou em minha casa, com a assistência de Weber e de Schreibner.

"Violenta detonação deu-se, como descarga de botelhas de Leyde, e nós, voltando-nos, assustados, reconhecemos que uma porta, de meia polegada de espessura, se tinha rachado de cima a baixo, sem o menor contato de Slade.

"Os estilhaços caíram a metro e meio tava de costas.

"Surpreendeu-nos esta manifestação de tão possante força mecânica, e eu perguntei a Slade o que significava aquilo, ao que respondeu ele que, à sua presença, davam-se, às vezes, aqueles fenômenos.

"Como falava em pé, colocou uma ardósia, expressamente por mim comprada, sobre a mesa, e, por cima dela, os cinco dedos da mão direita, aberta, enquanto tinha firmada a esquerda no meio da mesa.

"Começou a escrita, e, quando Slade levantou a ardósia, liam-se nela estas palavras, em inglês: Não tivemos intenção de fazer mal. Relevem o que aconteceu.

"Foi isto escrito, tendo Slade imóveis às mãos."

Para que mais provas da existência dos Espíritos e da comunicação dos vivos com os chamados mortos?

O que aí fica exposto procede de fontes tão respeitáveis, que só a má-fé ou cegueira invencível podem recusar.

Se os mais notáveis homens de Ciência podem ser suspeitos de loucura ou de embuste, pelo fato de afirmarem que viram, e de ser o

que viram contrário ao que se tem por verdade, de que serve multiplicar testemunhos, e de que modo há de a Ciência limpar-se dos erros que a inquinam?

Em todo caso, para não faltarmos ao programa que prometemos seguir, daremos, em seguimento às observações daqueles sábios, as que temos nós mesmos feito em nossa estreitíssima esfera.

3.ª - Fatos de nossa observação

Para não darmos maior desenvolvimento a este capítulo, que já demasiado longo vai, limitaremos a exposição dos fatos da nossa observação, demonstrativos da existência da alma.

Em uma de nossas sessões de experiência, o médium José Inácio da Silveira ficou sonambulizado espontaneamente, sem a intervenção visível de ninguém, como acontece com todos com quem trabalhamos.

Quem fez aquela operação?

Os assistentes, não; porque nenhum saiu do seu assento, nenhum fez passes, como usam os magnetizadores e hipnotizadores.

O próprio médium, também não; porque de três ou quatro presentes, somente cai em sonambulismo, apesar de todos se concentrarem, o designado para o trabalho, com exceções caríssimas.

Será porque, por ser um o destinado para o trabalho, fica esse predisposto, e é somente sobre ele que se encontra a influência fluídica dos assistentes?

Parece razoável; mas quando o designado está predisposto e os assistentes com a atenção sobre ele, e outro é o sonambulizado?

Aqui, dúvida não pode haver de que a ação não procede dos assistentes, nem da concentração do médium, pois concentrados estão todos.

Inquestionavelmente, sendo a sonambulização uma operação que requer agente e paciente, e não descobrindo nós o agente, no caso em questão, temos razão para concluir que o agente é invisível.

Tergiversem quanto quiserem; o fato é este, e o fato só tem esta explicação: sonambulização por agente invisível.

O médium Silveira, dizíamos, ficou sonambulizado e, nesse estado, discutiu conosco, sustentando a doutrina da igreja Romana contra a Espírita.

Compreendemos que falava um padre, e no fim declarou-nos que o era, e que se chamara José Pereira do Amaral.

Inquirindo a respeito, soubemos do Sr. José Augusto Ramos da Silveira, do Faial, que conheceu em sua terra um padre daquele nome, morto havia vinte anos, e conhecido por padre Caridade, por ser muito caridoso.

O médium falava de Teologia, como só podia fazê-lo quem possuísse vastos conhecimentos da matéria, e, no entanto, sendo moço de vinte e poucos anos, e empregado no comércio, nada sabia de Teologia.

Como explicar esse fato de discorrer amplamente um médium sobre assunto que ignora, não havendo entre os assistentes quem partilhe as idéias que sustenta?

A explicação que acode, a quem não é arrastado por fanatismo ou por espírito de sistema, não pode ser senão que o médium não falou por si, mas que estranha inteligência aproveitou sua mediunidade.

Em nosso caso, é isto tanto mais racional, quanto o discurso foi sobre Teologia, e o discursador declarou ser padre.

Outro fato digno de atenção:

O doutor Alcoforado, deputado pela província de Pernambuco, assistia silencioso a freqüentes discussões que tínhamos sobre Espiritismo com o conselheiro Mac-Dowell, deputado pelo Pará e ministro da Justiça, fanático católico romano.

Um dia, quando voltávamos, os dois, à polêmica, interveio Alcoforado, dizendo: "Tenho-os ouvido, sempre calado, mas disposto a estudar a questão, que me cativou o interesse.

"Fui ao médium João Gonçalves do Nascimento, que não me conhece, e, para experiência, pedi-lhe o diagnóstico da moléstia de meu pai, o Dr. José Bernardo Alcoforado, que se acha na cidade do Recife e sofre há cerca de dois anos.

"Nascimento, para todo o seu trabalho, só me pediu o nome de batismo e a idade do doente, e, tomando o lápis, escreveu exata e minuciosamente quanto padece meu pai, discriminando o que é sintomático do que é orgânico.

"Maravilhou-me o fato de um homem que não é médico, que não viu nem examinou o doente, que não podia fazê-lo, por achar-se a centenas de léguas de distância, descrever com a maior precisão todos os seus sofrimentos; lembrei-me, porém, de que alguns querem explicar este fenômeno pela transmissão do pensamento, e, conquanto mesmo isto me fosse admirável, fiquei em dúvida se não seria do meu pensamento que Nascimento recebera todos aqueles conhecimentos.

"Tal dúvida, no entanto, dissipou-se, por ter o médium concluído seu trabalho, declarando que todo o mal provem da inflamação de um ponto da medula, efeito de uma queda meu pai dera de um cavalo.

"Eu não pensava em semelhante fato, nem jamais supus que tivesse ele relação com a moléstia, e, pois, não podia ter havido transmissão de pensamento.

"Entretanto, acrescentou, julgo que o médium descobriu a verdadeira causa do mal; pois, pensando bem, lembrei-me de que a moléstia data exatamente do tempo daquele fato, que é real."

O conselheiro explicou tudo pelo demônio; mas quem não tem a lamentável fraqueza de crer em demônios, como o explicará?

A rapidez elétrica com que o médium descreve a moléstia de quem se acha a centenas de léguas, como no caso vertente;

O fato, não menos surpreendente, de referir ele o que foi passado dois anos antes, sem que alguém lhe tivesse ligado a mínima importância;

A perfeição do diagnóstico, cientificamente considerado, o que revela a obra de um médico distinto e invisível, pois o médium nem conhece de Medicina, nem possui instrução alguma;

Tudo isto, que se repete entre nós, todos os dias, e por bom número de médiuns, não encontra explicação satisfatória em nenhum ramo das ciências conhecidas.

Qual delas descobrirá o segredo desse espantoso fenômeno, de fazer qualquer homem, desde que seja médium, o que faz mais notável médico, e mais do que o mais notável deles, pois a milhares de léguas, sem conhecer do doente mais que o nome e a idade, diz, pelo lápis, o que sofre, e prescreve-lhe o remédio, e, com esse remédio, cura-o, se curável é, o que ele previamente declara?

Muitas vezes temos recorrido a esses médiuns especiais, chamados receitistas, e admirado a ciência do seu lápis, em contradição com sua ignorância pessoal.

E, procurando devassar o mistério de tão estupendo fato, temos reconhecido à evidência que o lápis é tocado pelo Espírito de um médico, que não faz caprichos de ocultar-se, dando francamente o nome que teve em vida, o que é confirmado pela mediunidade vidente.

Charcot, por mais de uma vez, nos tem auxiliado com suas luzes no tratamento de moléstias nervosas, como, em outras, nos temos socorrido do saber de Jaccoud, de Demeure, de Nelaton e de mudos mais.

Quando tivemos uma filha gravemente doente, fizemos, por meio de três médiuns receitistas, uma conferência com três médicos do Espaço, da qual recolhemos a maior vantagem, quer quanto ao diagnóstico, quer quanto ao tratamento.

Estes fatos se produzem toda a vez que os provoquemos; e, pois, quem duvidar do nosso testemunho, faça como o Dr. Alcoforado.

Que maior evidência podem exigir os que não aceitam a existência da alma, sua sobrevivência ao que denominamos - morte - e sua comunicação com os vivos?

Com estas provas, a que chamamos - materiais - por serem tão diretas e positivas, que nenhum homem de boa-fé pode recusar, julgamos ter desempenhado a tarefa que nos impusemos, de demonstrar que no homem existe, além do corpo material, um princípio imaterial que constitui sua verdadeira personalidade, subsistente mesmo após a morte.

E, pois, o longo desenvolvimento que temos dado a questão, torna ocioso descermos a demonstrações de que é alma que encerra o pensamento, no sentido de percepção.

Daremos, no entanto, duas ligeiras provas da verdade deste postulado.

Se o cérebro fosse o órgão secretor do pensamento, como sustentam os materialistas, desde que houvesse paralisia dos nervos sensitivos, não haveria sensação, e sem sensação, é da escola, não há percepção.

Temos, porém, visto o contrário, por experiências irrecusáveis, fornecidas pelos anestésicos, pelo Hipnotismo e pelo Magnetismo; temos visto, além disto, que há perturbação mental com o cérebro são, e perfeita lucidez com o cérebro lesado. Logo, não é o cérebro que produz o pensamento.

A outra consideração é esta:

Não é mais lícito duvidar de que a alma sobrevive ao corpo; ela se apresenta, depois da morte, com a faculdade pensante, como ficou provado; logo, o pensamento é atributo da alma.

Bem firmados como foram estes dois postulados, é fácil responder aos três quesitos:

Ao 1.°, não; o cérebro não segrega o pensamento, ou, por outra, não tem a faculdade de pensar, ou, ainda mais, a intelectualidade não pode ser função do cérebro, como a secreção da bílis é do fígado.

Ao 2.°, o cérebro influi sobre a faculdade pensante, como o olho sobre a de ver e o ouvido sobre a de ouvir.

É um espelho onde se refletem as impressões externas e no qual a alma toma delas conhecimento; mas, tanto não é essencial, que temos pensamento, e impressões por causas exteriores, e temo-los até por imaginação, e mesmo depois da morte.

É instrumento e não agente, e como instrumento influi na operação, donde o engano dos que o tomam por agente.

Ao 3.°, está prejudicado; pois, sabido o princípio de que o pensamento é função, é a alma que a exerce livremente fora do corpo, e ela não pode dispensar o concurso deste, enquanto lhe está ligada.

Estas considerações são deduzidas dos fenômenos espíritas, que evidenciam a sobrevivência da alma.

Por elas ficam os materialistas sem base para o seu edifício, mesmo admitida a hipótese católica: de serem obras de Satanás.

Obras dos Espíritos ou dos demônios são sempre aríetes, que arrasam as teorias dos que vêem nas modulações da matéria a variedade infinita dos seres que constituem o turbilhão universal, e até a ordem e a harmonia que existem na movimentação desses seres.

O Espiritismo, pois, se outra virtude não tivesse, tem a de reduzir a pó as falsas doutrinas dos materialistas e positivistas.

Serem tais obras produzidas por Espíritos das trevas, ou por Espíritos humanos, questão é que só entende com os espiritualistas, embora neste terreno reclame solução, porque é essencial ao nosso fim saber qual a natureza dessas forças invisíveis que atuam sobre nós.

Será isto assunto do capítulo seguinte.

Capítulo II

Do espírito em suas relações

Neste capítulo trataremos das três questões que, com a da existência da alma, já largamente desenvolvida na primeira parte, constituem os elementos essenciais para a solução da magna questão que é o objeto deste livro: a loucura sob novo prisma.

Provado, como foi, ser o homem corpo e alma, e continuar a ser a mesma individualidade quando deixa o corpo, provado fica ser ele essencialmente Espírito, acidentalmente revestido de um corpo material.

Foi o que nos deu o capítulo I deste trabalho.

Agora que está liquidada a questão com os impugnadores da existência do Espírito, nova e mais temerosa luta se levanta com a Igreja Romana sobre as relações do Espírito.

O ponto capital deste novo estudo, aqui, e que mais interessa ao fim do presente livro, é determinar, com a maior precisão, o modo por que se serve a alma do cérebro, para fazer a luz intelectual.

Flammarion firmou o princípio de que não é somente a Terra que serve de habitação à espécie humana, mas, sim, todos os astros espalhados pelo espaço sem fim, e eles mesmos inúmeros, aos bilhões.

A espécie humana não é, pois, exclusivamente terrestre, nem é na Terra que começou e acabará sua marcha, pelas vias do progresso, até à perfeição, que é seu destino.

Pezzani, que pode ser chamado o pedant do sábio francês, demonstrou, à saciedade, a pluralidade de existências corpóreas da alma, verdade consagrada no Evangelho, e que pode ser, a toda hora, experimentalmente provada pelo Espiritismo.

E, pois, surgem das brumas do ignoto dois altos princípios ou leis, que se combinam e se completam, para firmarem em nova base a Ciência cosmogônica.

Deus não criou somente o nosso mundo e descansou, como se entende pela Cosmogonia bíblica.

A prótese divina nem teve princípio nem terá fim, porque o movimento e a ação caracterizam a vida, e o Criador cessaria de o ser, se, por um momento, fosse inerte, inativo, em repouso.

Deus, pois, criou desde o princípio dos tempos, e criará, incessantemente, por toda a eternidade.

Cria mundos e cria Espíritos.

A criação constante dos primeiros já é princípio corrente na Ciência, que chegou a determinar como do fluido cósmico sai a nebulosa, e desta se destacam os núcleos de novos gigantes do espaço.

A criação constante dos segundos é dedução forçada da pluralidade de mundos habitados, pois de outro modo não haveria onde se proverem de habitantes os milhares de milhões existentes e os que lhes aumentam o número, por sua constante criação.

Além de que, temos a prova material desta verdade, no eterno e incessante nascimento de seres humanos na Terra.

Parece que, além do materialista, não há quem atribua aos pais a criação do Espírito dos filhos, como lhes é irrecusável a do corpo.

E, pois, se as crianças que nascem, não devem aos pais senão o corpo, e só a Deus devem seu Espírito, é evidente que todos os dias são criados esses Espíritos que nascem.

Se o são naquele ato ou se antes, questão é que não importa discutir aqui. O essencial é saber que são constantemente criados.

Tomemos, pois, os dois novos princípios: pluralidade de mundos e pluralidade de existências da alma, e vejamos o que de sua combinação resulta.

Deus cria mundos, ou, antes, estabeleceu a lei da criação de mundos, em identidade de condições, pois não há razão para diferenças, nem as leis do mundo material, como quaisquer outras, são variáveis; e, pelo contrário, mostra-nos a observação que tudo no Universo obedece a normas fixas.

Os núcleos destacam-se da nebulosa, sempre segundo as mesmas leis; tomam posição em meio dos astros, sempre segundo as mesmas leis; adquirem determinado movimento, ainda e sempre segundo as mesmas leis; desenvolvem-se, enfim, passando pelas mesmas fases e segundo as mesmas leis.

A gênese e a evolução planetária são, pois, reguladas em todos os indivíduos siderais, por uma constante modalidade.

Deus cria Espíritos em identidade de condições, pois não há razão para exceções, preferências e exclusões, que não se conformam com os infinitamente perfeitos atributos do Criador, e, além disto, temos a prova experimental de tão racional presunção nas revelações que nos fazem os habitantes do mundo invisível, hoje em franca comunicação conosco, embora muitos disso duvidem.

Somos todos criados em estado de inocência, isto é, sem consciência do bem e do mal, faculdade que se vai desenvolvendo, à medida que vamos usando do nosso livre arbítrio.

Somos todos criados em estado de ignorância, mas dotados de inteligência, pela qual devemos conquistar o conhecimento universal, como pelo desenvolvimento do senso moral devemos conquistar a virtude universal.

Os Espíritos criados, assim, em identidade de condições intelectuais e morais, trazem consigo, latentes, todas as faculdades de que necessitarão para realizar sua transformação da ignorância nativa à mais alta sabedoria, e da inocência inconsciente à mais sublimada virtude.

Com estas armas, de que todos são dotados para subirem ao destino a todos marcado, Deus deu sempre sem exceção, a liberdade ou o poder de cada um empregá-los, como quiser, para alcançar aquele destino.

O que se empenhar, totis viribus, no aperfeiçoamento intelectual e moral de seu ser, fará carreira mais rápida e, conseguintemente, menos dolorosa.

Aquele, porém, que desprezar os recursos que lhe foram dados, e entregar-se aos gozos materiais, verdadeira Cápua dos Espíritos, ou que dormir, preguiçoso, nos pousos da longa viagem, fará carreira mais lenta, e, conseguintemente, mais tormentosa.

E, pois, dando aos Espíritos as mesmas condições originais, as mesmas armas para seguirem o seu destino, e idêntico, tanto como excelso destino, o Criador completou sua obra dotando-os da mais plena liberdade no emprego daquelas armas.

É do bom ou mau uso que fazem desse sublime dom, que resultam as variedades de todo o gênero, que se observam no seio da Humanidade, e o que faz que os ignorantes atribuam a Deus tais variedades.

Não; o homem é senhor de seu destino, pela liberdade, mas, por isso mesmo que é livre, é responsável.

Nasce daí uma nova ordem de cogitações.

O homem (espírito) que faz bom uso de sua liberdade, no desenvolvimento de sua perfectibilidade, adquire méritos; o que procede de modo aposto, sobrecarrega-se de deméritos.

Méritos e deméritos provocam, por lei fatal, recompensas e castigos, e, no mundo moral, as leis de Deus têm a mesma inexorabilidade que as do mundo físico.

"Cada um segundo suas obras" é a grande lei da evolução espiritual, da qual resulta que assim como somos livres de praticar o

bem ou o mal, somos, por isso mesmo, os que nos julgamos incursos, merecedores de penas ou recompensas, segundo a lei na Justiça eterna.

Essa Justiça não cogita de personalidades: é indefectível.

Cada um, pois, desde que termina suas provas nesta vida, ou antes, se sua matéria se tornou incompatível com a vida, para o espaço receber, em Espírito, o prêmio ou o castigo suas obras.

Nisto, porém, não se limita a evolução espiritual.

Tendo marcado aos Espíritos um alvo, que é seu destino alcançar, e conhecendo até onde podem eles ser arrastados por suas fraquezas, deu-lhes Deus recursos contra elas, sempre associando sua justiça à sua misericórdia.

Pouco mais que o bruto seria o homem, se seu altíssimo destino pudesse ser alcançado em uma única existência - nesta que conhecemos aqui - e a melhor prova de que não é ela a única que os Espíritos têm à sua disposição, é o fato constituinte de morrerem crianças sem terem feito uso de suas faculdades.

O Onisciente deixaria de o ser, de ser a infinita perfeição, se a criança que morre, sem satisfazer o fim para que veio à vida, não pudesse realizá-lo em outra vida, nas mesmas condições da que perdeu.

O complemento natural e lógico do livre arbítrio, no desenvolvimento da perfectibilidade humana, é o tempo à disposição do Espírito, para realizar sua completa evolução.

Assim, a liberdade não sofre restrições, e plena é a responsabilidade pelo uso que dela se fizer.

Convém, porém, determinar de que modo devemos usar do tempo que nos é dado, como complemento de nossa liberdade. É o mesmo que dizer: convém saber como se faz a evolução dos Espíritos, cuja gênese já foi sumariamente esboçada.

Muito naturalmente: assim como os mundos recém-formados são grosseiros e imperfeitos, em relação aos que já têm passado por muitas

evoluções, assim, pelo mesmo modo, os espíritos recém-criados são o que se pode chamar larva humana.

Neste ponto, há perfeita similitude entre os mundos e os Espíritos: atraso por atraso, iniciação por iniciação.

Daí resulta que é nos mundos atrasados, de iniciação, que são colocados e rompem sua marcha os Espíritos, logo que são criados, atrasados e no período de sua iniciação.

Para tais homens, tais mundos; para tais mundos, tais homens.

Aqui se ajustam perfeitamente os dois princípios: pluralidade de mundos e pluralidade de existências da alma, ou antes: daqui começa a longa série de relações entre os Espíritos e os mundos que lhes cabe habitar, segundo o grau de progresso de uns e de outros.

Há, recentemente vinculado na Ciência, um sistema que parece protestar contra essa harmonia tão natural. É o de Darwin, pelo qual o homem é o último elo da cadeia da criação, que começa, com forma apreciável, no mineral, passa ao vegetal, sobe ao animal e termina no ser materialmente homem, e moralmente Espírito.

Por este sistema, Deus só criou um elemento: o fluido universal, e é este que, passando por indefiníveis transformações, reguladas por leis eternas e invariáveis, constitui os seres dos três reinos da Natureza e o homem, que Quatrefages classificou num quarto reino: o hominal.

O homem é o grande estuário aonde vem desaguar e confundir-se todas as águas da criação.

Por este sistema, o Espírito começa inerte, torna-se vivente, sem consciência, adquire o movimento e o sentimento, ainda sem consciência, e, por fim, é investido do senso moral.

É então, e só então, que ele é propriamente Espírito, e, como a iniciação espiritual, pelo senso moral e consciente, se opera em mundos de iniciação, eis por que, embora pareça, de fato a doutrina de Darwin não altera as relações que ligam os Espíritos e os mundos,

segundo suas respectivas graduações nas vias do progresso a que são sujeitos.

Como um corpo posto em movimento adquire progressivamente maior velocidade, assim os Espíritos, começando o exercício de suas faculdades intelectuais e afetivas, vão progressivamente adquirindo conhecimentos e sentimentos mais apurados, até chegarem ao termo de sua perfectibilidade.

Suponhamos, para mais fácil compreensão, que a terra é o mundo de nossa iniciação espiritual.

Quem já houve, aí, que se possa gabar de haver atingido, no tempo de sua vida, um progresso intelectual e moral que seja a última expressão da perfeição humana?

A perfectibilidade humana, sendo indefinida, é óbvio que, na vida da Terra, o homem não alcança o destino para que foi criado; apenas conseguirá, se conseguir, os primeiros degraus da longa escada.

Outras existências e maiores esforços são indispensáveis para a consecução do altíssima fim.

Terminando a primeira existência corpórea, o Espírito que empregou esforços, para progredir, recebe o prêmio de animação; aquele, porém, que dormiu ou só fez mal, recebe a conseqüência de suas faltas.

Tanto o prêmio como o castigo não podem ter duração eterna, porque não foi completado o ciclo do progresso, cuja realização é lei do ser racional.

Deus não seria Pai, se condenasse seus filhos a penas eternas por faltas de um momento; assim como não seria juiz reto, se, por limitado mérito, desse o inestimável prêmio da glória devida a todo o mérito.

E ao que ficaria reduzida a perfectibilidade humana, se não passasse do que sabemos e praticamos nesta vida?

Os que fossem para o Céu, no dizer dos católicos, não precisariam mais progredir, e os que fossem para o inferno, não poderiam fazê-lo.

Uma comparação grosseira tornará mais claro o absurdo de ficar definido para sempre o destino das almas, após esta vida.

Dois irmãos matricularam-se numa academia, e seguem rumos opostos: um estuda e outro vadia.

O primeiro é aprovado, no fim do ano; o outro é reprovado.

A aprovação, porém, não investe aquele de toda a ciência da academia; assim como a reprovação não fecha a este as portas do templo.

Nem um, por ter sido aprovada no primeiro estádio, fica dispensado de trabalhar, para galgar os superiores estádios, até chegar ao último, em que se distribui o honroso prêmio de doutor; nem outro, por ter sido reprovado, fica privado de repetir o ano, e de prosseguir no curso.

E isto é sábio, porque o segundo pode, no seguimento do curso, estudar e merecer, e o primeiro pode vir a desmerecer.

Se, pois, o julgamento das provas do primeiro estádio fosse definitivo, ter-se-ia prejulgado injustamente, dispensando-se do trabalho aquele que poderia falir mais tarde, e condenando-se, sem mais recurso, o que se habilitaria amanhã.

Assim, se nas coisas humanas não se admitem julgamentos definitivos, mediante provas incompletas, como admitir-se em Deus tais leviandades e precipitações, que redundariam em injustiça e crueldade?

Além disto, se o homem é essencialmente perfectível, e se numa existência não pode chegar ao último grau de sua perfectibilidade, como admitir penas e prêmios eternos, depois dessa existência?

No céu, é estulto pensar que ainda se tenha de progredir, e, no inferno, para quê?

Por último, se depois de ligeira prova os Espíritos têm seu destino irrevogável, e se no fim do mundo, segundo a Igreja Romana, tem de haver completa separação dos glorificados e dos condenados, teremos

a eternização do mal, ou antes, a vitória do mal, porque Satanás ficará sendo; por toda a eternidade, o deus do inferno, o senhor dos condenados, por igual a Jeová, Deus do céu e senhor dos bem-aventurados!

Isto não pode calar no pensamento de quem reconhece em Deus os altos atributos de justiça, misericórdia e amor infinitos.

O céu torna impossível o inferno. Deus não seria Deus, se Satanás a ele fosse igual em poder.

Iluminando estes pontos negros da cosmogonia católica romana, a cosmogonia espírita demonstra racional e experimentalmente que a larva humana se desenvolve, desenvolve sua perfectibilidade até à perfeição angélica, e que o anjo bíblico não é senão o homem (Espírito) limpo de toda a impureza.

Enquanto, porém, não nos identificamos com a verdade e com o bem, se alguns caminham, pressurosos, para aí, a maior parte repasta-se nas trevas e no mal, ao ponto de procurarem arrastar, para sua danação, a quantos lhes for possível.

É o inverso do que se dá com os bons, que se esforçam constantemente para atrair ao bem quantos lhes é possível.

O Espírito humano é, portanto, segundo seu grau de atraso ou de progresso, na escala ascensional, quem representa os papéis que a cosmogonia romana, eivada da superstição dos povos antigos, atribui aos anjos e aos demônios, criados fora da Humanidade, por um decreto especial de Deus.

Não vemos, aqui na Terra, os homens bons procurando chamar todos ao bem, e os homens maus procurando arrastar todos para o mal?

Por que, então, recusar-se-lhes a continuação de suas práticas terrenas, lá do mundo dos Espíritos?

Voltemos ao nosso principal assunto.

Partindo do princípio axiomático de que nesta vida ninguém alcança o supremo saber e a suprema virtude, que são o termo da perfectibilidade humana, chega-se forçosamente a uma de duas conclusões: ou fazemos o restante progresso no mundo espiritual, ou fazemo-lo voltando à vida corpórea.

A primeira hipótese não pode ser aceita. Se os Espíritos pudessem fazer sua evolução, sem recurso a um corpo, para a vida de relação, ou, antes, se Deus assim tivesse disposto, nenhuma vida corpórea teriam tido.

O fato, pois, de ter Deus ligado o Espírito ao corpo, embora por tempo limitado, para que destarte se desenvolva e progrida, diz bem claro que tal união é condição essencial do plano divino.

Sim; se, pela existência corpórea que temos, se evidencia que tal modo de existir é necessário ao progresso do Espírito, lógico é que é ele indispensável até que complete esse progresso, no que entende com a matéria, e, neste caso, a criança que morre sem ter feito, na Terra, nenhum progresso, não pode ir realizá-lo no espaço, porque seria isto a prova da desnecessidade de ter vindo a esta vida.

Na Terra, pois, a matéria - o corpo é o esmeril essencial à lapidação do brilhante bruto ou Espírito atrasado.

Não quer isto dizer que no mundo invisível os Espíritos não progridam, mas, sim, que há progresso que só pode ser realizado em trato com a matéria, e que só quando ele é completamente realizado é que o Espírito pode deixar de viver em relação com a matéria.

Esta é esmeril, porque, arrastando naturalmente o Espírito à satisfação de desejos impuros, obriga-o à resistência, de onde a luta, e por ela o progresso.

Além de ser isto uma verdade provada pela cosmogonia espírita, e que, por tudo isso, fica banida a primeira hipótese, acresce que a segunda oferece uma perspectiva arrebatadora, fala à razão e ao coração, e patenteia o mistério da união íntima da justiça e da

misericórdia da lei de Deus, lei que só castiga por amor e só premia com justiça.

As vidas corpóreas, sucessivas e solidárias, são o único meio de se harmonizarem a liberdade humana e a justiça divina.

Sigamos a marcha do Espírito, criado imperfeito, para a perfeição, e reconheceremos a verdade deste conceito.

Aquele que, em sua primeira existência, deu boas provas e recebeu o prêmio de animação, volta a fazer novas, de mais alto alcance, e voltará, até que conquiste o maior grau de progresso do mundo em que iniciou a vida hominal.

Aquele que deu ruins provas e recebeu castigo corretivo, demora-se a sofrê-lo no espaço, até que se arrependa do mal que fez e deseje repará-lo, para entrar nas vias do progresso.

Esta modificação, dependente da sua vontade, produz a atenuação de suas dores, e, logo, a esperança toma o lugar do desespero, a fé enche-o de bons desejos, e nova existência corpórea, não somente progressiva, mas também reparadora, lhe é oferecida, como meio de provar a sinceridade de seu arrependimento e de lavá-lo das passadas faltas, colocado nas mesmas condições em que as cometeu, isto é, nas condições de homem.

Volta, pois, bem disposto, e, se não falir, de novo seguirá, como o que em sua primeira existência deu boas provas, a linha reta do progresso.

Se, porém, falir novamente, isto é, se reincidir nos erros, sofrerá maiores penas e voltará em mais dolorosas existências corpóreas.

É intuitivo que a divisão do tempo em períodos alternados de vida corpórea e de vida espiritual realiza um sistema de superior concepção.

O que caiu no estado de vida corpórea vem reparar a falta, no mesmo estado. É por isto que as vidas múltiplas são uma necessidade.

Se a reparação se fizesse sem o concurso do corpo, principal autor da queda, além de ilógico e irracional, pouco ou nenhum valor moral teria.

E a magnitude deste sublime plano mais sobressai em razão da lei que apaga, no Espírito, desde que reencarna, a lembrança do que foi e do compromisso que tomou quando desencarnado.

Isto que esquece, para ter plena liberdade na prática reparadora, poderá ser-lhe patente, na nova existência espiritual, desde que tenha conquistado merecimentos para ligar as duas existências: delituosa e reparadora.

Nem se diga que a ignorância do passado, e do que lhe é obrigação presente, tira os fundamentos da luta, que é condição de todo o progresso.

As resoluções sérias e profundas gravam-se por tal modo no Espírito, que este, embora não saiba por que, pratica-as rigorosamente na vida corpórea. Só as resoluções fracas e insinceras se apagam, desde que o Espírito perde a memória de as haver tomado.

A prova desta verdade, de constante observação, está no fato de mostrarem as crianças, antes de terem consciência, boas ou más disposições morais.

A luta que ponha em ação a liberdade, não falta, por faltar a memória do passado e a ciência do presente.

O homem, o Espírito, em provas pela reencarnação, sente no correr da vida, e em seus variados lances, um duplo arrastamento, em opostos sentidos.

Os sentimentos do passado, a que chamaremos - natureza velha arrastam-no para a trilha seguida na existência ou existências condenadas.

O propósito feito de emendar-se, a que chamaremos - natureza nova arrasta-o para o caminho da regeneração, pelo repúdio dos antigos abusos.

É o que de Maistre reconheceu; mas, sem luzes para bem compreender, ensinou que há no homem a alma e a besta. A alma será o homem novo, bem disposto, a bater-se sempre com a besta, o homem velho, arrastado pelas paixões que o dominaram.

Se o propósito de desfizer o mal feito não for sincero e entranhado, isto é, se o Espírito, embora o acreditasse, não arrancou completamente de si os maus instintos que o dominaram, a luta entre a natureza velha e a natureza nova, entre a alma e a besta, têm toda a probabilidade de terminar pela queda e pela reincidência.

Se, porém, o Espírito renunciou sinceramente àqueles maus instintos, todas as probabilidades são em favor de seu reerguimento, da reparação, do fiel desempenho do compromisso tomado.

Como quer que seja, não acaba aí nossa missão na Terra; porque, se nos lavamos das faltas que fizemos, outras cometemos, porventura mais leves, que reclamam igual lavagem.

O progresso, por este molde, pode ser lento, mas é infalível.

Desde que um Espírito criado em um mundo de iniciação tem adquirido o máximo desenvolvimento que aí se pode alcançar, mediante maior ou menor série de vidas aí passadas, é chegado o momento de subir a um mundo imediatamente superior.

Do que fica exposto sobre esta primeira fase da evolução espiritual, resulta já um fato bem digno de atenção: uns Espíritos seguem, sem desvios, ao alto destino humano, encurtando assim o tempo de sua viagem, ao passo que outros, ou ficam tempo esquecido sem caminhar, ou caminham por desvios que alongam indefinidamente o tempo da jornada.

Não é, portanto, a maior antigüidade, mas o maior esforço dos Espíritos, o que explica, muita vez, seu maior adiantamento.

O caso, porém, é que, desde que um Espírito mais velho, ou mais moço, tem adquirido o máximo saber e a máxima virtude de um mundo, sobe necessariamente a mundo mais adiantado.

Aí, será dos últimos, dos mais atrasados, intelectual e moralmente; porém, de degrau em degrau; enérgica ou frouxamente, subirá ao fastígio do saber e da moralidade desse novo mundo, como já fez no outro.

Sócrates, Platão e muitos outros, que admiramos, nem foram criados com a elevação que ostentaram, nem a adquiriram na vida em que foram, com tais nomes, conhecidos.

Vieram ao nosso planeta, de outros inferiores; apareceram nele, fazendo parte de classes atrasadas, e foram, com outros nomes e em outras existências, subindo àquele grau em que os conhecemos, e hoje, em que altos planetas habitarão?

Assim, passando de mundo a mundo, e do de um sistema mais atrasado aos de mais adiantado sistema, vai o Espírito desenvolvendo sua perfectibilidade, vai-se aproximando do altíssimo destino humano, até chegar a Deus.

Há, porém, uma importante consideração a fazer sobre o modo por que os Espíritos evolvem, desde sua criação, até a maior perfeição humana.

Como vimos, eles vão sempre subindo, e, à medida que realizam um certo grau de progresso, vão habitar em mundos correspondentes a seu estado de adiantamento.

Dá-se, portanto, a mais perfeita relação entre a categoria dos mundos e a de seus habitantes, de onde percorrem os espíritos, em sua infinita ascensão, as várias categorias dos mundos, desde o mais atrasado até o mais adiantado.

Ora, pelo que observamos na Terra, parece razoável concluir que os Espíritos se purificam, até se limparem de toda mácula da matéria, por meio de toda espécie de sofrimentos.

Daí a bem fecunda convicção de que os mundos dos inferiores, sendo habitados por Espíritos atrasados, são a sede do mal.

São mundos de provações, são verdadeiras escolas onde os Espíritos vêm fazer a ginástica moral, e onde os que, não resistindo à atração do mal, se demoram até que, avigorados pelo exercício, podem, revestidos de reais merecimentos à sua custa e por seu esforço adquiridos, subir a mais alta sociedade, para a qual entram por direito, e não por favor.

Assim pensam, com visos de razão, os que têm por verdade aquilo que vêem. Pensam falsamente.

O mal não tem existência própria; não pode, portanto, inquinar, com seu vírus, qualquer mundo ou pessoa. O mal é um modo da evolução do Espírito como o calor o é da evolução de um planeta.

No princípio, a atmosfera dos corpos celestes é incandescente. Com o tempo, e à medida que aqueles corpos vão sofrendo transformações, o calor vai diminuindo, até descer a uma temperatura suportável, e daí vai sempre baixando, até as condições da Terra, em que os pontos mais afastados da eclíptica percorrida pelo Sol, resfriam e gelam.

A julgar-se pelo que observamos com relação ao nosso planeta, sua evolução, apesar de bem adiantada, como o revelam os vulcões extintos, a ausência da aparição de novos e a doce temperatura da maior parte de sua superfície, ainda não é chegada a seu termo, como o provam os vulcões ativos e os desequilíbrios de sua temperatura superficial.

A julgar-se, dissemos, pelo que aqui observamos, muito tem que baixar a temperatura dos planetas, para chegarem às condições de passagem a uma ordem superior.

Um dia, é presumível, todas as regiões da Terra gozarão uma temperatura invariável e amena, sua superfície será naturalmente expurgada de todo elemento mórbido e dotada de elementos favoráveis à prolongação da vida de seus habitantes. Por outra: um dia, este mundo de dares e sofrimentos se transformará em mundo de bem-estar

e de gozo, onde os Espíritos que aí encarnarem farão seu progresso, não mais por entre lágrimas e espinhos, mas, sim, por entre sorrisos e flores.

E o que dizemos da Terra é o que tem sucedido, é o que sucederá a todos os mundos que povoam o Universo.

O mal segue as mesmas graduações, ou, antes, os Espíritos fazem que ele passe por análogas transformações.

Enquanto o Espírito é rude no princípio de sua evolução, seus instintos são materiais; de onde o desenfreamento de todas as paixões.

Avançando em sua carreira, queremos dizer, avançando em sua desmaterialização, aqueles instintos se modificam e sua natureza se corrige ao ponto de já ter a consciência de que a felicidade não consiste no gozo material, na satisfação das paixões carnais, a ponto de já ter a intuição do fim para que foi criado.

Avançando mais e mais, chega a compreender a diferença entre a vida espiritual, com suas claridades, e a material, com seus precipícios e negros abismos.

Desse ponto em diante, renuncia ao seu passado e abraça a clara luz que não se extingue e, desde então, vai sempre, sempre e sempre, adquirindo maior intensidade e brilho.

Abandona, enfim, os sentimentos de que emanavam, como miasmas mefíticos, todas as infinitas espécies do mal.

Não é, pois, este senão modos da evolução dos Espíritos, enquanto atrasados. É como o fético que exala o indivíduo que não se lava, mas que não mais se sente, desde que ele se tenha ensaboado.

Semelhantemente, os que se adiantam limpam-se dos sentimentos que geram o mal, nem mais o produzem, nem mais podem ser por ele contaminados.

Há, por conseguinte, duas fases bem distintas na evolução humana: a que se caracteriza pela preponderância de sentimentos materiais, e a

que se caracteriza pela ausência de tais sentimentos, ou a que consiste no desprezo da Lei, e a que consiste na submissão à Lei.

Enquanto não passamos da primeira, progredimos, mas sofrendo; porque, enquanto houver no Espírito um mau sentimento, tem ele de arrancá-lo por dolorosa operação, visto que o antídoto do mal é a dor.

Desde, porém, que passamos a linha que supera as duas fases, e entramos na segunda, fazemos o progresso que não se limita a vencermos o mal que inoculamos, mas que se estende à glorificação do nosso ser, que reclama esforço eterno; fazemo-lo gozando alegrias e felicidades, sempre crescentes, sem mais nuvens que as ensombrem.

Correspondentemente, enquanto percorremos a primeira fase, habitamos mundos mais ou menos atrasados, purgatórios ou infernos, se assim podemos considerar os de provas e expiações.

Entrando, porém, na segunda fase, vamos habitar mundos mais ou menos adiantados, verdadeiros paraísos, cujas condições felizes requintam, à medida que sobem, e nós subimos, na infinita escala.

Este período de progresso, sem amarguras, tem uma duração infinita, de modo que o Espírito nunca cessa de subir. Assim, se nós gastamos milhares de séculos nos mundos inferiores, não tem fim à vida que teremos nos superiores.

A perfectibilidade humana é, pois, um movimento eternamente ascendente, sem jamais chegar à perfeição absoluta, porque perfeito, em absoluto, só Deus; mas que chega a um estado deslumbrante, no qual, do que fomos na Terra, só guardamos a essência, apurada e depurada.

A perfectibilidade humana chega a um grau tão elevado que não há, para o Espírito, ponto escuso no plano majestoso, ainda para nós quase completamente misterioso, da criação universal.

Em cada degrau da infinita escada, rebentam de nosso ser faculdades novas, que possuímos latentes, e que nos são instrumentos

para devassarmos as novas e arrebatadoras relações da criatura com o Criador, do homem com a Natureza e com Deus.

Antes de termos ascendido à Terra, no tempo em que vivemos em mundos mais atrasados, não usávamos, porque não nos era oportuno, de todas as faculdades que aqui nos são apanágio, e nem sequer suspeitávamos que as possuíssemos.

Também, por isto, nunca tivemos a perspectiva das grandezas que esmaltam o panorama que hoje descortinamos.

As novas relações que aqui nos foram dadas conhecer e apreciar, determinaram o desabrochamento de alguma ou algumas das que nos são agora familiares, e que julgamos serem propriedade do nosso Espírito, como julgamos que este foi criado para esta vida.

A criação não é somente o que cai na órbita da nossa acanhada percepção atual, fraca amostra da infinita grandeza da obra do Criador.

Deus, pois, vai apresentando aos Espíritos, na medida de seu progresso, as variabilíssimas faces do maravilhoso conjunto, que podem ser por ele apreciadas, e conjuntamente lhes vai permitindo pôr em atividade os precisos instrumentos, até então latentes.

E, quando tiverem olhos para suportar mais intensa luz, ser-lhes-á, então, e só então, apresentado o arqui-sublime fecho do soberano edifício, para o que lhes serão despertadas as mais requintadas faculdades, ocultas em seu seio.

Então, o homem terrestre, o que na Terra foi desprezível escravo ou repelido selvagem, terá debaixo dos pés os orbes, e ao alcance de sua vista o infinito.

Então, o que foi a larva humana, tábua rasa de sentimentos morais e de concepções intelectuais, aparecerá, nas asas dos ventos, aos que ainda se arrastarem pelo lodo dos mundos atrasados, como anjo do Senhor.

Não são estes, os anjos, criação especial, como ensinam; mas, sim, Espíritos humanos que passaram pelo cadinho da purificação e que se elevaram para darem glória ao Pai.

Assim como o anjo é um Espírito purificado, assim o demônio é o Espírito ainda impuro, que se repasto no mal, que corre a todo ponto para fazê-lo, por simples gosto ou por vingança de passadas ofensas.

Não vemos, na Terra, homens que assim procedem? Pois bem; esses tais, quando deixam o corpo, fazem como Espíritos o que faziam como homens.

A bondade ou a maldade não é do corpo, é do Espírito; e, pois, o Espírito do homem bom leva para o espaço sua bondade, e o do homem mau leva sua maldade. Um e outro se dão, pois, muito naturalmente, como Espíritos, às práticas que tiveram como homens.

E aí está o anjo, que nos assiste para o bem, e aí está o demônio, que nos faz todo o mal.

Os Espíritos apresentam-se a nossos olhos com a forma material que tiveram em vida.

De tal fato não é lícito duvidar, sendo atestado universalmente pelos que têm tido aparições de além-túmulo, pelos médiuns videntes, e por experiências científicas, como as do venerando sábio William Crookes.

Como explicar-se tão estranho fenômeno?

Será a própria alma que toma aquela forma, ou cerca-se ela de algum elemento material, que lhe permite revestir-se de um corpo acidental?

Permita o leitor que suspendamos, aqui, o estudo cosmogônico, com que nos temos ocupado, e que tratemos séria e detidamente desta questão, que encerra o principal elemento do nosso problema: A loucura sob novo prisma.

Depois dela, voltaremos ao assunto: à parte cosmogônica, de que tratávamos no que entende com aquele problema, verdadeira surpresa para a Ciência.

Julgamos ter provado a existência da alma, imortal e consciente de sua personalidade.

Sendo a alma uma substância imaterial, pois é indecomponível, como é que se apresenta sob a forma material de um corpo?

E, antes de tudo, como é que o imaterial pode ligar-se e funcionar, harmonicamente, com o material, o corpo?

Tomar a alma a forma material do corpo não é mais entranhável do que unir-se a este, durante a vida, tendo os dois perfeita correlação nos atos humanos, ao ponto de ser difícil discriminar no homem a parte com que concorrem para a vida comum.

Comecemos, pois, pelo estudo desse modo incompreensível de correspondência entre a alma e o corpo, para depois estudarmos o fenômeno da aparição sob a forma corpórea.

A questão da união da alma com o corpo tem ocupado os maiores Espíritos do mundo, desde que Sócrates lançou aos ventos o nosce te ipsum.

Descartes explicou-a pelas causas ocasionais.

A alma e o corpo, completamente estranhos um ao outro, tendo cada um sua esfera de ação, seguem no curso da vida duas linhas paralelas.

Deus modifica a alma, na razão dos movimentos do corpo, e dá movimento ao corpo, na razão das volições da alma.

Cada um dos dois é, portanto, não causa, mas ocasião dos fenômenos, manifestados no outro.

Esta explicação obscurece, em vez de esclarecer.

Por ela, o homem é uma dualidade de indivíduos distintos, que vivem em comum, prestando-se cada um ao serviço do outro.

Ninguém, entretanto, desconhece que a alma impera sobre o corpo, embora exerça este sobre ela manifesta influência.

As causas ocasionais caem e cairão por si mesmas; não resistem, não resistirão a um exame sério.

Leibnitz deu quase a mesma explicação.

O corpo e a alma agem separadamente, mas há, entre eles, laços de comunicação, que fazem com que as modificações operadas num se transmitam ao outro.

São como dois relógios, acertados um pelo outro, de modo que dão sempre, ao mesmo tempo, as mesmas horas.

A este sistema chama-se: harmonia preestabelecida.

A teoria de Leibnitz, igual no fundo à de Descartes, participa da fragilidade desta autonomia de ambos os elementos constitutivos do homem.

Euler resolveu a questão pela questão.

Sua teoria do influxo físico, isto é, da ação direta da alma sobre o corpo, e do corpo sobre a alma, nada mais é do que o próprio problema a resolver, e, por conseguinte, dispensa qualquer análise.

Cudworth concebeu a idéia de uma substância intermediária ao corpo e à alma, participante da natureza de um e de outra. É o mediador plástico.

O mediador plástico recebe, por sua natureza material, as impressões do corpo, que transmite à alma, por sua natureza imaterial, e vice-versa.

Cudworth teve a intuição da verdade.

Tudo no Universo procede do elemento ou fluido cósmico, fluido universal.

Este fluido, mais ou menos condensado, produz as diversas espécies de seres da criação: os corpos pesados, os imponderáveis, os essencializados, os Espíritos.

O Espírito e o corpo têm, pois, a mesma origem, e se os extremos da escala dos seres não se podem ligar diretamente, podem fazê-lo por intermédio de um terceiro, que se lhes aproxime em composição ou natureza.

Assim, o Espírito não se liga diretamente ao corpo; mas pode ligar-se, por exemplo, a um imponderável ou essencializado, com o qual o corpo não seja incompatível.

Efetivamente, se a matéria da luz já tem muito da natureza espiritual, sem deixar de ser da ordem material, como o corpo; quanto mais se tomarmos um corpo de matéria radiante ou do quarto estado?

Se, pois, considerarmos o mediador plástico de Cudworth de natureza fluídica, quer dizer: semimaterial e semi-espiritual, teremos, muito razoavelmente, um meio de comunicação entre a alma e o corpo.

Nem outra coisa é o que a Ciência espírita designa com o nome de perispírito.

O perispírito ou corpo astral de todas as vidas, de que Moisés fez o terceiro elemento do ser humano, é o invólucro fluídico do Espírito, em sua peregrinação pelos mundos materiais, até que se tenha elevado, por seu progresso, à altíssima posição de puro Espírito, Espírito sem mais revestimento.

O Espírito, para viver em um mundo material, precisa daquele intermediário, mais denso ou mais rarefeito, segundo o mundo é mais ou menos atrasado, e, por conseguinte, o corpo que aí tem de tomar, é mais ou menos material.

O perispírito, pois, de um Espírito começa muito denso e vai-se rarefazendo na razão do progresso do Espírito e dos mundos por onde ele passa, tudo em perfeita relação: Espírito, perispírito, corpo e mundo.

Na Terra, o Espírito que vem encarnar já tem seu perispírito menos denso do que foi num mundo mais atrasado, e, mesmo na Terra, os

Espíritos que mais progresso tem realizado influem, por isso, sobre seu perispírito, fazendo que ele, no que permitam as condições do Planeta, se rarefaça. O próprio corpo também experimenta aquela influência.

Pelo perispírito ou mediador, o Espírito põe-se em relação com o corpo, como melhor se compreenderá pela seguinte figura:

Tome-se um vaso, dividido em duas capacidades por uma membrana orgânica. Encham-se os dois compartimentos de líquidos cujas densidades sejam: num, de um grau de Baumé, e, no outro, de dez graus do mesmo areômetro.

Apesar de tão diferentes em densidade, e apesar da membrana intermediária, no fim de certo tempo será estabelecido perfeito equilíbrio de densidade entre os dois líquidos.

A comparação não é perfeita, mas dá idéia do fenômeno físico da ação e reação do Espírito sobre o corpo e vice-versa, mediante o perispírito.

Este recebe, pelo sistema nervoso sensitivo, todas as impressões do corpo, e, como um espelho, reflete-as.

O Espírito (alma) toma, por tal arte, conhecimento delas e imprime no perispírito suas volições, que são transmitidas ao corpo, mediante o concurso dos nervos motores.

O cérebro, de onde decorrem os dois sistemas de nervos, é a grande pilha que segrega o fluido nervoso de que os fios de cada sistema são simples canais condutores, e é por isso que o cérebro é constituído de duas substâncias, branca e cinzenta, das quais uma segrega o fluido sensível, e a outra o motor.

Assim, por exemplo, se um mosquito nos pica, a impressão é levada ao cérebro pelos nervos sensíveis ou do sentimento, e ali gravada no perispírito, que é ligado a todas as moléculas do corpo, e, no perispírito, a alma toma dela conhecimento e sente a dor, e, sentindo-a, procura remover a causa.

Esta resolução traduz-se em movimento imposto ao corpo pelo Espírito, mediante o perispírito, que a transmite ao cérebro, o qual, sempre pela força da vontade anímica, põe em ação os nervos motores necessários à ação de mover, suponhamos, o braço, para matar ou afugentar o mosquito.

O perispírito, portanto, é quem transmite à alma as impressões do corpo, concentradas no cérebro, e é quem transmite ao corpo as volições da alma, pela impulsão dada ao cérebro, como centro do sistema nervoso.

O corpo é simples meio de pôr a alma em relação com o mundo externo, ligando-se-lhe pelo perispírito.

A alma é que sente, que recebe, que quer, segundo as impressões que recebe do exterior, e mesmo independente delas, pois também recebe impressões morais, e tem idéias e pensamentos sem a intervenção dos sentidos corporais.

E tanto é assim, que, separada do corpo, pela morte ou por simples desprendimentos, ela exercita todas as funções psíquicas que exercia quando ligada ao corpo; possui e exercita a inteligência e a razão, a sensibilidade, não mais física apenas; a vontade, a memória, a consciência, e tudo isto em grau superior, não sendo mais tolhida pelas prisões carnais.

Logo, os fenômenos intelectuais e morais, que se manifestam no correr da vida corpórea, são devidos às faculdades anímicas, e não às propriedades do corpo.

Logo, a função do corpo, em geral, e dos seus órgãos, em particular, é de simples aparelho ou instrumento da alma, pois cessa desde que esta se retire.

Entretanto, embora o corpo não dê nem tire à alma influência alguma, influi poderosamente, como instrumento, bem ou mal aparelhado, são ou doentio, sobre o desempenho das funções anímicas.

E esta é a melhor prova de ser ele puro instrumento, pois o melhor artista não conseguirá fazer obra digna do seu talento, se não dispuser de instrumentos aperfeiçoados.

Isso responde aos que argumentam com a coincidência de pobreza intelectual nos que têm cérebro pouco desenvolvido!

Os idiotas de nascença oferecem-nos o melhor exemplo da influência do corpo sobre a alma, como seu instrumento.

O idiota não é um Espírito privado de inteligência, que Deus cria a todos em identidade de condições, e a todos dá os mesmos meios para desenvolverem sua perfectibilidade.

O idiotismo ou ausência de manifestações inteligentes não é, portanto, condição original de um Espírito, mas, sim, resultado da incapacidade do instrumento de que dispõe.

O Idiotismo é um meio de expiação, pela contenção do Espírito inteligente, vendo-se nivelado, no juízo do mundo, ao irracional.

E, para fazer tal expiação, para não poder manifestar sua inteligência, porventura luminosíssima, qual o meio?

O meio não pode ser senão o de lhe dar um corpo, um instrumento completamente incapaz.

O Espírito pode ser rico de saber, mas os órgãos materiais, o corpo, pelos quais se manifestam as luzes do saber espiritual, não têm a capacidade suficiente, são órgãos de animal, revestindo o ser racional.

Aí está, em sua completa expressão, o exemplo vivo da dependência da alma em relação ao corpo, exemplo que se traduz por este apotegma:

"A alma tem o corpo de que precisa para sua missão na vida terrena."

Pode o Espírito fazer menos do que lhe permite o aparelho que lhe foi dado, e pode bem raro, fazer mais, vencendo a natural resistência desse aparelho. Isto por obra de sua vontade.

O essencial, porém, é saber-se que, se a alma manifesta perfeitamente seus dotes, quando livre do corpo, não o pode fazer do mesmo modo, quando presa a este.

O perispírito não lhe falta em qualquer ocasião, mesmo no caso de idiotismo; mas de que serve, se o corpo pode ser tal, que nem transmita bem as impressões externas, nem possa bem receber as volições da alma?

O perispírito nunca lhe falta, dissemos, e, para dissipar toda dúvida que possa inquinar as deduções que dessa proposição vamos tirar, precisamos demonstrar que ela encerra um princípio verdadeiro.

A prova mais positiva da existência do perispírito, na união do corpo com a alma, é a bicorporeidade.

A bicorporeidade é a faculdade, ou dom, que têm certos indivíduos de se apresentarem ao mesmo tempo em dois lugares distintos.

Este fenômeno, que ainda provoca o riso alvar de muita gente, é evidentemente devido ao desdobramento momentâneo dos elementos constitutivos do homem: o corpo e a alma.

E não podia deixar de ser isso, porque o corpo não pode trasladar-se, num momento, a grande distância, nem, mesmo que se admitisse este impossível, poderia estar ao mesmo tempo em dois lugares.

O fato, pois, só pode ser explicado pela permanência do corpo no lugar em que está materialmente, e pelo desprendimento do Espírito, que pode ir manifestar-se noutro lugar.

Já não se impugna o fenômeno do desprendimento, pois já é hoje conquista da Ciência, colhida pelo hipnotismo e pelo sonambulismo.

Se, pois, a alma pode desprender-se do corpo, e se já sabemos que ela se apresenta com a forma corporal, que dúvida pode haver de ser a bicorporeidade um desdobramento dos dois elementos: corpo e alma?

A questão é saber como o Espírito desprendido do corpo pode tomar a forma deste, e como, deixando-o, embora temporariamente, não determina a morte.

Já se sabe que o Espírito, para manifestar-se visivelmente, condensa, por atos de sua vontade, o perispírito, até que possa tomar as formas do corpo.

Ora, se isto se verifica em Espíritos desencarnados, porque não ser o mesmo com os encarnados, desde que se desprendam?

O fenômeno é devido ao perispírito, e tanto o Espírito encarnado como o desencarnado o produzem.

Logo, tudo é o mesmo, tanto num como noutro caso.

Quanto a não se dar a morte, fato é que já a Ciência explica, firmada em rigorosa observação.

O Espírito desprendido nunca abandona completamente o corpo, fica-lhe preso por um cordão perispiritual, que mantém a vida, e, desde que há necessidade de animá-lo, ou acordá-lo, vem rapidamente a ele, advertido pelo cordão que o liga e lhe faz sentir a necessidade.

Temos tido, nós mesmos, grande cópia de observações sobre desprendimentos espontâneos, que se manifestam, por médiuns sonambúlicos, tão bem como pelos Espíritos livres.

E algumas vezes temos sido interrompidas no colóquio com esses, por terem eles necessidade de acudir ao reclamo do corpo.

Um destes deixou-nos, por tê-lo ido procurar, em sua casa, um indivíduo com quem ajustara fazerem uma viagem.

Mas... quem afirma a verdade da bicorporeidade?

É a questão cardeal, que reservamos para fecho da tese que desenvolvemos.

O fato da bicorporeidade é atestado por testemunhas irrecusáveis, e já é coisa tão conhecida na Ciência, como o das manifestações.

Citaremos aqui um, referido por Delanne.

Seja o que impressionou a Dassier, sábio materialista, quando passou pelo Rio de Janeiro, e é por ele referido nestes termos:

"Foi em 1858. Não se falava, na colônia francesa daquela capital, senão em uma aparição que ali se dera.

"Uma família alsaciana, composta de marido, mulher e uma filha ainda criança, viajava para o Rio de Janeiro, em busca de compatriotas ali estabelecidos.

"Na longa travessia, adoeceu a mulher, e, devido à falta de tratamento e de alimentação conveniente, faleceu antes de chegar.

"No dia da sua morte, esteve por longo tempo em síncope, e, quando voltou a si, disse ao marido: - Morro satisfeita, porque não receio mais pela sorte de nossa filhinha. Venho do Rio de Janeiro e descobri a rua e a casa do nossa amigo Fritz. Ele estava à porta e eu apresentei-lhe a pequena. Estou certa de que, quando lá chegares, ele reconhecerá a pequena, e tomará conta dela.

"Alguns minutos depois expirou, deixando o marido atônito com aquela história, a que, aliás, não deu crédito.

"No mesmo dia e à mesma hora, Fritz, o alsaciano de quem acima falei, achava-se à porta de sua casa, no Rio de Janeiro, e viu uma mulher, que lhe pareceu uma de suas compatriotas, trazendo nos braços sua filhinha.

"A mulher olhava-o com ar suplicante, e parecia apresentar-lhe a criança.

"Tinha as faces encovadas por extrema magreza, mas conservava os traços de Lota, esposa de seu amigo Schmidt.

"A expressão de sua fisionomia e a singularidade de seu modo de andar, que parecia de uma visão, impressionaram-no vivamente.

"Para assegurar-se de que não era vítima de uma ilusão, chamou um dos seus operários, também alsaciano e da mesma localidade, e disse-lhe: - Olha bem; não te parece que é Lota, mulher do nosso compatriota Schmidt?

"- Não posso afirmar porque não a vejo bem, respondeu o operário.

"Fritz a ninguém referiu aquele fato, mas guardou bem vivas as circunstâncias da aparição, real ou ilusória, principalmente as do dia e da hora.

"Alguns dias depois, apareceu-lhe Schmidt, com a filha ao colo.

"Então se lhe avivou a lembrança da visita de Lota, e, antes de seu amigo falar-lhe, disse-lhe: - Pobre amigo, já sei que tua mulher morreu em viagem; que antes de morrer veio apresentar-me sua filhinha, para que eu tomasse conta dela, isto em tal dia e em tal hora.

"Eram precisamente o dia e a hora em que se deu o fato a bordo."

Esse fato, de que não se pode duvidar, por ser Dassier um dos mais intransigentes adversários do Espiritismo, especialmente das manifestações espíritas, dá pleno testemunho da bicorporeidade, pois Lota tinha o corpo a bordo, e se apresentou sob a forma corpórea, no Rio de Janeiro.

E não pode ter senão a explicação que demos para a bicorporeidade em geral.

Enquanto Lota estava em sono letárgico, seu Espírito desprendeu-se do corpo e voou ao Rio de Janeiro, envolto no perispírito, que lhe deu a forma material de seu corpo, pelo qual foi reconhecida.

A natureza imaterial do Espírito é incompatível com sua materialização, já o dissemos; logo, este fato de Dassier, como o de Crookes, prova que, além da alma e do corpo, isto é, do imaterial e do material, existe no homem um terceiro elemento: matéria semi-espiritual, se assim podemos dizer.

Este elemento fluídico, repeti-lo-emos à saciedade, inseparável do Espírito, pois o encontramos nos encarnados e desencarnados, é que se condensa, e toma a forma e as propriedades do corpo.

A alma não pode transformar-se em corpo, e, pois, no caso vertente, e, principalmente, no que foi descrito por Crookes, a transformação foi certamente do perispírito, transformação, ou, antes, condensação.

Estes casos provam, portanto, primo, que existe em nós um terceiro elemento fluídico, que nem é puro espírito, nem pura matéria; segundo, que este elemento acompanha a alma em todas as suas

existências; terceiro, que, tendo as propriedades da matéria, embora no que hoje se chama o quarto estado, é que torna as condições e formas materiais nas manifestações dos Espíritos.

Muitos outros casos, com o valor deste de Dassier, poderíamos colher de autores que trataram da matéria; mas seria levar muito longe o que já se pode chamar - prova provada.

Entretanto, talvez por satisfazer vaidade pessoal, talvez por desejo de mostrar que, neste recanto do mundo, também se trabalha no cultivo da Ciência, vamos dar notícia de um fato tão valioso como o de Dassier, fato de que fomos observadores.

Semanalmente fazemos em nossa casa, nesta cidade do Rio de Janeiro, uma sessão espírita de estudos experimentais, em que somos acompanhados pelos engenheiros Dr. Maia Lacerda e Dr. Abel Matos; pelo cirurgião-dentista Tiago Bevilaqua e pelo distinto industrial Drummond Júnior.

O primeiro e o último destes cavalheiros são médiuns psicográficos, sonambúlicos e de outras espécies.

A uma das sessões de trabalho, faltou Maia Lacerda, por ter viajado para o Estado de Minas, para ponto distante da nossa residência cerca de 600 quilômetros.

Manifestou-se, pelo médium restante, Drummond Júnior, um Espírito que batalhava conosco sobre certos pontos do Espiritualismo, em geral, e particularmente do Espiritismo, acusando pesar, por estar ausente aquele nosso companheiro, com quem mantinha, de anteriores manifestações, especial teima.

Minutos depois, e já se achando em renhida discussão conosco, suspende a argumentação, surpreendido de ver que o ausente estava presente.

Ficamos em dúvida, porque podia aquilo ser um embuste para nos enganar, mas, em outra sessão, a que não concorreu o mesmo Dr. Maia

Lacerda, tivemos a certeza da presença de seu Espírito, por nos ter dado a prova, dirigindo-nos a palavra.

Muitos outros fatos desta ordem temos tido em nossos trabalhos particulares, pelo que nenhuma dúvida nos ensombra a crença do desprendimento do Espírito, durante a vida corpórea, especialmente durante o sano.

O desdobramento ou lei da bicorporeidade não pode mais ser posto em dúvida, assim como sua explicação pelo Espiritismo.

Com esses fatos temos provado, embora perfuntoriamente, o incompreensível fenômeno do imaterial ligar-se ao material, para funcionarem de acordo.

Resta-nos, agora, em obediência ao plano que traçamos sobre as relações dos dois elementos apostos explicar como, depois de separada do corpo, a alma toma ou pode tomar a forma material deste, apresentando os próprios sinais físicos que caracterizaram na vida corpórea o indivíduo que ela animou.

Este problema já tem sido grandemente esclarecido em toda a discussão precedente, não nos faltando, para sua completa elucidação, senão reunir e metodizar o que se acha esparso pelas páginas anteriores.

É mais um passo que vamos dar para chegarmos, aparelhados de todos os instrumentos, à questão magna, que foi posta como o objeto deste pequeno trabalho, que outros, mais bem providos de saber, que não de boa vontade, desenvolverão em bem da Ciência e da Humanidade, até hoje cegas completamente a tal respeito - até hoje, confundindo no diagnóstico, e, portanto, no tratamento, as duas, tão diferentes, espécies de loucura.

*

Não é mais lícito duvidar hoje de que os Espíritos revestem, para se nos manifestarem, a forma do corpo que tiveram na vida.

Pôr em dúvida o fato das manifestações, atestado por uma infinidade de caracteres respeitabilíssimos, é só dar crédito ao que se vê, é recusar o testemunho, a tradição, é passar uma esponja sobre todo o passado e destruir de um traço a História da Humanidade.

Reconhecida a realidade da comunicação dos Espíritos, reconhecida fica a do modo pelo qual se manifestam, isto é, a forma que tomam para se fazerem visíveis e serem reconhecidos.

É verdade que nem todos possuem a faculdade de vê-los; mas os que a possuem suprem, pelos pormenores com que os descrevem, a deficiência dos outros.

Se o leitor, que não é vidente, receber de um médium, que o é, a descrição minuciosa dos sinais, às vezes característicos, da pessoa em cujo nome se apresenta um Espírito, pode deixar de crer que é o próprio, uma vez que o médium nunca viu aquele que descreveu?

E, pois, os que não podem ver por seus olhos, podem ver, pelos de outros, Espíritos revestidos de um corpo que tem os sinais característicos do que os revestiu na vida material.

Isto não pode ser hoje contestado, porque é fenômeno ao alcance de quem quiser ver.

A questão é saber-se como o Espírito, que é imponderável e invisível, pode tornar-se visível e tangível.

Para o leitor já não é isto novidade, pois, no correr do nosso estudo, temos tratado da espécie, a vários propósitos, principalmente a propósito da bicorporeidade.

Assim como a alma, durante a vida corpórea, se destaca do corpo, e vai, fora dele, apresentar-se, revestida do perispírito, com as formas do seu ser hominal, assim, e pelo mesmo modo, perdido o corpo carnal, ela o supre, quando quer, pelo fluídico ou perispiritual.

É sempre o perispírito que representa o papel do corpo, tanto nos casos de bicorporeidade, como nos de manifestações.

Como se opera tal fenômeno?

Os Espíritos ensinam que o perispírito é tirado pelo Espírito do fluido universal que envolve nosso planeta.

Daí vem que, segundo já se disse, o perispírito de um habitante do Planeta ou mundo mais atrasado que a Terra, é mais grosseiro, em razão de serem tais mundos e seus habitantes mais atrasados, e de modificar-se o fluido universal de conformidade com o maior ou menor grau de progresso dos mundos que envolve.

Pela mesma razão, é mais delicado o perispírito dos habitantes de mundos mais adiantados que a Terra.

O meio, sempre em perfeita relação com o grau de progresso dos Espíritos que nele vivem, varia de mundo a mundo, e concorre para a mais grosseira ou mais fina organização do perispírito.

Por esta lei, um Espírito, que habitou em mundos superiores à Terra, não poderá descer a nós com seu perispírito natural, incompatível com o meio terrestre. Também, se um Espírito terrestre pudesse subir a um mundo superior, enquanto seu grau de progresso não o livra da Terra, não suportaria a superioridade daquele meio, com seu perispírito grosseiro.

Mas, o fato dá-se: da passagem de Espíritos por mundos que não são da ordem do seu, como no-lo provam a vinda, entre nós, dos anjos ou puros Espíritos, habitantes das regiões etéreas, e a do Cristo, o puro dos puros; logo, há de haver lei que harmonize o princípio acima estabelecido com os fatos aqui indicados.

Terá o Espírito o poder de modificar seu perispírito, de modo a constituí-lo em condições de tolerar vários meios em que precise manter-se, ou de tornar seu perispírito harmônico com esses meios?

Ensinam elevados Espíritos que a vontade é força irresistível, de que se servem eles para jogar com os fluidos, combinando-os de modo a obterem as precisas condições perispirituais para aquele fim.

Efetivamente, a Ciência já possui muitos, e nós temos presenciado alguns casos comprobatórios dessa verdade.

É, portanto, a vontade o princípio motor da condensação e materialização do perispírito, a maior modificação que o Espírito lhe pode imprimir, e de que não temos o direito de duvidar, em vista das experiências públicas de Crookes.

Dissemos - públicas -, porque foram presenciadas por muitas pessoas de alto valor científico.

O motivo é a vontade; mas o modo de operar ou a lei pela qual o Espírito consegue aquela transformação, esta ainda não é conhecida.

Sabemos, entretanto, que, para consegui-lo, precisam os Espíritos do fluido vitalizado dos encarnados, que eles não possuem, e lhes é preciso retirá-los de encarnados que têm a faculdade de desprendê-lo de si, isto é, que são médiuns especiais.

É esta a razão por que, sem médium, nenhum Espírito pode manifestar-se visível, e muito menos tangível ou com o perispírito condensado até a materialização temporária.

Eles estão em constante relação conosco, porém só se manifestam onde e quando encontram médium de tais efeitos, e manifestam-se mais ou menos nitidamente, segundo o médium é mais ou menos capaz de dispensar-lhes fluido vital.

Sabido isto, compreende-se facilmente que, para se mostrarem, eles se supram do fluido vital do médium, e que, por meio desse agente, produzem em seu perispírito uma alteração molecular, de moda a fazê-lo opaco, de transparente que é naturalmente.

É, diz Delanne, coisa análoga a da hidrófana, que, mergulhada na água, perde a opacidade e fica transparente, ou ao que se passa quando se embebe em óleo uma folha de papel.

A opacidade é devida à luz, que, uma vez penetrando num corpo, em vez de ser refratada, produz a transparência.

Por aí se compreende como pode o perispírito materializar-se sob a influência da vontade e mediante o fluido vital de terceiro.

Na bicorporeidade não há necessidade de médium, porque o corpo fluídico, que reveste o Espírito, se supre do fluido vital do próprio organismo, ou antes, na bicorporeidade o médium é o próprio indivíduo que se desdobra.

Nas manifestações visíveis, sim; porque o Espírito livre não dispõe de fluido vital.

Os Espíritos não gozam somente o poder de dar-se a forma que tiveram em vida, pela modificação de seu perispírito. Eles, apesar de imponderáveis, possuem também o de exercitarem estas funções materiais, em virtude das leis já expostas.

É assim que transportam objetos pesados, fazendo-os até atravessar a matéria.

Crookes refere o fato de uma visível mão fluídica, que, diante do auditório, tomou de um vaso um lilás e fê-lo passar, com o alongado pecíolo, através de uma mesa de mogno.

Allan Kardec, na Revue Spirite de Abril de 1860, refere este outro, que foi transmitido a Krotzoff, de S. Petersburgo, pelo barão Tcherhazoff, que garantiu sua autenticidade:

"Escapa-me o nome do industrial, parece que inglês. Probo, humano e em boas condições de fortuna, ele dava tanto valor à boa qualidade de seus produtos, como à conveniência de seus operários, com os quais vivia na mais perfeita harmonia.

"Segundo o costume da Rússia, ainda hoje vigorante, eles tinham, na fábrica, casa e comida à custa do patrão.

"Uma manhã, ao levantarem-se de suas camas, alguns não encontraram a roupa que haviam despido.

"Não podendo pensar em roubo, questionaram uns os outros, acreditando ter sido brincadeira.

"Enfim, depois de muitas buscas, foram descobrir a roupa no celeiro, na chaminé e até sobre o telhado.

"Debalde procurou o patrão descobrir o autor da brincadeira. Todos protestavam por sua inocência.

"Algum tempo depois, o fato se repetiu sem que se pudesse ainda descobrir o autor.

"Pouco a pouco foi amiudando, até dar-se todas as noites, o que causou sérios cuidados ao patrão, que via perturbar-se o trabalho, e temia perder os operários, já assombrados.

"Por conselho seu, organizou-se uma ronda noturna, para surpreender-se o culpado; mas com isto nada se adiantou, reproduzindo-se o fenômeno.

"Para subirem a seus cômodos, tinham os operários de passar por escadas escuras, e aconteceu que alguns receberam aí empurrões e bofetadas, sem descobrirem quem lhos dava.

"Então o patrão aconselhou que se dividissem em dois grupos, para ficarem um em cima e outro embaixo e cercarem o mau gracejador.

"Ainda foi inútil essa providência, sendo ambos os grupos batidos, e acusando-se um ao outro.

"Dessas acusações passaram a lutas sangrentas, pelo que julgou o patrão necessário fechar a fábrica.

"Uma noite, achava-se ele sentado em meio da família, triste e a cismar, como todos os seus, e eis que ouviram grande rumor no quarto próximo de seu escritório.

"Levantou-se precipitadamente, a ver o que era, e a primeira coisa que viu, abrindo a porta, foi seu gabinete aberto e a vela acesa, quando, havia pouco, o tinha fechado e apagado a vela.

"Aproximou-se da secretária, e descobriu aí um tinteiro de vidro e uma pena, que não eram os seus, e uma folha dc papel, em que

estavam escritas estas palavras: "Faça demolir a parede em tal lugar (na escada), e aí encontrará ossos humanos. Enterre-os em sagrado".

"Levou à polícia aquele papel, e no dia seguinte começaram as indagações para descobrir-se de onde provinham papel, pena e tinteiro, e, correndo-se casa por casa, chegou-se à de um mercador de tais gêneros, cuja loja era em pavimento térreo, o qual reconheceu por seus aqueles objetos.

"Interrogado sobre a pessoa a quem os tinha dado, respondeu: Ontem à noite, tendo já fechado a porta de minha casa, ouvi bater à janela.

"Fui abri-la a um homem, cujas feições não pude distinguir; disse-me: Por favor, ceda-me um tinteiro e uma pena, que lhe pagarei.

"Tendo-lhe cedido os dois objetos, ele jogou ao assoalho uma pesada moeda de cobre, que ouvi tinir, mas que não pude depois encontrar."

Demoliu-se a parede indicada e encontraram-se ossadas humanas, que foram enterradas no cemitério.

Após, tudo entrou em ordem, mas nunca se pôde descobrir de quem foram aqueles ossos.

Este fato, autenticado pela autoridade, não demonstra somente a propriedade que possuem os Espíritos de transportar objetos pesados, fenômenos que já temos visto; mas, também, o de fabricarem objetos, que se desfazem com a mesma facilidade com que são organizados.

O mercador ouviu o tinido da moeda; logo, ela tinha as propriedades de um corpo sólido; viu que era de cobre; logo, tinha a forma do objeto que representava.

A moeda, porém, desapareceu depois de vista.

Parece uma cena mágica, mas a multiplicidade de fatos daquele gênero prova que há, em tudo isto, uma realidade, cujas leis ainda não são conhecidas.

Entretanto, não estamos completamente às cegas, pois sabemos que os Espíritos se servem, para seus fins, de elementos existentes no fluido universal, como a eletricidade se serve para colher e combinar os que constituem os aerólitos.

Em todo caso, assim como produzem corpos visíveis, por que não produzirem a visibilidade do seu perispírito?

Em 1894, fomos consultados pelo Comendador José Alves Ribeira de Carvalho, um dos mais importantes industriais do Rio de Janeiro, sobre um fato que incomodava vivamente a um seu amigo e a toda a família deste, estabelecido com fábrica de gravatas à rua de São Pedro, nesta cidade.

Todas as noites, por maior que fosse a vigilância das pessoas da casa, eram borradas de tintas verde (verde-Paris) todas as peças de roupa do serviço, inclusive as de vestir, que despiam ao se deitarem.

Fomos, com o Sr. Júlio Richard, colega de Carvalho na direção de um Banco; fomos os três, à casa perseguida, e vimos a realidade do fato.

Recorremos a um médium e obtivemos a presença do Espírito, que nos deu a razão daquela maldade, e nos denunciou de onde tirara a tinta: uma farmácia existente a uns 150 metros, na mesma rua.

Corremos a ela e perguntamos ao farmacêutico se tinha verde-Paris, ao que respondeu afirmativamente.

Retirando, porém, do alto, um grande vidro fechado em que guardava aquela espécie, manifestou a maior surpresa, vendo quão pouco Ihe restava do muito que ali depositara.

Estava provada a verdade do que nos revelara o Espírito.

Para terminar este ligeiro estudo, daremos aqui uma sucinta idéia do modo pelo qual procede o Espírito, em relação ao perispírito, desde que desencarna.

No momento em que se esgota o fluido vital, alimento da vida corpórea, o Espírito separa-se do seu revestimento material, que entra em decomposição, segundo as leis da matéria.

A separação, porém, não é brusca e instantânea, pois depende da completa desagregação do perispírito, ligado ao corpo, molécula a molécula.

Às vezes, a vida ainda não se tem esgotada, mas o perispírito já está quase completamente desprendido do corpo.

A alma, então, está presa ao moribundo por ligeiros filamentos perispiríticos, como nos casos do sono e do desdobramento bicorporal.

Este fato não é imaginário, pois, além dos médiuns videntes o acusarem, as próprios Espíritos o revelam.

Na "Revue Spirite", de Paris, de 1859, encontra-se a seguinte exposição:

"Mme. Schultz, uma de nossas amigas, que é perfeitamente deste mundo, evocada enquanto dormia, deu-nos várias vezes brilhantes provas de sua lucidez, naquele estado.

"Um dia, depois de longa conversa, disse que estava fatigada, e lhe apresentamos o seguinte argumento: - Vosso corpo pode repousar, que não o perturbaremos. É vosso Espírito que está aqui, e não ele. Podeis, pois, entreter-vos conosco, que ele nada sofrerá.

- Estais enganado - respondeu, - meu Espírito destaca-se efetivamente do corpo, mas fica-lhe preso, como um balão cativo.

"Meu corpo serve de esteio ao meu Espírito, com a diferença de que este sente comoções que o esteio não sente, e estas comoções fatigam muito o cérebro.

"É por isto que meu corpo, tanto como meu Espírito, precisam de repouso."

O desprendimento antecipado, isto é, antes do completo esgotamento do fluido vital, só se dá, ou por violência, ou porque o Espírito é muito adiantado.

Quem viveu mais da vida espiritual que da material; quem foi, na vida, mais afeiçoado ao dever do que às pessoas; quem não se engolfou nos gozos carnais, assiste como espectador às últimas vibrações de suas forças vitais, só esperando a derradeira para voar ao mundo dos Espíritos.

As vezes, porém, já se tem esgotada a vida orgânica; já o corpo tem entrado em decomposição, e o Espírito se sente preso a ele.

Também não é este um fato imaginário.

Além de que os Espíritos o atestam, nós podemos conscienciosamente afirmá-lo, porque temos tido, por dezenas, fatos de Espíritos se manifestarem, convictos de ainda viverem com seu corpo, e sentindo-o com os sofrimentos que teve.

No "Céu e Inferno", de Allan Kardec, encontram-se comunicações de infelizes que levaram anos e anos sentindo-se ligados ao corpo, sofrendo o horror da decomposição deste e sentindo o roer dos vermes nas carnes maceradas.

É o mais duro dos castigos, essa perturbação que dá a ilusão de se estar vivo, sendo pasto de vermes.

Isto, porém, só acontece aos que viveram pela matéria, cevando-se nos gozos das paixões carnais.

É o oposto do que acontece aos que viveram pelo Espírito e para o Espírito, os quais, antes mesmo da extinção da vida, já se sentem destacados do corpo, prelúdio os gozos da vida real.

Entre estes dois extremos, há infinita variedade, como é fácil compreender.

Natural é que se desprenda alegre, do corpo em que esteve encarnado, o Espírito que viveu sobranceira aos gozos e grandezas da vida material, e que se desprenda triste o que nunca pensou nos gozos e grandezas da vida espiritual.

A razão, pois, vem em apoio da revelação que fazem os Espíritos, a respeito do que acontece no momento da chamada morte.

Rompidos todos os laços que prendiam a alma ao corpo, é então que vem àquela a consciência do seu estado, e de que já não pertence mais ao mundo dos encarnados, e, sim, ao dos Espíritos, sua verdadeira pátria, da qual fora desterrada.

Nova espécie de existência começa, ou antes, recomeça para ela.

O perispírito, mais ou menos material, mais ou menos fluídico, segundo o grau de atraso ou de adiantamento, dá-lhe a forma do corpo que teve, sem possuir, no entanto, os órgãos corporais, pelo que não sente realmente as impressões e sensações materiais.

Sente, porém, muito mais livres e desenvolvidas as impressões anímicas, porque, agora, já lhe não tolhe o desenvolvimento de suas faculdades o dique ou prisão corporal.

Assim é que a Espírito preso ao corpo só pode ver os objetos que lhe ferem a retina, ao passo que, livre do corpo, a órbita de sua visão quase não tem limite, ou só tem o que lhe traça seu atraso ou seu adiantamento.

Efetivamente, sempre que chamamos um Espírito que nos dá prescrições médicas, ele nos atende imediatamente, deixando bem provada sua identidade.

É esta uma prova de que os Espíritos gozam da faculdade de conhecer nosso pensamento e de poderem vir até nós, com uma percepção e velocidade que não temos na Terra.

Disto, que parece extraordinário, temos tido inúmeras provas, de que daremos aqui duas.

Em uma sessão, a que foi chamado por evocação o grande orador brasileiro José Bonifácio, disse ele que desde a Terra cultivara a sublime Doutrina que eleva a criatura até aos pés do seu Criador.

Entretanto, pensamos nós, não tiveste a coragem de confessá-la publicamente.

Concluída a manifestação, e quando o médium se sentava, vimo-lo reerguer-se, dizendo:

- Ia-me esquecendo de responder ao pensamento reservado de um dos amigos aqui presentes.

E respondeu-nos, expondo as razões por que procedera daquele modo, em bem da grande causa da libertação dos escravos.

O outro fato se deu na sessão ordinária de um grupo, e em presença de grande número de pessoas.

O médium Brito Sarmento, posto em estado sonambúlico, transmitiu-nos a promessa de Fénelon, de dar-nos um trabalho para nós desconhecido.

Mandou-nos escolher três dentre os presentes, para fazerem perguntas mentais, a que ele responderia pelo médium.

Escolhemos o Dr. Bernardino Bastos, o Coronel Cardoso e o Sr. Silva, genro do bem conhecido Visconde do Rio Branco.

Com surpresa e espanto de todos, foram respondidas categoricamente as perguntas mentais que fizeram aqueles três distintos cavalheiros.

A prova foi brilhante, mas, atendendo a que incrédulos, que ali se achassem, poderiam suspeitar que tivesse havido mancomunação entre nós, o médium e os três cavalheiros, dirigimo-nos ao Espírito, fazendo-o sentir nosso receio, e pedindo-Ihe, se fosse possível, que atendesse a quem quisesse fazer perguntas mentais.

Respondeu-nos que, só para não fatigar o médium, limitara o número de perguntas, e que, julgando razoáveis nossos escrúpulos, estava pronto a responder a quem quer que fosse.

Dos presentes, só um quis usar da licença, concedida a todos, e este, à resposta que lhe foi dada, ficou tão exaltado que, de voz em grito, pronunciou estas palavras: - Pensei que era uma farsa tudo isto de Espiritismo, e vim aqui para confirmar-me no meu juízo. Agora, porém, tenho em mim mesmo a prova da verdade do Espiritismo. Este homem não podia adivinhar meu pensamento, para responder exatamente o que eu pedi!

Passando adiante, julgamos inútil dizer que os Espíritos livres não sentem fadiga; não precisam de repouso; não sentem fome nem sede; não padecem moléstias; não falam linguagem articulada, mas sim a do pensamento; pelo que, só por meio de um médium nos podem falar a nós; que ao nosso Espírito eles falam a linguagem dos Espíritos: a troca de pensamentos.

Merecem o mais atento estudo os conceitos lançados nesta ligeira exposição.

*

A ligeira apreciação que acabamos de fazer, do Espírito em suas relações com o corpo, interrompeu nossa exposição sobre a nova cosmogonia, que precisamos conhecer a fundo, para podermos resolver a questão da loucura, por uma face ainda não conhecida.

Reatando, pois, o interrompido curso, procuraremos resumir o mais possível o que nos resta dizer sobre as relações dos Espíritos.

Vimos que uma vida única é insuficiente para o amplo desenvolvimento da perfectibilidade humana.

Vimos que os Espíritos não são criados para o corpo, mas, sim, que este lhes é dado como instrumento de progresso.

Destes dois postulados, que só podem ser impugnados, ou pela ignorância invencível, ou pela incredulidade sistemática, resultam as seguintes conseqüências lógicas:

Não há uma única vida, nem um único mundo.

Não há penas eternas, pois os Espíritos têm mais de uma vida corpórea.

Não há inferno, pois não há penas eternas e materiais.

Não há demônios pessoais, pois não há inferno, nem penas eternas.

Não há anjos, criação especial, pois, sendo evidentemente falsa a tradição relativa aos que decaíram, verdadeira não pode ser a relativa aos outros.

Não houve, finalmente, criação de um só par humano, visto que a própria Bíblia atesta a existência de outros seres humanos na Terra, ao tempo de Adão, e sem que dele procedessem.

Estes princípios, que o Espiritismo consagra, são tão conformes com a razão e com o simples bom-senso, que entram naturalmente pela alma.

Eles apagam velhas crenças, cobertas com o estandarte da religião, como se cobria com ele a poligamia de Abraão e o dente por dente de Moisés, concessões necessárias ao atraso da Humanidade.

A medida, porém, que vai evoluindo, o Espírito vai ganhando luz, e, à medida que vai tendo luz, vai reconhecendo e repelindo certos preconceitos mais grosseiros e divisando horizontes menos escuros.

O menino não vale o homem feito, e o rústico não compete com o ilustrado.

É esta a norma de evolução dos Espíritos.

Crescendo no tempo, vão vendo melhor e mais claro em torno de si, vão tomando posse do meio em que se acham, e, de si próprios, ajuntam conhecimentos e sentimentos de que formam seu pecúlio e sua atmosfera; alargam progressivamente os limites do seu mundo pessoal; chegarão, enfim, a estender esses limites até confundi-los com os do Universo.

Então, possuirão a ciência das leis da criação, e a virtude da sua completa desmaterialização, que é condição para ver a Deus.

Na eterna marcha para a perfeição, deve necessariamente fazer paradas, que são para o homem as vidas corpóreas, e para a Humanidade épocas que se abrem pelo desabrochar de grandes idéias, novas revolucionárias da velha ordem estabelecida, e que se fecham pela consolidação dessas idéias em uma nova organização.

Assim como de cada existência corpórea o indivíduo humano colhe mais ou menos saber e moralidade, que lhe desfazem erros e preconceitos, sempre havidos por verdades, assim, em cada período histórico, o gênero humano avantaja-se às passadas gerações pela conquista de mais alta ciência, senão de mais alta moralidade, porque o progresso não se faz sempre simultaneamente e equigradativamente pelo lado intelectual e pelo moral, mas sim, quase sempre, alternativamente, cultivando uma ou mais gerações exclusivamente o intelectual, para ulteriormente, elas mesmas, se darem ao cultivo da moral.

A verdade, pois, tem caráter absoluto e relativo; absoluto em si mesma, relativo em sua compreensão, na compreensão humana.

O homem, instintivo e naturalmente, procura-a, desde que entrou na ordem dos seres, mas, quantas vezes se deixa levar por miragens?

Seu destino è alcançá-la, é erguer, todos os dias, o edifício de suas crenças, sobre a base do que julga que ela é, e todos os dias procurar fortificar sua abra, retirando dela os materiais que julgou bons, mas que reconhece imprestáveis.

Em qualquer ponto do caminho de nossa evolução encontraremos, necessariamente, restos de fezes acumulados por nossa primitiva ignorância, e puro ouro passado pelo cadinho dos conhecimentos e da experiência que vamos adquirindo.

Quem estudar o regime humano, em qualquer desses períodos, será levado a confundir fezes com ouro, porque não pode ter ainda a pedra de toque da verdade absoluta.

Aquela mistura é necessária na Terra, mundo atrasado, onde Espíritos de um progresso correlativo vêm depurar-se pela luta na separação do joio e do trigo.

E, pois, não pode haver em nossa Humanidade sistema filosófico, científico e religioso, sem eiva de falsidade, porquanto a verdade inteira só a podemos colher no último estádio de nossa peregrinação.

Resulta daí que repelir idéias novas, só porque chocam as que temos por verdadeiras, é o mais grosseiro dos erros do homem, é trancar as portas ao progresso, pois é pelo choque das idéias novas que se tem constituído a Ciência, de que já nos ufanamos, e foi por tal arte que a religião chegou às alturas em que se acha, tendo banido o tirano, o Deus de tremenda majestade, em cujo nome se passavam à espada homens, mulheres e crianças das cidades vencidas.

A luz do progresso que podemos aqui receber, em todas as relações, é proporcional e comparável a que nos dá o Sol, centro do nosso sistema planetário.

Além, nos mundos de superiores sistemas, cuja luz material nossos olhos terrestres não poderiam suportar, receberemos mais ampla revelação da verdade, em todas as relações que nossos olhos da alma aqui não poderiam igualmente suportar.

A prova de que nada sabemos do infinito saber, que é nosso destino conquistar, está em que a Ciência caminha sempre, em que possa dizer: toquei o marco terminal.

Pois se ela mesma não sabe quanto caminho tem a fazer, como termos a pretensão de possuir a verdade científica e a religiosa, que é a mesma, encarada por diversas faces, e igualmente relativa ao grau de progresso individual?

Cada Espírito desenvolve, mais ou menos, em cada uma de suas paradas terrestres, a sua perfectibilidade, e se uma geração que surge é composta, em sua maioria, dos que mais tem progredido, a Humanidade fará, nesse período, largo passo pelas vias do progresso.

Vêem-se destacar, em todos os países, possantes inteligências que dão másculo impulso a todos os ramos de conhecimentos humanos.

É a obra dos Espíritos que vieram já adiantados e com a missão de desfazer a dos atrasados recalcitrantes.

Se, porém, surge uma geração em sua maior parte composta de Espíritos atrasados, a Humanidade atravessará um período de

raquitismo, estacionará, trancará o templo da Ciência, e todas as conquistas do passado, se não se perderam no incêndio da biblioteca de Alexandria, ou pela invasão das massas bárbaras do Norte, é porque Deus não permite que a luz se apague, e permite que seja guardada no fundo dos claustros, para nova geração dali arrancá-la.

É por esta modalidade que vemos todos os povos apresentarem períodos de grande fulgor a par de outros de negra escuridade.

O movimento assombroso que uma geração deu à França, e, pela França, a todo o mundo, que foi senão obra de uma falange de Espíritos adiantados, que encarnaram naquele país, com a missão de acenderem ali o grande facho que iluminasse a Terra, já madura para aquelas conquistas?

Foram velhos habitantes do nosso globo, encanecidos no labor de seu aperfeiçoamento, que mais desenvolveram no espaço, pela comunicação e convivência com Espíritos superiores.

Há, pois, no mundo espiritual, invisível, as condições de progresso: ensino que podemos aproveitar, se quisermos.

Desde o princípio de sua evolução, os Espíritos vão constantemente, pelas vidas e pelos mundos, estabelecendo relações de amor e de ódio com aqueles com quem tratam.

Em cada existência corpórea, têm pai, mãe, irmãos, mulher, filhos, parentes e amigos, do mesmo modo como têm indiferentes, desafetos e inimigos.

Estes sentimentos, ou estas relações de uma existência, ficam abafados, esquecidos, durante a seguinte em que perdemos a memória do que fomos, ao ponto de acreditarmos que vivemos pela primeira vez e única.

No momento, porém, em que se rompem os laços desta vida, e desde que recobramos a memória do passado, aí estão conosco as velhas relações.

Os que nos amaram e nos amam sempre, e os que nos odiaram e continuam a votar-nos ódios, acercam-se de nós, conjuntamente com os amigos e inimigos que fizemos na existência última, que perdemos.

É uma renovação de afetos e de repulsões, tais como as que nos comovem na Terra, quando encontramos entes queridos, de quem estivemos por longo tempo separados, ou nos aparecem inimigos que supúnhamos mortos.

É bem verdade, pois, que no mundo dos Espíritos há as mesmas relações que na vida material, com a diferença das que se perdem com o corpo.

Há grupos familiares, ligados pela similitude de sentimentos, de pensamentos e de aspirações; os bons, ligados por bons intuitos; os maus, ligados por intuitos maus.

Nós perdemos a lembrança deles quando os deixamos, para virmos a esta vida, mas eles nos acompanham com seu amor ou seu ódio, porque são livres e guardam a lembrança do que lhes fomos.

Isto, que parece imaginário, podemos reconhecê-lo experimentalmente, e nós o temos feito centenas de vezes, e pode fazê-lo quem o puser em dúvida.

Os amigos nos ajudam, atuando sobre nosso Espírito para o bem.

Sobre a influência dos inimigos a nos arrastarem para o mal, temos tido provas destas: chamamo-los com o auxílio dos bons, e, com estes, quase sempre logramos convencê-los de que maior mal fazem a si do que às suas vítimas, e, desde que se arrependem e se reconciliam, suas vítimas, que sofriam por sua perseguição, ficam boas.

Há seu tempo e em lugar próprio, daremos as provas autênticas desta verdade.

Se um que volta à vida carnal é do grupo dos maus, nem por isto deixa de ter amigos, como de ter inimigos, pelo que terá proteção e perseguição.

Todos, pois, que descem à vida corpórea, tem em torno de si, por piores que sejam, Espíritos protetores, e, por melhores que sejam, perseguidores, inimigos feitos no tempo de seu maior atraso.

Conseguintemente, em derredor de cada vivente, há uma luta constante, na qual triunfam, às vezes, os amigos, e, outras vezes, os inimigos, segundo o lado para onde pender o espírito vivente, porque seu livre arbítrio pode ser auxiliado ou embaraçado, mas nunca tolhido.

Não é o mesmo que vemos em nossa sociedade? Os bons nos aconselham para o bem; os maus nos aconselham para o mal; e nós nos decidimos livremente por uns ou por outros. A diferença é que aqui conhecemos os que nos impulsionam.

Resulta do que fica exposto que nesta vida temos amigos visíveis e invisíveis, que nos ajudam em nossa missão, sempre dirigida para o bem, e que temos inimigos visíveis e invisíveis, que procuram fazer-nos todo o mal.

Uns e outros como operam? Procurando subjugar-nos a vontade, no sentido de seus intentos.

Nenhum tem o poder de coagi-la, mas, com arte, com astúcia, com seduções, tanto como pela sinceridade, pela razão, pelo ensino da verdade, chega-se a domar o leão.

Não vemos, entre nós, indivíduos insinuarem-se no ânimo de outros e os arrastarem a desatinos?

Pois é pelo mesmo modo que os Espíritos, aproveitando a pouco e pouco as nossas fraquezas, conseguem fazer da nossa vontade seu instrumento, e de nosso espírito sua vítima.

É ocasião de darmos ao leitor os fundamentos que temos para afirmarmos coisas desta ordem, de cunho maravilhoso, que escapam às nossas vistas.

Não queremos fazer deste trabalho, empreendido na mais pura intenção, coisa que se pareça com os contos fantásticos de Hoffmann.

De tudo o que temos exposto, nada é produto de nossa imaginação ou da imaginação de alguém. Tudo, tudo, tudo, tem sido ensinado pelos Espíritos, a quem devemos a cosmogonia, que tão eloqüentemente fala à razão e ao coração.

Dir-nos-ão, porém: Que crédito merecem esses ensinos de Espíritos, eles mesmos problemáticos?

Não foi exclusivamente na letra do que eles ensinaram que firmamos nossa crença.

A experiência, a prova experimental por que temos escrupulosamente feito passar cada idéia daquele ensino, é o fundamento sólido em que nos baseamos para dar a público, sob a responsabilidade de nosso nome, coisas tão maravilhosas.

Da perseguição movida por Espíritos desencarnados aos encarnados, o ponto mais difícil de aceitar da nova cosmogonia, mas que, uma vez provado, explica todos os outros, fácil é ter-se a prova, prova inconcussa.

Pelos processos espiríticos, que são rigorosamente científicos, pode verificar-se o fato com o mesmo rigor experimental com que Crookes, Lombroso e outros verificaram o fato das manifestações dos Espíritos.

A respeito das perseguições, possuímos grande cópia de observações, capazes de firmarem inabalável convicção em espíritos livres de preconceitos sistemáticos e de obcecação por fanatismo.

Para não alongarmos, porém, este trabalho, citaremos apenas três, que preferimos às demais, por estarem vivas e presentes as testemunhas, caso alguém se abalance a impugná-las.

Foi em presença do Sr. João Gonçalves do Nascimento, negociante da praça do Rio de Janeiro, em presença de sua respeitabilíssima senhora, do Sr. João Kall, comandante do cruzador da Alfândega "Orion", do Sr. Frederico Pereira da Silva Júnior, empregado público,

do Sr. Manuel Raimundo de Souza, capitão do Exército, e do major da Guarda Nacional, Severo da Cunha Machado.

Além disto, a família de Raul Couto, estudante de medicina e objeto da nossa observação, aí está para atestar a verdade.

Raul Cauto, havia cerca de dois anos, suspendera o curso de seus estudos médicos, na Faculdade do Rio de Janeiro, por ter sido subitamente acometido de loucura, com a idéia fixa de suicídio, pelo que a família o guardava em um quarto, com todas as precauções.

Pediram-nos, depois de reconhecido que a loucura era obra de um inimigo do espaço, que fizéssemos o possível para restituir a razão ao pobre moço, e, prestando-se a isso o médium de incorporação, Frederico Pereira da Silva Júnior, demos princípio ao trabalho.

O Espírito perseguidor veio enfurecido, declarando que já fizera acabar pelo suicídio o pai de Raul, e que ao mesmo fim levaria o filho, para vingar-se do mal que lhe fizeram em passada existência.

Efetivamente, verificamos que o pai de Raul acabara pelo suicídio.

Longa foi a luta com esse Espírito, mas, par fim, depois de muitas sessões, que fazíamos semanalmente, conseguimos convencê-lo do mal que a si mesmo causava.

Foi isso numa sexta-feira, e só na segunda-feira seguinte foi que pudemos ter notícia da que se passara com Raul, depois do arrependimento de seu perseguidor.

Soubemos então, e tivemos a confirmação pessoal do seguinte:

Na sexta-feira, pouco mais ou menos à hora em que o Espírito inimigo desistiu sinceramente da perseguição, Raul, em sua casa, à distância que vai da Gamboa, onde morava, ao Engenho Novo, onde trabalhávamos, talvez uns quinze quilômetros, despertava, como de um longo pesadelo; chamou a mãe e mais pessoas da família, por quem se tornara indiferente; saiu do seu isolamento, e tão bem se achou que na semana seguinte voltou aos seus estudos, por tanto

tempo interrompidos, e tanto se aplicou, que colheu e publicou as lições feitas durante o ano pelo professor de anatomia da Faculdade.

Durante os seguintes dois ou três anos, tivemos várias ocasiões de vê-lo e de reconhecer a completa integridade de suas faculdades mentais, fato que é comprovado pelas suas aprovações na Faculdade.

A coincidência da renúncia do perseguidor com o reerguimento das faculdades mentais, é fato digno da maior atenção, e nós asseguramos que mais ou menos rápida, mais ou menos lenta, temos sempre observado esse fenômeno, desde que o perseguidor se converte.

Passemos a outro caso:

Os jornais desta Capital deram notícia de mais uma vítima do Espiritismo.

Foi o caso de ter ido à casa de uma "curandeira" a esposa de um moço muito conhecido da nossa sociedade, o Sr. Canongia, e de ter saído dali louca, de não a poder ter o marido senão no Hospício dos Alienados.

Foi, portanto, registrado por toda a imprensa da Capital Federal o fato da loucura da moça e da sua reclusão ao hospício.

O angustiado marido veio a nós e pediu-nos conselho, como médico e espírita.

Reunidos, o Dr. Antônio Luís Saião, Dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio, Dr. Pedro Saião, cirurgião-dentista Tiago Bevilaqua, o negociante Pedra Richard, o guarda-livros José Augusto da Silveira Ramos, o negociante Matos Cid, nós e o médium Frederico Júnior, fizemos a evocação do Espírito perseguidor de Alice, nome da esposa de Canongia.

Veio em fúrias e inconvenientemente, por tal modo que apenas adiantamos em saber que era ou tinha sido português, e que perseguia a moça, por tê-lo desprezado, quando ele tinha por ela uma louca paixão. Perseguia-a e persegui-la-ia por toda a vida.

Na sessão seguinte, oito dias depois, tendo reconhecido que não era mais vivente, como estivera persuadido até ali, esteve mais cordato, ouviu nosso arrazoado, e foi-lhe dado ver o quadro de sua anterior existência, ante o qual ficou horrorizado.

- Agora reconheço, exclamou, que ela teve razão de sobra para me repelir.

Reconciliado, pois, retirou-se do nosso meio, e desde aquele dia Alice começou a manifestar melhoras, até que, aos poucos, recobrou a razão, saiu do hospício e voltou a sua casa, onde vive perfeitamente, há já seis anos, com o marido e os filhinhos, sem mais sombras de perturbação mental.

O fato de não ter a razão imediatamente voltado, e sim apenas despontado, logo que cessou a pressão, foi devido aos fluidos maus do perseguidor, que levam mais ou menos tempo a ser eliminados, segundo o grau de receptividade moral do perseguido.

Apesar de retirada a causa, não cessou logo o efeito, porque o efeito já estava bem gravado e precisava de tempo para se desfazer.

Isto é uma lei patológica, que não nos cabe aqui desenvolver.

O terceiro fato é incompleto, mas dá tanta luz à questão, que o preferimos a outros.

Antônio José Bruno, porteiro da Escola Municipal de São José, nesta Capital, tem um filho de seu nome, que trabalhava como marceneiro numa fábrica de móveis da rua da Conceição.

Um dia, fomos procuradas pela mulher de Bruno, para acudirmos ao rapaz, que se tornara intolerável, procurando rixas com as pessoas da família, e ultimamente fazendo atos de rematada loucura.

O dia seguinte era o de nossos estudos experimentais, e, pois, desconfiando da existência de uma influência estranha, dissemos à mãe do rapaz que o trouxesse naquele dia, às dez horas da manhã, para que examinássemos antes da sessão, que era às quatro horas da tarde.

Veio com extraordinária relutância, e veio por nos dever respeito e obediência, em razão de sermos antigo médico da família, que o vimos nascer e crescer.

Veio, mas olhava-nos com olhos de tigre.

Não lhe arrancamos nem uma palavra, mas aproveitamos o tempo, moralizando-o, e principalmente ao seu perseguidor, que não tivemos dúvida sobre sua presença ali.

Em meio daquele trabalho, entrou na sala, onde se achava conosco o Comendador Domingos Gonçalves Pereira Nunes, o médium Brito Sarmento, que, mal foi tomando uma cadeira sem saber do que se tratava, foi acometido pelo Espírito, com tal fúria, que, se não fora Brito médium perfeitamente desenvolvido, teria sido tomado.

A hora da sessão, tendo o rapaz voltado para casa, reuniram-se na sala dos trabalhos o Dr. João Batista Maia de Lacerda, Comendador João Gonçalves Pereira Nunes, Lourenço Rodolfo de Ataíde, professor, e outros.

O médium Brito recebeu o Espírito que antes quisera tomá-lo de surpresa, o qual começou, dizendo-nos: - Venho pagar-te o sermão de hoje de manhã.

Não houve argumento, não houve razão, não houve esforço que abalasse o infeliz. Firme como uma rocha, deu-nos o seu ultimato: - Não há poder capaz de suspender minha vingança!

- Há, respondeu-lhe, pelo médium Lacerda, um Espírito superior, há o poder da justiça do Senhor, que, em vista da humildade com que tua vítima tem sofrido tua perseguição, retira-o de tua ação, para não mais poderes fazer-lhe mal.

Fazendo juras de mostrar seu inquebrantável poder, saiu o perseguidor, mas o caso foi que o perseguido apresentou-se-nos cinco dias depois, em perfeito estado mental, e disse-nos que vinha agradecer-nos a cura, e que dali seguia para a fábrica onde já havia retomado seu lugar.

Dissemos que esta observação não foi completa, porque temos sempre conseguido a reconciliação da vítima com o algoz, o que nos foi impossível neste caso.

Entretanto, também dissemos que dela ressaltava muita luz, o que se patenteia pela comparação com as duas anteriores.

Do que fica exposto, resulta que a alma se relaciona com o corpo pelo perispírito, que é este que transmite, a um, as impressões, e, a outro, as volições, que é ele que dá aos Espíritos desencarnados a forma e caracteres do corpo que tiveram.

Por este modo fica, no presente capítulo, satisfeita a 4.ª interrogação da Introdução, como, no capítulo precedente, o foram a 1.ª, 2.ª e 3.ª.

O que, porém, sobreleva do que nos ocupou nesta parte do nosso trabalho, é a evolução dos Espíritos, que aí deixamos longamente descrita, e que põe em relevo o seguinte notável fato:

O mesmo caráter moral do homem, nesta vida, é o do seu Espírito, na outra vida.

Daí a seguinte conclusão:

Assim como na Terra os bons nos chamam para o bem, e os maus para o mal, assim no espaço os bons e os maus agem sobre nós, por meios fluídicos.

Vivemos, pois, cercados de amigos e de inimigos, que atuam sobre nós, em bem e mal nosso.

Com isto, queremos fazer bem patente que os inimigos invisíveis não se diferenciam dos visíveis, na sanha de seu ódio, senão quanto aos meios que empregam para satisfazê-lo.

A influência maléfica dos primeiros, se não sabemos ou não tentamos rebater, por um procedimento em tudo reto, e pela energia de nossa vontade, toma tal império sobre nossa alma, que a domina, e dirige, como a um autômato.

É a isto que se chama - obsessão -, de que vamos tratar no seguinte capítulo.

Capítulo III

Obsessão

A Cosmogonia espírita, esboçada no precedente capítulo, enche uma lacuna da Ciência, quanto à fisiologia do cérebro.

Vimos, com efeito, que a loucura coincide às vezes com uma lesão daquele órgão, e que, outras vezes, não acusa a mínima lesão dele.

Se é fácil explicar a perturbação mental, quando o órgão transmissor do pensamento está lesado, o mesmo não acontece nos casos notados por Esquirol, de coincidir ela com a perfeita integridade do cérebro.

Esquirol, portanto, revelou à Ciência fatos que não são explicáveis pela lei a que se atribuem todos os casos de loucura.

Se é o cérebro que transforma as impressões em concepções, ou se é ele que gera a pensamento, como produzir tão delicado fenômeno, como haver pensamento harmônico, reflexão raciocinada, razão esclarecida, achando-se tal órgão em condições de não funcionar regularmente?

Por outro lado, que razão pode haver para perturbar-se completamente sua função, achando-se ele em perfeito estado fisiológico?

É tão natural a loucura, no primeiro caso, como é inexplicável no segundo, uma vez admitido que o cérebro é o gerador do pensamento.

Entretanto, a verdade é que há casos bem verificados de perturbação mental sem lesão orgânica do cérebro, o que diz bem

positivamente que a loucura não depende essencialmente do estado mórbido do cérebro.

Se assim é, e não pode ser cientificamente contestado, a conseqüência irrecusável é que o cérebro não gera o pensamento, é que, independente daquele órgão, pode o pensamento sofrer perturbações.

Como quer que seja, estes fatos de observação nos arrastam ao seguinte princípio:

A moléstia dos nervos sensitivos impede o sentimento ou perverte-o, e ninguém ignora que o anestésico evita que sintamos a dor.

A alma é o princípio causal do pensamento; ou, antes, é ela quem pensa e o transmite pelo cérebro, seu instrumento.

A alma é que possui, no homem, a faculdade de pensar, tendo, por suas relações com o corpo, enquanto lhe estiver presa, necessidade do cérebro, para transmiti-lo, donde a inevitável coação, toda a vez que o instrumento não estiver em boas condições. Assim é, quando a loucura coincidir com a lesão cerebral.

De fato, como fazer-se obra perfeita com instrumento incapaz?

Com a vista, com o olfato, com a audição, com o paladar e com o tato, dá-se a mesma coisa, em virtude da mesma lei.

E tanto é procedente este juízo, que todas as faculdades e sentidos humanos se perturbam, quando os órgãos corporais, que lhes servem de instrumentos, sofrem em sua integridade.

Quando os instrumentos da sensibilidade são perturbados ou paralisados em sua ação, por lesão orgânica ou por influências perturbadoras de suas funções, a sensibilidade ou faculdade de sentir se interrompe, por todo o tempo da moléstia ou da influência perturbadora.

Dir-se-á que é por entorpecimento do cérebro.

Decerto que é, em muitos casos, porque ele é o órgão condensador das impressões que dão à alma o sentimento; mas, e nos casos de anestesia local?

A impressão não chega ao cérebro, pois os nervos condutores são entorpecidos. E nós já provamos que a sensibilidade e a insensibilidade são da alma e não do cérebro, com o fato de recebermos um ferimento e não lhe sentirmos a dor, senão quando a alma descansa de suas preocupações, embora o cérebro haja recebido a impressão.

Este fato, só por si, torna evidente que o nosso centro sensitivo está fora do cérebro, conquanto seja este o meio natural, o instrumento do sentimento físico.

Nota-se, pois, com relação à sensibilidade, a mesmo que com a inteligência: há perturbações intelectuais, quando o cérebro não pode trabalhar regularmente, e, às vezes, mesmo que possa trabalhar.

Se o olho sofre, de não poder receber a impressão da luz, dá-se a perturbação da visão e até a cegueira, mas, tanto não é o olho que vê, que muitas vezes os objetos ferem a retina e não são vistos, e os sonâmbulos, encerrados em quatro paredes vêem objetos a centenas de léguas a distância.

Conhecemos uma, que é cega de todo, mas que, em estado sonambúlico, descreve fielmente o que está e o que se passa em torno dela.

Há, portanto, cegueira por lesão do órgão da visão, e há cegueira ou falta de visão, mesmo que o órgão esteja são e receba a impressão dos objetos exteriores.

Quantas vezes passamos por um objeto, encaramo-lo, mas, concentrados em um pensamento, não o vemos?

O mesmo acontece com a audição, que, só depois de muito tempo, é que temos o conhecimento de nos terem dito coisas que não ouvimos

na ocasião. E quantas vibrações sonoras se perdem, por não lhes prestarmos atenção?

Não é, pois, duvidoso, para quem sabe refletir, que o cérebro não é mais do que um instrumento material, a serviço da alma, para pô-la em relação com o mundo material. E, tanto é assim, que temos um mundo de pensamentos sem objetivo fora de nós, isto é, no mundo material, de que o cérebro pode receber as impressões.

Assim, portanto, as faculdades são da alma e o meio material de pô-las em relação com o mundo material é que pertence ao cérebro e suas dependências.

Quem exerce as funções da vida de relação, quem pensa, raciocina, guarda a memória dos sucessos, sente, delibera, vê, ouve, sente o cheiro, o gosto, e tem as impressões de tato, é a alma.

E, pois, não manifestar o pensamento claro, nítido, quando o cérebro sofre, é tão natural como o artista não manifestar seu talento, quando lhe faltam os instrumentos. É como torná-lo mais límpido e sublimado, em suas manifestações, quando o respectivo instrumento é mais bem organizado. E nós sabemos que ele é tanto mais bem organizado, quando é destinado a servir a Espíritos mais adiantados.

É realmente lógico que, servindo-se a alma do cérebro, como instrumento de manifestação de suas faculdades, deve tê-la mais brilhante ou mais imperfeita, conforme a maior ou menor perfeição daquele instrumento.

Dois homens, dos quais um tem cérebro mais normal, devem manifestar capacidade diferentes, sendo sempre superior a do que dispõe de melhor instrumento.

Bem firmado, pois, o princípio de que todo o organismo é instrumento da alma, explicada fica a razão por que não vemos, não ouvimos, não pensamos, mesmo que funcionem fisiologicamente os respectivos órgãos materiais, e isto em virtude da lei de se ver, ouvir e

pensar, independentemente do organismo, nos casos, por exemplo, de desprendimentos da alma, sem a interrupção da vida.

No cap. II deste trabalho, citamos as experiências demonstrativas deste fato, as quais têm abalado as doutrinas filosóficas mais bem firmadas.

A revelação de Velpeau, quando não tivéssemos a de Bernheim, bastaria para prová-la.

Não repisemos este ponto, mas liguemo-lo à lei que rege os fenômenos humanas da vida de relação.

O homem vê, ouve, raciocina, independente da máquina material que lhe serve geralmente para aquelas funções; isto porque tais funções são exclusivas da alma, tanto que, destacada ela momentaneamente do corpo, exerce-as tão bem ou melhor, como ligada ao corpo.

Os Espíritos desencarnados manifestam-se com as faculdades e sentidos humanos, fato que, felizmente, está autenticado, e que pode ser verificado pelos que só crêem no que vêem.

Se, pois, o louco for sonambulizado ou se seu Espírito for atraído a um médium sonambúlico, discorrerá corretamente, caso sua loucura seja a resultante de lesão cerebral.

E que se achava louco, porque sua alma estava dependente do instrumento de manifestação natural de seus pensamentos, e que esse instrumento estava deteriorado.

Em tais condições, uma vez que ela rompa momentaneamente os laços que a prendem àquele instrumento, e que disponha de outro em boas condições, seus pensamentos se manifestarão com a natural nitidez.

Repetimos, pois: se obtivermos o desprendimento do Espírito, para se manifestar independente do órgão doentio, verificaremos o fato notabilíssima de o louco manifestar tanta ou maior lucidez, como no tempo em que estava em seu perfeito juízo.

E será este o meio de distinguir-se a loucura propriamente dita, da outra espécie, com que nos vamos ocupar.

É fora de toda a dúvida que, sendo o cérebro instrumento de manifestação do pensamento, não pode alterar-se, mantendo-se ele são, senão por causa que afete o Espírito.

Uma função só se perturba, ou por lesão do órgão ou por lesão do agente.

Assim, um engenho pode parar, ou por ter quebrado uma peça ou por desarranjo do motor.

Se, pois, a loucura se explica perfeitamente pelo desarranjo cerebral (o engenho), o mesmo não se dá quando perfeito o estado do cérebro (engenho).

Neste caso, é preciso procurar a causa do mal fora do órgão, do engenho, e já sabemos que é no agente (o motor) que devemos procurá-la.

Ora, sendo o agente do pensamento o Espírito ou a alma, é óbvio que à alma ou Espírita se filiam os casos de loucura que não têm sede no cérebro.

São os casos observados por Esquirol e por outros respeitáveis fisiologistas.

O que determina tão singular perversão de uma faculdade da alma é digno das mais sérias pesquisas, não só para satisfação de uma muito natural curiosidade, como para obter-se uma segura orientação no tratamento da mais cruel das enfermidades do homem, da que lhe abate o caráter essencial de ser humano.

A Ciência nadará em um oceano de incertezas, enquanto acreditar que a loucura depende exclusivamente do cérebro.

Em tal hipótese, o que é racional é tratarem-se todos os casos de loucura pelo mesmo sistema, pelo emprego dos meios que curem o cérebro.

E quando o cérebro nada sofrer?

Distinguir, portanto, uns de outros casos, os que dependem do cérebro dos que nada têm com ele, é facilitar a marcha da Ciência, em seu empenho de curar.

Parece intuitivo que não pode convir a ambas as espécies o mesmo tratamento.

A cura das moléstias de fundo orgânico e a das que são efeitos de causas morais, não se pode alcançar pelos mesmos meios.

Ninguém se propõe a curar, com tisanas, moléstias morais, nem a curar por meios morais moléstias orgânicas.

Um hipocondríaco, por lesão do fígado, trata-se por meios terapêuticos; mas um que sofre de spleen não se cura com aquele tratamento.

A Ciência precisa distinguir as causas físicas das morais, para poder aplicar às moléstias os meios correlativos.

Ora, a loucura, como temas demonstrado, é moléstia de fundo orgânico, nuns casos, e é de fundo espiritual, noutros casos; logo, a Ciência precisa bem conhecer esta diferença, para variar de ação, segundo a espécie.

Tudo o que ela sabe, até hoje, é exclusivamente aplicável aos casos orgânicos, porque, até hoje, apesar da ponta do véu levantada por Esquirol, ela não tem cogitado de discernir espécies de loucura.

Importa, pois, abrir larga discussão sobre este ponto, para não continuar a desordem no tratamento, confundindo-se na ordem das loucuras incuráveis, como são quase todas as causadas por lesão cerebral, inúmeros casos de natureza desconhecida, e que, como o provam os exemplos acima citados, são suscetíveis de cura.

Para distinguir-se esta nova espécie, chamar-lhe-emos loucura moral, ou mais apropriadamente: loucura psicológica, por tratar-se da perturbação da faculdade anímica, e não do instrumento da manifestação.

Como quer que seja, cumpre-nos indagar como e por que se dão aquelas perturbações, e quais os meios de combatê-las: etiologia e tratamento, visto que, no estudo da etiologia, há ensejo para descobrir-lhe a natureza.

A empresa é árdua, sendo nós o primeiro que a comete, e, por isto, sem onde beber luz.

Já sabe, porém, o leitor que vamos procurá-la nas idéias enunciadas pela ciência espírita, que se funda na observação e na experiência.

Não são, conseguintemente, fantasias as considerações que, por bem da Humanidade, e maior progresso da Ciência, nos propomos desenvolver aqui.

São ilações lógicas dos princípios irrecusáveis, que formam o contexto daquela ciência, cujas primeiras ilações já deslumbrando o mundo, preocupando os mais altos espíritos de todos os países.

Como, porém, toda idéia nova, por mais sublimada que seja, encontra sempre a mais enraivecida oposição, firmaremos em provas de fato o que vamos expender.

*

A preexistência dos Espíritos encarnados é a chave do primeiro problema, que nos temos posto: conhecer a causa da loucura psíquica.

É neste princípio tão racional quão de fácil experimentação, que vamos procurar o valor do nosso X.

Por sucessivas existências, encaminham-se os Espíritos ao destino humano, como já foi amplamente explicado.

Também já o foi que a variedade de disposições intelectuais e morais dos homens e a resultante do maior ou menor esforço empregado por cada um em suas vidas anteriores.

E como o saber e a virtude pertencem ao Espírito, e não ao corpo, compreende-se que cada homem leva para a vida espiritual o saber ou a ignorância, a virtude ou a maldade que teve na vida corpórea.

O que foi caridoso continua, depois da morte, a desejar o bem de seus semelhantes; o que foi malfeitor continua a desejar todo o mal aos que ainda penam na Terra.

Assim, o mundo dos Espíritos é o reflexo do mundo a que chamamos dos viventes.

Assim como há na Terra quem faz o mal só pelo gosto de fazê-lo, assim, no espaço, esses mesmos continuam sua danação, obra de seu atraso.

E, do mesmo modo como vemos criaturas arriscarem a vida, para satisfazerem uma vingança, assim, no espaço, esses tais não esquecem o mal que se lhes fez e de que juraram vingar-se, na última ou em qualquer das passadas existências.

Esses maus Espíritos, que representam o papel atribuído ao demônio, têm a faculdade de fazer-nos mal, atuando fluidicamente sobre nós, como em vida atuavam materialmente.

Não nos espancam nem nos ferem o corpo, mas nos inspiram maus pensamentos, maus sentimentos, resoluções terríveis. Chegam a dominar nossa vontade, ao ponto de nos tornarem submissos, como um hipnotizado.

Temos o direito e o poder de reagir, repelindo suas insinuações; mas não vemos na vida como certos perversos vão pouco a pouco seduzindo aqueles que marcam para suas vítimas, até dominá-los, e os levarem para onde querem, e disporem da sua vontade?

O fato, pois, da influência dos Espíritos sobre os viventes, é o mesmo da que estes exercem, uns sobre os outros.

Tal influência apresenta diversos graus: vai da simples insinuação à dominação completa da vontade.

O uso que fazemos do nosso livre arbítrio, na repulsão daquela causa perturbadora, pode ser eficaz ou inútil, conforme a natureza dos nossos sentimentos. Se forem bons, a nossa resistência rechaçará todos os ataques do inimigo. Se forem maus, serão ventos a auxiliarem as correntes do inimigo.

Cada um de nós forma sua atmosfera moral, dentro da qual somente podem penetrar Espíritos da nossa natureza, que são os únicos que a podem respirar, se nos permitem a expressão.

Assim, ao que modela suas ações, seus pensamentos e seus sentimentos, pelas normas do dever e do bem, não podem chegar senão Espíritos adiantados, jamais os maléficos.

Vice-versa, ao que leva vida desregrada, mais preocupado com a satisfação de seus instintos carnais do que com o cumprimento de seus deveres, segundo o bem, não podem chegar senão Espíritos atrasados, que só arrastam para o mal: jamais os benéficos, salvo os que vierem em missão de caridade.

Entre estes extremos, uma infinita variedade, propendendo mais ou menos para a resistência, ou mais ou menos para a submissão. Se o homem bom, que é por isto assistido pelos bons Espíritos, desfalece na prática do bem, porque seu livre arbítrio é incoercível, rompe por suas mãos o cordão sanitário que o isolava dos maus Espíritos.

Se a fraqueza é transitória e o reerguimento pronto, o eclipse apenas visível aos habitantes do mundo espiritual será um ponto negro no livro de sua vida, de que o acusará a própria consciência.

Se, porém, o infeliz, longe de reagir sobre si mesmo, se entrega ao desânimo, seus amigos invisíveis se afastarão e os inimigos o tomarão a si.

Dá-se então, um desses descalabros morais, que tantas vezes nos compungem e escandalizam, de ver-se um homem, sempre respeitável por seu caráter, descer à maior baixeza.

Estudai esses desastres e reconhecereis que são sempre devidos a um desfalecimento seguido de um arrastamento.

O homem bom, que caiu, tinha nos seios da alma uma paixão que subjugava, mas que, um dia, por circunstância imprevista, ergueu-se energicamente, e fê-lo esquecer o dever.

Despertado, quando o mal já estava feito, em vez de vomitar o veneno, procurou encobrir a falta, e o gérmen da perdição fecundou-se em seu seio.

Eis o desfalecimento.

Com ele abriu a porta aos maus Espíritos, que o provocam a saciar aquela paixão, já uma vez superior à sua vontade, e um pouco por já ter a alma desvirginada, e, ainda, pela influência do inimigo senhor da praça, ei-lo impelido pelo plano inclinado.

Começa tremendo, como quem foi surpreendido; vai-se paulatinamente acostumando à falta, para a qual descobre escusas, e acaba desprezando o que sempre teve por sagrado e abraçando como sagrado o que sempre teve por desprezível.

Isto é obra do arrastamento.

Assim, portanto, vivemos rodeados de Espíritos que nos inspiram para o bem, e de Espíritos que nos arrastam para o mal.

Nem uns, nem outros podem calcar o nosso livre arbítrio, mas é o nosso livre arbítrio que nos faz aceitar antes estas do que aquelas sugestões, a dos amigos ou a dos inimigos.

Somos, pois, sempre livres em escolher a sociedade de nossa alma.

Dando preferência à dos maus Espíritos, não corremos somente o risco de tomarmos maus conselheiros, senão, principalmente, o de abrirmos a porta a uns tantos que, além de maus, sejam também nossos inimigos pessoais, sedentos de vingança contra nós.

Suponhamos que, em remota existência, abusamos do poder, fazendo nossas vítimas quantos incorreram em nosso desagrado; que esmagamos o coração de um infeliz, separando-o da esposa amada,

dos ternos filhinhos que acabaram na miséria, e ele na fúria do maior desespero.

Esta vítima de nossa perversidade expirou jurando vingança, e, Espírito atrasado, que não compreendia a sublimidade do destino humano, a que ninguém pode chegar senão pelo amor a Deus e ao próximo, mal teve a consciência de seu estado de espírito livre, e a memória de sua extinta vida corpórea, continuou a respirar somente vingança.

Fareja, procura descobrir onde paira seu cruel verdugo; vê lá do espaço, seu desprendimento do corpo; acompanha-o na erraticidade; assiste com satânico prazer à sua reencarnação, e acompanha-o na nova existência, com a solicitude de seu ódio, esperando o momento suspirado de cair sobre ele.

Suponhamos que o reencarnado, por obra de um sincero arrependimento, tenha vindo sinceramente resoluto a reparar suas maldades.

Neste caso, seus pensamentos, sentimentos e obras se modelarão pelas normas essenciais à sua missão reparadora, e não permitirão a aproximação de maus Espíritos.

Que suplício para aquele inimigo, vê-lo invulnerável pela prática do bem, que o arrancará por fim a seu ódio!

O lobo dá mil voltas em torno do redil, enquanto a mansa ovelha dorme tranqüila, mal pensando que é tão vigiada e ameaçada.

Suponhamos que se dá aqui um caso de desfalecimento.

O espírito maléfico acende-se em satânicas alegrias, sentindo que se abala a atmosfera isoladora do que fora seu verdugo.

Lá está a brecha por onde penetrar, a satisfazer as quase extintas esperanças de vingar-se.

Explora habilmente a causa da perturbação da alma que quer esmagar, empresta-lhe cores mais tenebrosas, e destarte vai semeando a perdição.

Sutilmente, insinua-se, disfarçado em amigo, e, quando se acha senhor da confiança, dá o assalto à fortaleza: subjuga a vontade de sua vítima, até fazer dela instrumento passivo da sua.

Para chegar a este resultado procura perturbar-lhe a razão, o que consegue par mil modos: ora aproveitando as afecções orgânicas, ora jogando com as afecções morais.

Chegado ao ponto de ter completamente hipnotizado sua presa, fá-la passar por qualquer dessas inumeráveis variedades de perversão moral, que se dão em espetáculo entre os alienados.

Sua sede está saciada; mas a sede de vingança mais se abrasa, quanto mais se sacia.

O que o infeliz lhe fez, ele retribui-lhe no décuplo; porém, ainda quer mais, e, quanto mais o esmaga, mais trabalha por esmagá-lo, mesmo depois de tê-lo feito um louco.

A este estado, a Ciência chama loucura, e o é; mas a esta loucura o Espiritismo chama obsessão.

É loucura, porque há efetivamente uma perturbação das faculdades mentais, mas não é a loucura por tal conhecida, porque esta depende da lesão orgânica do cérebro, e no caso não se dá semelhante coisa.

É a loucura em que Esquirol não encontrou lesão cerebral, é a loucura psíquica.

Conhecida a dupla causa da moléstia que apresenta os mesmos sintomas, embora tenha muito diversas origens, é curioso conhecer como podem causas de naturezas tão diferentes produzirem efeitos tão semelhantes.

É curioso, dizemos, porque não se pode compreender como uma lesão orgânica e uma influência moral possam produzir o mesmo resultado.

Mais ou menos, já sabemos como, nos casos de loucura, se rompe a harmonia de ação da alma e do cérebro, do ser pensante e do órgão da manifestação do pensamento.

O fato dá-se pela simples razão de não poder o aparelho prestar-se ao serviço, ou antes, de só o poder fazer imperfeitamente, por seu estado mórbido.

O cérebro, pois, perturbado em sua função, e não podendo transmitir integralmente o pensamento, como o formulou a alma, determina a loucura.

Se a lesão se acalma, a manifestação dá-se mais regularmente como nos períodos lúcidos.

Quando, por qualquer motivo, exacerba-se, dá-se o recrudescimento da perturbação.

Isto é nos casos de loucura por lesão cerebral. Vejamos agora como se dá a mesma loucura, por obsessão, sem lesão cerebral, por influência fluídica dos Espíritos.

A alma aqui formula os pensamentos como sempre, sem a mínima perturbação, e, de sua parte, o cérebro está nas melhores condições para transmiti-los.

Temos, pois, agente e instrumento nas condições precisas para a elaboração e transmissão dos pensamentos.

O que, então, determina em tais casos a perturbação mental?

O que determina, não a perturbação mental, porque a alma não enlouquece, mas a perturbação na transmissão do pensamento, é a interposição dos fluidos do Espírito obsessor, entre o agente e o instrumento, de modo que fica interrompida a comunicação regular dos dois.

A alma pensa, mas seu pensamento não pode utilizar-se do cérebro, senão imperfeitamente, por estar este truncado, alterado, em razão da barreira posta pelo obsessor, no empenho de produzir essa perturbação que se toma por loucura.

Poderia tolher toda comunicação, mas seu intuito é fazer considerar louca sua vítima, e, pois, perturba, mas não suprime a função.

Temos, portanto, que tanto na loucura, como na obsessão, o espírito é lúcido, e que, tanto num como noutro caso, o mal consiste na irregularidade da transmissão ou manifestação do pensamento.

E temos mais, que tal irregularidade é devida, num caso, à incapacidade material do cérebro para receber e transmitir fielmente as cogitações do espírito, e noutro caso tudo se limita a não poderem aquelas cogitações chegar integralmente ao cérebro.

Eis aí a diferença que, em sua gênesis, existe entre o modo por que age a causa da loucura propriamente dita, e a da loucura chamada obsessão.

Escrevíamos estas linhas, que nos eram intuitivamente sugeridas quando recebemos, pelo correio, uma carta sem assinatura, cujo autor nos enviou a seguinte comunicação, que, disse ele, lhe foi repentinamente dada, e ele graciosamente nos oferecia:

"Duas causas podem concorrer para o fato da perturbação mental: uma externa, outra interna.

"Por não fazer esta distinção, querendo sempre ver lesão, onde não existe, às vezes, senão perturbação determinada por um agente que escapa a todos os meios terapêuticos, é que a Medicina tem caído em malogros.

"Nas perturbações devidas a forças traumáticas, encontra o alienista meios mais ou menos seguros de regularizar o aparelho cerebral, e de restituí-lo a suas naturais funções materiais.

"O mesmo, porém, não sucede quando se trata de casos com os quais não concorre lesão alguma cerebral.

"Sendo o agente inteligente o que recebe as impressões, quer venham do meio em que se acha em relação à matéria, quer venham do mundo espiritual, desde que no perispírito se dêem alterações perturbadoras, não pode ele receber as impressões com a natural regularidade.

"Nas lesões cerebrais, não podendo o aparelho transmissor receber, senão muito incompletamente, as idéias que lhe chegam, produz o transtorno que se observa na manifestação dessas mesmas idéias.

"Lendo o Espírito, em seu perispírito, as imagens que lhe chegam, quer por meio do aparelho cerebral, quer diretamente por meio do aparelho semimaterial, não pode receber e transmitir, sem grande desarranjo, as impressões e concepções.

"No primeiro caso, quando as imagens vêm pelo aparelho cerebral, e este se acha afetado, há uma loucura que a Medicina pode curar.

"No segundo, quando não há lesão cerebral, e sim perturbação da recepção das imagens e da sua reflexão, há o que, modernamente, se denomina obsessão, para a qual só há uma terapêutica: a espiritual.

"Colocai diante de vós um espelho que tenha defeito nalguns pontos, tal que não reflita a imagem completa dos objetos se lhe apresentam.

"É o caso da loucura por lesão do cérebro.

"Colocai, porém, entre vós e um espelho em perfeito estado corpo que possa embaraçar a transmissão da luz que de vós parte para o espelho, e infiel será a reprodução de vossa imagem.

"É o caso da loucura por obsessão.

"No primeiro caso, o mal vem do espelho que está estragado; no segundo, vem da interposição de um corpo estranho, entre o aparelho refletor e o corpo que se lhe apresenta.

"Esta figura, toscamente esboçada, basta para assinalar a diferença que existe entre os dois estados em que pode achar-se o Espírito encarnado, com relação à manifestação de seus pensamentos.

"Se os alienistas procurassem dirigir seus estudos de conformidade com os novos ensinos que se vão propagando por toda a parte, os hospícios só receberiam os doentes do primeiro caso, e se transformariam, talvez, com mais razão, em casas de caridade e em salas de moralização.

"Nestas condições, eles serviriam para o tratamento dos doentes de uma e de outra espécie de loucura.

"Passarei agora a considerar o assunto sob outro ponto de vista, isto é, com relação à Fisiologia, e veremos se, por este lado, fica ele melhor esclarecido.

"Depois da descoberta dos anestésicos, pôde-se tentar um grande número de operações, antes impossíveis, por causa das grandes dores que produziam.

"A anestesia é, pura e simplesmente, uma paralisia dos nervos que servem de condutores às impressões externas para o aparelho cerebral, o qual, por sua vez, as transmite ao perispírito, onde o Espírito, agente inteligente, lê e traduz as imagens que elas aí imprimem.

"Interrompidos os fios condutores, o cérebro nada recebe que lhe pudesse vir por eles, tendo somente impressões que partem, por assim dizer, de dentro para fora.

"Neste caso, não pode o Espírito receber impressões, e, conseguintemente, ter sensações produzidas por objetos do mundo exterior; no entanto, outras, partidas do mundo espiritual, podem fazer-se sentir por diferentes modos, conforme a natureza dos elementos que afluírem, sem relação alguma com o aparelho cerebral.

"Ora, se o pensamento, as idéias, todas as concepções do Espírito fossem oriundas ou formadas pelo trabalho material do sistema nervoso, não teríamos estes fenômenos que se notam nos anestesiados: de continuarem a manifestar concepções do agente inteligente, apesar da incapacidade daquele sistema para receber e transmitir impressões.

"E desde que, na economia perispiritual, por qualquer circunstância, se efetue a ação de elementos perturbadores, o agente inteligente ressente-se necessariamente de impressões mais ou menos vivas, conforme a natureza e força desses elementos.

"Já se vê, pois, que as desordens nas funções orgânicas, por terem causas diversas, reclamam diversos meios reparadores.

"Não devo esquecer-me de dizer aqui que as obsessões abandonadas podem produzir no organismo lesões que tornem necessário o tratamento misto: terapêutico e moral.

"Nos casos, porém, em que tal circunstância não se der, faz-se mister que o clínico, incumbido dessa ordem de enfermidade, procure fazer o diagnóstico diferencial das duas espécies de loucura.

"Devo ficar aqui; mas, antes de terminar, peço licença para mais uma observação.

"O corpo humano, em relação ao seu espírito, é semelhante a um planeta em relação ao astro em torno do qual faz seu giro.

"O agente espiritual deve ter predomínio absoluto sobre a matéria, obrigando-a a submeter-se à sua vontade.

"Não quero dizer absolutamente, no sentido de impor à matéria e de esta obedecer cegamente ao seu império e à sua vontade; mas, sim, no de não contrair, de influências estranhas, vícios que alterem profundamente as condições naturais de sua existência.

"Há, no planeta chamado corpo humano, diferentes regiões e diferentes habitantes: um completo sistema planetário, que obedece às mesmas leis das que nos são conhecidas.

"Esse planeta tem sua atmosfera, que tanto mais se eleva e se difunde no espaço, quanto maior for a esfera moral de cada um, constituindo assim planetas de primeira, de segunda e de terceira grandeza.

"É por essa atmosfera ou laço fluídico, que circula o corpo e envolve o espírito, que se realizam as relações do mundo espiritual com o corporal.

"Quanto mais larga e elevada for a atmosfera de um corpo, mais fácil e segura será sua intimidade e relações com os seres elevados do mundo espiritual.

"Trabalhe cada um por elevar a atmosfera que o envolve, e breve, muito breve, as revelações do mundo dos Espíritos elevados virão dissipar as trevas que ainda envolvem a Terra.

"Até outra vez, bom amigo. - Hahnemann."

Transcrevemos, verbum ad verbum, esta comunicação, que parece ter sido ditada expressamente para este trabalho, já escrito até o ponto em que nos foi ela enviada, isto é, até este ponto.

A exposição não é clara como conviria a um assunto ainda não conhecido da Ciência; a falta, porém, não é do Espírito, mas, sim, do médium, que não dispunha, sem dúvida, do material preciso para receber ensinos científicos.

É intuitivo que, para o médico, descido do espaço, poder falar corretamente sobre uma questão de sua especialidade, faz-se mister um instrumento adequado, como o seria para um matemático, etc., etc.

O pensamento perde força e clareza pela fraqueza e ignorância do aparelho que o recebe.

Isto é de observação constante, e os Espíritos o confirmam.

Entretanto, apesar de mal apanhado, o pensamento de Hahnemann ficou suficientemente inteligível.

A comparação do espelho é perfeita e ensina claramente como se dão as perturbações nos casos de lesão cerebral e nos de integridade do cérebro.

Temos, pois, em resumo, que tudo concorre para tornar evidente a dualidade causal da loucura.

Concorrem as observações dos fisiologistas, de haver loucura sem lesão do aparelho cerebral, o que basta para se inferir que há duas espécies de loucura, e concorre para confirmar aquelas observações a Ciência espírita, que ensina como os Espíritos atrasados atuam sobre os viventes, tirando-lhes a liberdade e a razão, por simples desejos de fazer mal ou por vingança.

Disto fala a Igreja, atribuindo o fato ao demônio. Concorre, finalmente, a longa e desenvolvida explicação de um Espírito (Hahnemann) que teve na Terra reconhecida competência na matéria.

Se não tivéssemos precedido este estudo de provas experimentais, não só da verdade espírita, como da comunicação dos Espíritos, a observação de Esquirol ficaria como um problema, uma esfinge, apesar das razões espíritas e da comunicação de Hahnemann. Estabelecidos, porém, como foram, sobre fundamentos experimentais, os pontos preliminares, só o capricho, contra o qual não há razão que prevaleça, poderá recusar fé a um sistema de provas, quais temos dado.

Para o homem livre de preconceitos, o que temos exposto é quanto basta para reconhecer a dualidade da loucura.

E, se ainda pode haver dúvida, proveniente da nossa deficiente exposição, aí fica o campo aberto ao estudo e observação dos que a tiverem.

Tomem o trabalho de explorar a mina, e lhes garantimos esplêndido resultado.

Temos a certeza de que não vagamos por mundos imaginários, mas, sim, de que assentamos nosso juízo sobre fatos reais, sobre uma verdade que desafia toda contradição, e não teme absolutamente o julgamento do futuro.

Assim pudéssemos ter igual certeza sobre outras ordens de verdades, que fogem, por enquanto, aos rigores do método experimental.

*

Definida a questão, a loucura sob novo prisma, exposta a doutrina onde se encontram as leis que a explicam, vem de molde, e antes de mais, discriminá-la da outra espécie, única até hoje conhecida: fazer o diagnóstico diferencial.

Vamos, pois, tratar dos meios de reconhecermos a loucura procedente de lesão cerebral, e das que nos podem dar o conhecimento da obsessão ou loucura produzida por ação fluídica de Espíritos.

É esta, porventura, a parte mais difícil do empenho que tomamos, porque as manifestações apreciáveis das duas espécies são as mesmas.

Desde que, tanto numa como noutra, o fenômeno natural da transmissão do pensamento é perturbado pelo mesmo modo sensível, embora por causas diferentes, compreende-se que dificílimo deve ser o diagnóstico diferencial.

Quem vê um louco vê um obsidiado, tanto que até hoje se tem confundido um com o outro.

O mesmo olhar desvairado, a mesma apatia fisionômica, ora a excitação até a fúria, ora a prostração até ao indiferentismo, sempre a incoerência das idéias.

Se um tem momentos lúcidos, o outro igualmente os tem; se um pode cair no idiotismo, o outro também.

Efetivamente, Hahnemann disse, e nós temos observado, que a obsessão desprezada determina lesão orgânica do cérebro, donde a coexistência das duas causas da perturbação mental.

Infelizmente temos experiência feita com o maior interesse sobre este ponto da magna questão.

Um de nossos filhos, moço de grande inteligência e de coração bem formado, foi subitamente tomado de alienação mental.

Os mais notáveis médicos do Rio de Janeiro fizeram o diagnóstico: loucura; e como loucura o trataram sem que obtivessem o mínimo resultado.

Notávamos, nós um singular fenômeno: quando o doente, passado o acesso e entrado no período lúcido, ficava calmo, manifestava perfeita consciência, memória completa e razão clara, de conversar criteriosamente sobre qualquer assunto, mesmo literário ou científico, pois estudava Medicina, quando foi assaltado. Mais de uma vez,

afirmou-nos que bem conhecia estar praticando mal, durante os acessos, mas que era arrastado por uma força superior à sua vontade, a que em vão tentava resistir.

Apesar de não podermos explicar como, continuando o cérebro lesado, se dava aquele fenômeno de perfeita clarividência ou de nítida transmissão dos pensamentos, acompanhamos o juízo dos médicos, nossos colegas, de ser o caso verdadeira loucura.

Desanimados, por falharem todos os meios empregados, disseram-nos aqueles colegas que era inconveniente e perigoso conservar o doente em casa, e que urgia mandá-lo para o hospício.

Foi ante esta dolorosa contingência de uma separação mais dolorosa que a da morte, que resolvemos atender a um amigo que havia muito nos instava para que recorrêssemos ao Espiritismo.

Obsessão, respondeu-nos o Espírito que veio à nossa evocação; acrescentando: além do tratamento terapêutico, que deve ser rígido sobre o baço, que, no homem, como o útero na mulher, é a parto as obsessões, sempre ligadas a uma lesão orgânica, é indispensável evocar o obsessor, e alcançar dele que desista da perseguição.

Foi marcado o dia para a aconselhada evocação, a primeira a que assistimos.

Veio o Espírito inimigo, que se dirigiu exclusivamente à nossa pessoa, de quem, principalmente, queria tirar vingança, por mal que lhe havíamos feito em passada existência.

- Não posso fazer-te o que, a ele faço, disse bramindo, porque és mais adiantado; mas castigo-te indiretamente na pessoa de teu filho amado, que também concorreu para meu mal.

Não foi possível acalmar-lhe a sanha, que refervia à medida que se lhe falava em paz, amor e perdão.

Saímos abatidos e confusos por tudo o que vimos e ouvimos, principalmente porque o Espírito se referiu a um pensamento nosso, a ninguém revelado.

A este trabalho, sem nenhum resultado, seguiram-se outros, parecendo às vezes que o inimigo se abrandava, esperança que em breve se dissipava, vindo ele, noutro dia, mais cheio de ódio e sedento de vingança.

Neste ínterim, um amigo nosso, tão distinto por sua ilustração como pelo seu caráter, nos comunicou o nos esclareceu sobre aquele ódio intransigente:

Orava ele, à hora de deitar-se, e à sua prece do costume ajuntou uma especial em favor do Espírito nosso perseguidor, para que tivesse a luz e reconhecesse o mal que a si próprio estava fazendo.

Ouviu então uma voz que lhe disse: Vê; e olhando na direção da voz, viu aquele amigo uma masmorra imunda e tenebrosa, onde um homem, acorrentado e agrilhoado, gemia suas misérias e as de sua mulher e filhinhos, privados de todo apoio.

- Queres que perdoe a quem me reduziu a este estado, e o pior reduziu os entes que mais amei na vida? perguntou a voz que vinha do prisioneiro.

Travou-se entre os dois uma discussão, que não vem a propósito transcrever aqui. O que é essencial saber é que a justiça de Deus se cumpria no fato que tão dolorosamente nos fazia sangrar o coração.

Devemos acrescentar, ao que acabamos de referir, que o cavalheiro com quem se deu este fato era médium inconsciente, e hoje se acha na plenitude das mediunidades - vidente, auditiva, psicográfica e sonambúlica,

O moço era vítima de seus abusos noutra existência, continuou a sofrer a perseguição, e por tanto tempo a sofreu, que seu cérebro se ressentiu, de forma que, quando o obsessor, afinal arrependido, o deixou, ele ficou calmo, sem mais ter acessos, porém não recuperou a vivacidade de sua inteligência. O instrumento ainda não se restabeleceu.

Dir-se-á: a loucura também se cura, e os doentes curados dela também ficam assim, porque o instrumento se ressente por muito tempo do mal que o afetou.

É verdade; mas a loucura vence-se pelo tratamento terapêutico, e o nosso doente, desde que tivemos certeza de ser o mal obra de um Espírito, nunca mais tomou remédios, senão os morais, em trabalhos espíritas, de cerca de três anos.

Vê-se, portanto, quanto importa, diante de um caso de loucura, fazer de pronto o diagnóstico diferencial, para que, se for obsessão, não chegue esta a desorganizar o cérebro, que é o órgão atacado pelo obsessor.

Ora, não tendo a Ciência meio seguro de fazer aquele diagnóstico, mesmo porque só existe para ela a loucura, é óbvio que devemos procurar recursos, para verificarmos se existe a obsessão, no Espiritismo científico.

O médico materialista só vê desarranjos mentais, e, pois, só aplica o tratamento apropriado à loucura.

Quando não colhe resultado (e nunca o poderá colher nos casos de obsessão), nem de leve suspeita que sua é a falta; o que julga, com toda a suficiência, é que o mal é incurável.

E assim acabam infelizes vítimas da Ciência. Dissemos acima que, se obtivéssemos a sonambulização ou a hipnotização (que são a mesma coisa) do louco propriamente dito, teríamos necessariamente a lucidez de seu espírito, prova de que a alma conserva intacta sua faculdade pensante, mesmo que não possa manifestá-la pelo instrumento especial, o cérebro.

Este fato não se dá sempre, por não ser sempre possível hipnotizar, em razão de haver pessoas refratárias, como o declara Charcot.

Nos casos de obsessão, temos naturalmente a mesma dificuldade, mas, quando for possível?

Por muito tempo acreditamos ser este um precioso meio de distinguir, mediante os esclarecimentos prestados pelos hipnotizados, quer se trate de loucura, quer de obsessão.

Ultimamente, porém, tratando de uma jovem, Florinda, que se acha, por louca, no hospício, mas que soubemos ser obsidiada reconhecemos que o espírito da doente, embora lúcido, não sabe ao que deve seu desgraçado estado.

Efetivamente, temo-nos sido permitido evocar o espírito de Florinda, por mais que questionássemos sobre a causa de sua detenção no hospício, nenhuma luz nos pôde dar, apesar de ter seu espírito o pleno, caso de suas faculdades mentais.

Se este meio nos falha, não devemos cruzar os braços, conjeturando que a falha não se dará em todos os casos, mas, sim, recorrer sempre a ele e a outros.

Quem veio definir a diferença dos princípios causais da alienação mental, foi o Espiritismo, pelos ensinos dos Espíritos. Por que, então, não recorrermos a esta fonte, para colhermos os meios de distingui-los?

Há pouco dissemos que soubemos ser Florinda uma alienada por obsessão, enquanto a Ciência a tinha na conta de alienada por loucura.

E acrescentamos que os fatos vieram provar a verdade do que soubemos: manifestando-se o perseguidor.

Já daí se infere que, nos casos de alienação mental por lesão do cérebro, nenhum espírito perseguidor virá à evocação, visto que não há perseguição.

Assim, pois, este processo espírita dá a diferença dos dois casos.

É verdade que maus Espíritos podem, nos casos de loucura, apresentar-se, como obsessores; para nos enganarem, mas, em primeiro lugar, a mistificação deixa sempre uma pontinha, por onde a descobrimos, e, em segundo lugar, o obsidiado nada perde com tal

mistificação, porque, em todos os casos, moraliza-se o Espírito enganador.

O método que seguimos, sempre com resultado, é consultarmos, mediunimicamente, a um Espírito, que do espaço faz a caridade de receitar para os homens doentes, sobre a natureza da alienação mental, no caso que se nos apresenta, e procedermos à contraprova do que recebemos em resposta.

Se nos disser que é loucura propriamente, evocamos o Espírito que possa causá-la, e nenhum se apresentará, ou apresentar-se-á um mistificador, que é fácil desmascarar.

Se nos disser que é obsessão, procedemos do mesmo modo, e o obsessor virá em confirmação do que foi dito.

Neste caso, a cura pelos meios morais será a melhor prova da exatidão do diagnóstico, prova que nunca nos falhou em dezenas de experimentações.

*

Reconhecida a dupla espécie de loucura, tendo cada uma mui diversa causa, compreende-se que não é racional aplicar-se a todos os alienados o mesmo sistema de tratamento.

Deixemos aos alienistas o cuidado de tratarem a loucura propriamente dita, e ocupemo-nos com o tratamento da loucura por obsessão.

Esta espécie tem por condição a perturbação funcional de um órgão que, enfraquecendo as energias morais do indivíduo, é aproveitado pelo obsessor para seu nefando fim.

Na maior parte dos casos, enquanto o espírito obsessor não tem ainda dominado o Espírito ou a vontade de sua vítima, a cura do órgão doente fecha a porta à maléfica influência.

Quando, porém, esta já é dominante, inútil será o tratamento terapêutico, aliás, necessário à cura do órgão afetado, porque o mal já é independente do ponto que lhe deu acesso.

Entretanto, nunca esse tratamento deve ser desprezado, primeiro, porque nunca se deve desprezar uma enfermidade, e, segundo, porque, embora se logre afastar o obsessor, outros e outros virão, se não se tiver tido a precaução de fechar-lhes a porta.

Para bem compreender-se o que aí fica exposto, é preciso saber-se que, se um Espírito obsidia por ódio e por vingança, inúmeros são os que o fazem pelo nefando prazer de causar dano a seu semelhante, só pelo gosto do mal.

Sendo assim, e sabido que os Espíritos malignos entram pela porta que lhes abrem as moléstias do corpo, desde que as do espírito concorram, é óbvio que, embora a cura daquelas nada influa sobre o que já entrou, embaraçará os que estão fora.

E eis por que é de rigor curar-se a lesão de qualquer órgão doente dos obsidiados.

Conjuntamente com este esforço, devem-se empregar todos os meios de moralizar o Espírito do obsidiado, fazendo-o ver que seus defeitos, seus vícios, seus maus sentimentos, tudo o que não é conforme com os preceitos do Evangelho, atrai para junto de si nuvens de Espíritos, que se apraze com aqueles elementos do mal, assim como afasta de si os bons Espíritos, seus protetores, donde ficar ele à mercê dos que só não fazem mal quando não podem.

Se se conseguir a regeneração do infeliz, não somente o livraremos de seu obsessor, pois a obsessão é uma pena e ninguém sofre pena depois de arrependido, como fica completamente abroquelado contra os dardos de quantos pretendam fazer-lhe mal.

Como, porém, moralizar um louco?

Já dissemos que o espírito não enlouquece e que a loucura consiste, não na perturbação do pensamento, mas, sim, na de sua manifestação.

Sendo assim, e visto que os Espíritos quer desencarnados, quer encarnados, acodem à evocação, sempre que é feita no intuito do bem, eis como se consegue moralizar um louco ou obsidiado.

Em nossos trabalhos experimentais, temos tido inúmeras ocasiões de evocar o Espírito de pessoas obsidiadas, para moralizá-las, e sempre que as encontramos dóceis aos nossos conselhos, temos conseguido romper as trevas da inconsciência que as envolviam.

Casos, porém, temos visto, de Espíritos refratários, dominados do sentimento de orgulho ou de outros maus, e nestes todo o esforço tem sido inútil.

Deste gênero, referimos um caso a que assistimos no grupo espírita dirigido pelo ilustrado e virtuoso Dr. Antônio Luís Saião. (1)

(1) Autor da obra Elucidações Evangélicas. (N. E.)

O obsidiado, Carlos Batista - moço de tão bom comportamento, que o fazia estimado por quantos o conheciam - quando, evocado para reconciliar-se com o obsessor, que se convertera, repeliu o inimigo, de joelhos a seus pés, e todos os conselhos e rogos do grupo, dizendo que pouco lhe importava sofrer, porque contava que um dia faria sofrer o mesmo que tanto mal lhe fizera, e agora lhe pedia perdão.

O resultado do seu endurecimento foi retirar-se, regenerado, o obsessor, e continuar ele em sua alienação, por obra de outros, atraídos por suas ruins disposições morais.

É, portanto, condição de cura dos obsidiados, além do tratamento das lesões orgânicas, que tenham dado entrada ao obsessor, a moralização do Espírito deles mesmos, e esta mais do que aquela.

Não pára, porém, aí o tratamento.

Ao mesmo tempo em que se empregam aqueles dois meios, deve-se trabalhar com o mais amoroso empenho na moralização do Espírito obsessor, fazendo-o sentir a imensa responsabilidade que chama sobre si, calcando aos pés a lei do amor ao próximo, e o sublime exemplo do perdão, dado por Jesus, do alto da cruz. Em dezenas de trabalhos desta

ordem, só um Espírito encontramos que resistiu a tudo, preferindo toda a espécie de sofrimento, a largar das suas garras a presa, em quem cevava velho ódio de passadas existências.

Convém, porém, observar que, embora a loucura por obsessão não dependa de lesão cerebral, pode esta lesão vir a dar-se, por causa da obsessão.

Não é causa; mas pode vir a ser efeito.

A ação fluídica do obsessor sobre o cérebro, se não for removida a tempo, dará necessariamente em resultado o sofrimento orgânico daquela víscera, tanto mais profundo, quanto mais tempo estiver sob a influência deletéria daqueles fluidos.

Não vemos uma afecção do fígado, produzindo a perturbação no sistema circulatório, refletir sintomaticamente sobre o coração, que, pelo correr do tempo, vem a sofrer organicamente.

Qualquer órgão do corpo humano, perturbado em sua função por uma causa permanente, não acaba por sofrer essencialmente?

O que era sintomático passa a ser essencial.

Pois é em virtude dessa lei que o cérebro, perturbado em sua função pelos fluidos do obsessor, acaba por sofrer em sua organização.

Neste caso, embora se liberte da ação obsessora, não poderá, senão por longo e sábio tratamento, recuperar o obsidiado sua lucidez intelectual.

E é de simples intuição, porque, cessando a causa perturbadora da manifestação do pensamento, não pode desaparecer esta perturbação, visto como o órgão da transmissão está inábil, e sê-lo-á, por mais ou menos tempo, para o exercício da função.

Aqui, dar-se-á a loucura, não mais pela obsessão, porém pela lesão do cérebro, tal qual no caso da loucura propriamente dita.

Cura-se a obsessão, mas não os efeitos materiais, ou antes, reduz-se uma loucura por obsessão às legítimas condições da loucura propriamente dita, somente com a diferença de imbecilidade ou

idiotismo, porque, em geral, em vez de excitação, fica da obsessão debelada uma depressão cerebral.

*

Em resumo.

Pelos meios espíritas, que nos dão a ciência da loucura por obsessão, é que podemos fazer, com segurança, o diagnóstico diferencial desta espécie, ainda desconhecida da Medicina, que a confunde com a loucura por lesão cerebral.

E, uma vez feito aquele diagnóstico, cumpre aplicar-se à obsessão um tratamento especial, como é de lógica rigorosa.

Esse tratamento é misto, isto é, moral e terapêutico, principalmente moral.

No princípio, enquanto os fluidos maléficos do obsessor não têm produzido lesão cerebral, deve-se procurar elevar os sentimentos do obsidiado, incutindo-lhe na alma a paciência, a resignação e o perdão para seu perseguidor, e o desejo humilde de obtê-lo, se em outra existência foi ele o ofensor.

Alcançado este desiderato, pela evocação do Espírito encarnado, deve-se evocar o do obsessor, e trabalhar com ele no sentido de removê-lo da perseguição, fazendo-o conhecer a lei pela qual terá de pagar, em dores, todas as que tem feito sua vítima sofrer, sem o que jamais poderá tomar a via que conduz às regiões da felicidade.

Como vimos, só uma vez em vinte e tantos casos foi malogrado nosso esforço nesse sentido.

Em todos os demais, alcançamos a cura completa dos obsidiados, e a regeneração de seus obsessores.

Quando, porém, a ação fluídica do obsessor tem castigado por muito tempo o aparelho material da vítima, produzindo lesões orgânicas em uma ou mais vísceras, o tratamento deve compreender a

moralização acima prescrita, quer do obsidiado, quer do obsessor, e, conjuntamente, as aplicações terapêuticas, para a cura das lesões orgânicas.

Em geral, esta parte da cura, mesmo quando o perseguidor tem abandonado sua vítima, é longa, porque se tem de reconstituir quase todo o organismo.

Perseverança e fé vencerão todas as dificuldades, como acontece sempre que combatemos uma enfermidade inveterada por longo abandono.

O que mais sobressai nestes casos de obsessão, cuja causa já foi removida, é a depressão cerebral, que leva o indivíduo a uma indiferença desesperadora.

Perseverança e fé, e tudo cederá, e a reação, embora lenta, coroará nossos esforços.

Já vai longo demais este ensaio, que empreendemos no simples intuito de chamar, para a questão que levantamos, a atenção dos competentes.

Depomos, pois, a pena, pedindo aos sábios escusas para a nossa ousadia, e rogando a Deus que dê vida aos nossos pensamentos, para que possam produzir frutos do bem.

Max

FIM